

O
PRIMEIRO
BATISTA

Stanley E. Anderson

Imprensa



Palavra Prudente

A Verdade em texto, mp3, vídeo

C. P. 4426

19020-970 Presidente Prudente, São Paulo

Copyright

Alguns direitos reservados:

O conteúdo deste livreto pode ser copiado gratuitamente, sendo guardado em computadores, publicado em *blogs*, páginas na *Internet*, etc. O autor pede que o conteúdo sempre carregue o seu nome como responsável e autor e que cite a fonte do link da fonte ou o endereço postal da imprensa da fonte.

A copia pode ser distribuída mas não pode ser vendida, a não ser para recuperar os custos básicos de manejo ao fazer a copia.

Imprensa



Palavra Prudente

A Verdade em texto, áudio e vídeo
C. P. 4426
19020-970 Presidente Prudente, São Paulo
Primeira edição: 07/2013

Impressa no Brasil

INTRODUÇÃO

Durante três anos de meus estudos na faculdade no Seminário Teológico Batista do Sul em Louisville, Kentucky, eu revisei todo o campo de estudo do Novo Testamento, lembrando que um dia eu trabalhei com um Ph.D. eu pedira para ele apresentar um assunto no qual eu iria escrever uma tese de doutorado. Depois de verificar toda a gama das quase ilimitadas facetas da vida e literatura dos dias de Cristo e dos apóstolos, eu escolhi para meu assunto o ministério de João o Batista.

Nesses dias de pesquisa intensiva e desde muitos anos, eu agradei a seleção do estudo. Nenhuma maior contribuição alguma vez foi feita a minha própria vida e para minha compreensão da mensagem cristã do que este conhecimento íntimo com a obra do grande Batista. Para meu espanto, aprendi durante o tempo dessa pesquisa que há pouca coisa escrita sobre este homem que foi o segundo maior nascido de mulher. Por que ele foi negligenciado ainda é um mistério para mim.

Esta é uma razão para minha grande apreciação do material escolhido pelo Dr. Anderson, ao conhecer a sua intenção de publicar este volume em João. Tendo visto o manuscrito e tendo seguido a linha clara desta discussão, eu agradeço duplamente. Para tudo que conhecem mais de Cristo e para todos os que seguem o doce, espírito humilde de João, o primeiro batizador, estas páginas serão uma bênção inenarrável. A chamada e a obra de João o Batista eram do céu. Explicitamente e repetidamente, as Santas Escrituras apresentam João como sendo pessoalmente uma criança nascida no propósito eletivo de Deus e as palavras que ele pregou e o batismo que ele instituiu não foram menos que as diretivas do céu.

Não é coisa tal como entender o ministério cristão e a mensagem cristã sem entender a mensagem e o ministério de João primeiro. Pelos olhos do Dr. Anderson e pela sua pesquisa paciente e cuidadosa, veremos este grande pastor em toda a sua glória, em todo o seu significado, e em toda a sua doce humildade em como ele preparou o caminho para o nosso Deus.

Abençoados são os olhos que vislumbram estas páginas; abençoado é o professor e o pastor que possuem este volume. Acima de tudo, que Deus abençoe aos seus filhos na terra com o exemplo incomparável do primeiro batista que viveu para nenhum outro propósito além de apontar os homens a Cristo. Que o Senhor possa fazer de nós todos ganhadores de almas como ele.

Pastor W. A. Criswell,

Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas.

PREFÁCIO

Autor: Você acha que João o Batista foi o primeiro batista?

Leitor: Que tipo de batista você quer dizer? Do sul? Americano? Conservador? Geral? O que você quer dizer por batista?

Autor: Quero dizer o Batista do Novo Testamento. Esquecido pelos batistas por vinte séculos. João foi o primeiro batista do Novo Testamento ou o primeiro batizador? Se ele não foi o primeiro batista, quem foi?

Leitor: Eu tenho lido que João copiou o batismo de prosélitos que existia anteriormente. Se foi assim, então ele não foi o primeiro a batizar.

Autor: Mas Jesus disse, por implicação, que o batismo de João veio do céu, da mesma forma que a Sua autoridade veio também do céu (Mateus 23-25). Seus críticos não puderam dizer que o batismo de João era dos homens, ou de uma geração anterior. Tudo nesta passagem, como em Marcos 11:27-33 e em Lucas 20:1-8, parece dizer que João foi o primeiro batizador e portanto o primeiro batista.

Leitor: Se é isso, qual é o problema? Por que a preocupação com João o Batista? Por que não dar mais atenção ao Senhor Jesus?

Autor: Este é o ponto. A maioria das pessoas ignora o que Cristo disse sobre João o Batista. Mas Jesus honrou a João mais do que qualquer outra pessoa na terra. Se seguirmos a Cristo, tentaremos compreender melhor o que Ele disse sobre João, por que Ele o elogiou tão efusivamente e o que outros disseram sobre ele. Se nos tornarmos mais como João, podemos ter mais da aprovação de Cristo.

Leitor: Agora eu entendo a sua mensagem!

O propósito deste livro não é vangloriar-se sobre algum batista. Nem fazer um esforço aqui com o fim de demonstrar uma histórica ou cronológica conexão entre os batistas contemporâneos e João. Antes, é ajudar a apresentar uma conexão que é doutrinária, lógica e bíblica. Tal como um estudo que deva ter valores duradouros.

Resumidamente, a missão deste livro é semelhante em propósito com a missão de João o Batista. Este livro (oramos para isso) irá ajudar a:

1. Preparar o "caminho do Senhor" (Lucas 3:4).
2. Endireitar a "vereda do nosso Deus" (Isaías 40:3).
3. Mostrar para as pessoas "o cordeiro de Deus" (João 1:29).
4. Fazer Cristo manifesto através do batismo (João 1:31).
5. Revelar a "glória do Senhor" (Isaías 40:5).
6. Restaurar o significado original da palavra "Batista" (Lucas 7:28-30).
7. Alcançar a aprovação de Cristo (Mateus 11).

Por muito tempo João o Batista tem sido escondido pelos pedobatistas, dispensacionais e acumulações interdenominacionais de doutrina, uma vez apreciadas por este escritor.

Este livro tenta recolocar o Novo Testamento inteiro como a primogenitura para todo crente e o alicerce doutrinal para cada Igreja.

A terra rica dos quatro Evangelhos, incluindo João o Batista, provê nutrição rica para todos os cristãos. Como a raiz dá força a um grande carvalho, assim a inspiração da vida de João o Batista pode revigorar toda pessoa que o considera seriamente. Cristo o honrou; ousamos fazer menos?

Agradeço a vários estudiosos competentes que leram o manuscrito original. A maioria das suas sugestões foi alegremente usada. Qualquer erro restante é do autor. Obrigado também aos publicadores pelas valiosas indicações. Que este volume possa fazer Cristo melhor conhecido e obedecido.

Stanley E. Anderson

CAPÍTULO 1—DIVINAMENTE ELOGIADO

Jesus disse: “não apareceu alguém maior do que João o Batista”.

Superlativos são comuns e a maior parte deles difíceis de apoiar com provas. Mas como sempre, o Senhor Jesus falou aqui com a voz de autoridade divina. Temos então, uma surpreendente declaração sobre um grande homem, feita por alguém infinitamente grande. Por isso Jesus fala em Mateus 11:11 com ênfase:

“Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele”.

Buscando respostas para certas questões, o significado de Cristo ter falado tão esplendidamente de João o Batista pode ser descoberto.

CRISTO CHAMOU JOÃO O BATISTA DE O MAIOR HOMEM DA HISTÓRIA?

Um anjo do Senhor anunciou a Zacarias, o pai de João, que ele seria “grande diante do Senhor” (Lucas 1:15). Alguns homens são grandes aos seus próprios olhos, alguns o são aos olhos de seus contemporâneos, mas João foi grande aos olhos do Senhor.

João era “cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe”. (Lucas 1:15). Quem mais em toda a literatura sacra ou secular recebeu tal declaração? Este dom desde antes de nascer e conservado em sua vida, enriqueceria suas obras e palavras com autoridade divina. João foi destinado a ir a muitos de seus contemporâneos para convencê-los a aceitar o Senhor como seu Deus; ele foi, e "levantou uma salvação poderosa"; e "Para dar ao seu povo conhecimento da salvação, Na remissão dos seus pecados" (Lucas 1:16, 69, 77).

O primeiro homem no Novo Testamento com distinção (um abnegado!) tinha “espírito e virtude de Elias” (Lucas 1:17), que foi um profeta de renome no Antigo Testamento. João foi “converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos” (Lucas 1:17).

João o Batista foi "enviado de Deus" (John 1:6) para "preparar ao Senhor um povo bem disposto" (Lucas 1:17). Esta foi uma grande ordem de fato. Entre as multidões que João preparou para o Senhor estavam os doze discípulos (Atos 1:22) e alguns dos "quinhentos irmãos" que viram o Senhor Jesus ressuscitado (I Co 15:6). Este número indica a imensa multidão que veio a ele, acreditando em sua mensagem sobre Cristo, e sendo então batizados por ele (Mateus 3: 5-6).

Se os cristãos de hoje tem o mesmo espírito e poder de João o Batista e se eles usam o seu método, eles podem também preparar multidões para o Senhor.

Entre os muitos serviços que João fez para o seu Senhor um era este: "Endireitar as suas veredas" e "aplainar os caminhos escabrosos" (Lucas 3:4-5). Ele foi um homem que tornou real o provérbio: “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito”. (Pv. 4:18).

Todos os que seguiram a João sinceramente foram levados ao Senhor Jesus Cristo. (Uma grande razão para um livro em João: levar as pessoas a Cristo).

O precursor empurrou para longe os duros costumes dos legalistas fariseus com suas onerosas demandas. E as humildes almas que ele anunciou as boas novas que por longo tempo esperavam o Messias o que traria com Ele a divina salvação.

João tinha a única honra de ser o primeiro a apontar Cristo como o Cordeiro de Deus e Filho de Deus investido com toda a divindade (João 1:29, 34). Ele descreveu a Cristo pelas palavras inspiradas pelo Espírito Santo (Lucas 3:16, 17). A permanente honra pertencente a João para sua exaltação e privilégio foi o de ter batizado ao seu Senhor (Mateus 3-17).

Esta distinção é mais merecida porque João se sentiu indigno de officiar neste serviço divino onde, pela primeira vez na história a Trindade aparecia ao mesmo tempo e no mesmo lugar. A humildade de João apesar de suas altas honrarias é repetidamente declarada em bela linguagem. Ele disse de Cristo: "cujas alparcas não sou digno de levar" (Mateus 3:11); "Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das suas alparcas." (Marcos 1:7); "É necessário que ele cresça e que eu diminua." (João 3:30).

João não foi "uma cana agitada pelo vento" (Mateus 11:7). Ele foi mais do que o forte carvalho. Ele não foi "um homem ricamente vestido"; antes ele se trajava com pele de camelo. Jesus disse dele: "um profeta? Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta".

O Batista foi fiel até a morte. Ele poderia ter sido um dos que bajulavam na corte do rei Herodes, "Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo; e guardava-o com segurança, e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa mente o ouvia" (Marcos 6:20). Mas João escolheu a retidão ao invés da fama. E porque pregou ética cristã audaciosamente sem compromisso ou limitação foi vítima da maldade de Herodias que o matou movida pelo ódio (Marcos 6:24-28).

João o Batista assemelhou-se a Cristo, aparentemente mais do que qualquer outro homem na história. Ele foi tomado por Cristo e Cristo foi tomado por ele.

Quando Cristo tornou-se conhecido e depois da morte de João, Herodes pensou que Cristo fosse João ressuscitado dos mortos (Mateus 14:1-2). Ainda mais adiante, alguns disseram que Cristo era João o Batista (Mateus 16:14). Isto foi um elogio superlativo de João: alguns que conheciam tanto a João quanto a Jesus confundiam um com o outro.

E os que pensavam que João tinha ressuscitado dos mortos (ninguém havia sido antes) por meio disso indicou quão grande eles pensavam que João era.

A grandeza moral de João distinguia-se mais quando é dito que ele "João não fez sinal algum" (João 10:41) e que Jesus fez milagres espantosos; ainda que João era, na mente de muitos, igual a Cristo. O número total de versículos na Bíblia relativos a João excede o número total de versículos de cada um dos trinta e três livros mais curtos da Bíblia.

Enquanto isto não é um critério por si mesmo, mas é um indicativo de que o Espírito Santo honrou a João. Enfatizando Suas palavras, Jesus disse: "Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele". (Mateus 11:11). Isto leva a uma importante questão:

QUEM É O “MENOR” NO REINO DOS CÉUS?

Podemos seguramente ordenar três classes de pessoas a quem o Senhor Jesus NÃO definiu pela palavra “menor”.

Os patéticos apóstatas em várias igrejas, ainda que uma vez regenerados, certamente não são maiores do que João o Batista!

Dizer que eles são “posicionalmente grandes, mas não moralmente” (Scofield) simplesmente não é verdade; uma declaração tal como esta é uma tentativa de distorcer o dispensacionalismo. (Mas não está rejeitando as divisões dispensacionais da Bíblia).

Os muitos versículos citados acima colocam João onde Jesus o colocou – grande posicionalmente e moralmente mais do que qualquer um de seus predecessores. Esta pessoa “menor” não é algum assunto futuro no milênio sobre o qual conhecemos muito pouco.

Sabemos mais sobre o reino mencionado por Cristo. João estava nele (Lucas 16:16); ele pregou sobre isto e sobre este Rei; sua vida e ministério tem pontos em comum com o de Cristo; e ele sempre foi obediente ao Seu Rei, por esta razão ele foi leal a este reino. "O teu reino (do Hebreu malekuth) é um reino eterno; o teu domínio dura em todas as gerações." (Salmos 145:13).

Mais é dito sobre este reino em Salmos 45:6; 103:19; 145:11, 12.

Nem pode ser este “menor” uma pessoa que foi contemporânea de João. Cristo não deu elogios assim a mais ninguém, nem mesmo para Sua própria mãe. Nem poderia ser o grande apóstolo Pedro, importante como ele era, comparado com João.

E diferente de Paulo, João o Batista nunca foi um perseguidor ou um blasfemador (I Tm 1:13), como Saulo de Tarso foi antes de sua gloriosa conversão. Isto não é dizer que ele foi sempre perfeito ou sempre pecador, pois "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rom. 3:23).

Que alguém cite João 14:12: "aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas " ou João 16:12-13: "ele vos guiará em toda a verdade" como indicando a grandeza de João, uma rápida comparação de João com qualquer cristão ao longo da história deve dar a ele prioridade.

Isto deve ser claro à luz da palavra grega usada para “menor”.

“Menor” (do grego mikros) pode se referir a tempo, idade ou aparência.

Assim está em Marcos 15:40: “Tiago o menor” (mikrou) simplesmente significando que Tiago era jovem. Sessenta vezes no Novo Testamento a palavra mikros e suas formas cognatas são usadas em referência a tempo. Esta palavra também é usada na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, em Gênesis 25:23; Josué 6:26 e Jeremias 42:1. Então podemos também referir a Cristo de Si mesmo em Mateus 11:11 e em Lucas 7:28.

Uma aparente inconsistência similar é encontrada em Lucas 14:26: “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe ... não pode ser meu discípulo”.

Jesus espera que odiemos nossos pais? É claro que não; Ele simplesmente quis dizer que devemos amá-Lo mais do que nossos pais.

Se permitirmos "menor" para significar "posterior" em Mateus 11:11, tudo se ajusta belamente. Cristo entrou em cena depois de João. Ele nasceu seis meses depois de seu precursor (Lucas 1:36).

João refere-se a Cristo como "aquele que vem após mim" (Mateus 3:11); "mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu" (Lucas 3:16); "O que vem após mim" (João 1:15); "Este é aquele que vem após mim, que é antes de mim" (João 1:27); " Após mim vem um homem que é antes de mim" (João 1:30).

Todos os fatos se ajustam bem em Mateus 11:11 quando deixamos “menor” significar “depois” e assim declaramos que somente Cristo foi maior do que João.

Crisóstomo (347-407 d.C), orador cristão, exegeta das Escrituras, patriarca de Constantinopla e pai da igreja, um dos quatro grandes doutores do leste, interpretou Mateus 11:11 “como uma assertiva da própria superioridade do Senhor em relação a João: “eu que sou menor em idade e na opinião do povo, sou maior do que ele no Reino dos Céus”.

Jerônimo (347-420 d.C) da igreja do oeste, disse que isto foi uma interpretação comum em seus dias. “Erasmus aprovou”. (1466-1536).

A. T. Robertson em vida, talvez o maior erudito em grego do Novo Testamento, escreveu: “é uma posição suprema que João ocupou. Ele ficou próximo ao Filho de Deus [Ele ficou próximo ao próprio

Filho de Deus]. Essa honra foi além da recebida por Abraão, Moisés, Davi, Isaías, Sócrates, Platão, Demóstenes, Alexandre, Judas Macabeus, Hillel ou Shammai” (John the Loyal, p. 234). (Ao citar eruditos ou pontos em particular, ninguém necessita assumir que todos os outros pontos foram endossados por este livro).

“O conselho de Deus”, Cristo disse em Lucas 7:29-30, foi equivalente ou similar em divina autoridade ao batismo de João. Isto elevou a mensagem e o batismo de João de fato a uma alta posição. Cristo fez esta assertiva somente porque João era cheio do Espírito Santo e O obedecia quem inspirou suas palavras e obras.

A propósito, Cristo mesmo definiu a pessoa de que é de fato o menor no reino. “Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus”. (Mateus 5:19). João o Batista está entre os grandes.

Mas e os que negam o seu batismo e ensinam assim aos outros?

Depois de tudo o que foi dito da grandeza de João, o melhor de tudo é que ele aponta para o Senhor Jesus Cristo.

Ele preparou as pessoas para o Senhor (então podemos fazer muitas coisas que João fez).

Ele os levou a crer em Cristo e então os ajudou a confirmar sua fé através do batismo público. Isto leva a outra interessante e provocativa questão:

JESUS CHAMOU JOÃO DE O PRIMEIRO BATISTA?

(Por 20 séculos Batistas não afirmam terem identidade com João, como regra. Se eles podem seria uma alta honraria de fato). Jesus fortemente implica que João foi o primeiro batista em Mateus 21:24-27; Marcos 11:27-33 e Lucas 20:1-8.

“O batismo de João, de onde era? Do céu, ou dos homens?”

Se João tinha copiado o batismo de modelos anteriormente existentes como alguns eruditos dizem, então os antagonistas de Cristo poderiam facilmente ter escapado do dilema dizendo “dos homens”. Mas: “tememos o povo, porque todos consideram João como profeta”.

Todos eles sabiam que o batismo de João era algo novo, nunca antes visto. Mas se eles admitissem que veio do céu Cristo diria: "Então por que o não crestes?"

Por consequência, Jesus disse àqueles que o confrontavam que Sua autoridade veio da mesma fonte que a de João – do céu. Portanto, João foi o primeiro batizador; ele foi o primeiro Batista. João 1:33: “mas o que me mandou [Deus] a batizar com água”. Desde que João foi o primeiro batizador e desde que seu nome foi “Batista”, ele deve ter sido o primeiro Batista.

Se João não foi o primeiro Batista, quem foi?

O Antigo Testamento silencia sobre “batismo de prosélitos”; da mesma forma escritos da Apocrypha, Filo e Josefo.

Os banhos dos essênios não tinham relação com o batismo de João. Albert Schweitzer escreveu que nenhum rito de purificação das religiões comparadas podem explicar o batismo de João. (The Mysticism of Paul, p. 232).

Rudolph Bultman: “Certamente não há testemunho para a prática de batismo de prosélitos encontrados antes do fim do primeiro século” (Theology of the New Testament, 40).

A. H. Strong: “o batismo de João foi essencialmente um batismo cristão, ainda que o significado pleno não tenha sido entendido até após os eventos da morte e ressurreição de Jesus” (Systematic Theology, p. 932).

Entre outros eruditos que afirmam que o batismo de João foi novo e único então: C. A. Bernardi in *Johannes der Taufer and die Urgemende*; Markus Barth in *Die Taufe—ein Sakrament?*; Edward Irving in *Works*, II, p. 40; e eruditos pedobatistas tais como: Whitby, Lightfoot, Scott, Henry, Adam, Clark, Wesley e Bloomfield. Ninguém foi chamado “Batista” antes de João, o filho de Zacarias. O nome “Batista” é encontrado quinze vezes no Novo Testamento e nenhuma vez em todo o Antigo.

A primeira destas está em Mateus 3:1, onde o Espírito Santo usou ao falar através de Mateus.

Então Cristo usou o nome “Batista” cinco vezes: Mateus 11:11-12; 17:13; Lucas 7:28, 33.

Amigos do Batista usaram este nome quatro vezes: Mateus 16:14; Marcos 8:28; Lucas 7:20; 9:19.

Os antagonistas usaram este nome cinco vezes: Mateus 14:2, 8; Marcos 6:14, 24, 25.

A American Standard Version usa “João o Batizador” em Marcos 6:14, 24.

O significado é o mesmo.

“Qual foi a origem do batismo de João?” pergunta A. T. Robertson em “John the Loyal” (p. 79).

“O verdadeiro título “o Batista” argumenta a originalidade do batismo de João em algum sentido”. Considerando a questão feita do batismo em João 1:25: “Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo ...?”

Robertson comenta: “o ponto da questão é que o Messias não causaria surpresa se ele fosse introduzir um novo rito como este”. Mas se João não era alguém importante, porque ele batizava? A questão argumenta a novidade do batismo de João... Jesus claramente implica que o batismo de João tinha mais do que uma mera origem humana... foi de fato, uma nova ordenança, equivalente ao voto, e especialmente diferente das lavagens cerimoniais que os judeus estavam familiarizados”.

Os essênios, como eram conhecidos, tinham alguns tipos de imersão. Os judeus e outros tinham também práticas de abluções cerimoniais, banhos, lavagens em seus ritos religiosos. Mas estes diferiam radicalmente do batismo de João. Eles não apontavam para Cristo; eles não eram simbólicos da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo como claramente é visto em Lucas 12:50; Romanos 6:3-5; Colossenses 2:12; I Pedro 3:21; eles não significavam os recipientes da morte para o mundo de pecado e nova vida em Cristo (Rom. 6:6-13); eles não significavam conversão e eles não eram de uma vez por todos votos de lealdade a Cristo que foi batizar Seus seguidores no Espírito Santo.

Admitidamente, o batismo de João não pode ter alcançado muito significado aos seus convertidos como fez os batismos do Novo Testamento, quando a obra de Cristo foi melhor conhecida e explicada. Similarmente, um convertido aos doze anos de idade provavelmente conhece menos do batismo do que um convertido aos vinte ou trinta anos de idade. Ainda que ambos os batismos sejam válidos. Em cada caso o convertido precisa continuar a aprender mais do Evangelho por toda a sua vida.

Que João o Batista foi o primeiro cristão pregador é visto nisto: ele preparou o caminho para Cristo; ele endireitou Suas veredas; ele apontou para Cristo; ele batizou a Cristo; ele continuou magnificando a Cristo; ele usou o mesmo texto que Cristo e outros pregadores do Novo Testamento usaram; ele ensinou e batizou os primeiros cristãos e seu ministério foi similar ao de Cristo.

Se João não pertenceu a dispensação do Novo Testamento, como alguns dizem, então como pôde Cristo estar “nos dias da sua carne”? O nome “João” foi divinamente dado antes do nascimento do Batista (Lucas 1:13, 60-66).

O nome “Batista” foi aparentemente dado por direção divina. Desde que “toda a Escritura é divinamente inspirada” (2 Tim.3:16), devemos aceitar Mateus 3:1 também como inspirado. Então o nome “Batista” é um nome mais do que de origem humana.

Parenteticamente, é necessário aqui declarar que sem pretensão de orgulho, há uma conexão histórica ou linha de sucessão ininterrupta entre o primeiro batista e os do atual século. Parece desnecessário fazer qualquer afirmação sobre a sucessão apostólica nesta consideração, ainda que alguns o façam assim de modo sincero. Mais para ser desejado é uma sucessão doutrinal, ou espiritual, ou lógica com este precursor que Cristo endossou. É esperado que este estudo seja útil em estabelecer uma familiaridade espiritual com o primeiro pregador da era cristã. Ninguém deve se orgulhar de seu nome denominacional, exceto quando o nome pode apontar para Cristo de um modo significativo.

“A causa principal de nosso regozijo não é por tanto por causa de nosso nome, mas é porque seguimos o exemplo de uma grande pessoa”. (W. E. Powell). E aqueles que estão unidos com Cristo em elogiar João o Batista devem fazer isto com o mesmo motivo que Cristo teve em mente: enaltecer e magnificar o Evangelho que ele pregou tão efetivamente.

Ninguém pode dividir a glória que é de Deus: "a minha glória, pois, a outrem não darei" (Isa. 42:8; 48:11). Neste estudo de João é esperado que acrescente a glória do Senhor por mostrar quão fiel ele foi com o Evangelho. Isto nos compele a próxima questão que é:

JOÃO COMEÇOU A DISPENSAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO?

O mais curto dos Evangelhos, e alguns dizem ser o primeiro, começa com esta significativa declaração: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Marcos 1:1). Então os dez versículos seguintes falam do ministério de João o Batista, incluindo seu batismo do Senhor Jesus. Isto parece colocar João no começo e dentro da era do Novo Testamento.

Mas alguns ainda objetam. O começo, eles dizem, não pode ter sido antes da morte de Cristo na cruz, ou na Sua ressurreição, ou na Sua ascensão, ou no pentecostes.

Quando os Estados Unidos começaram a se tornar uma nação independente? Foi em Boston, aos 16 de dezembro de 1773? Ou na batalha de Lexington aos 19 de abril de 1776? Ou assinatura da declaração em 4 de julho de 1776? Ou na rendição de Cornwallis aos 19 de outubro de 1781? Ou na assinatura do tratado de paz aos 3 de setembro de 1783? Ou quando a última tropa inglesa deixou a América aos 25 de novembro de 1783?

Alguns perguntam: Mas o começo da era do Novo Testamento é tão importante? Sim. Todos os cristãos tem direito a tudo dos quatro Evangelhos; eles são cristãos desde o começo. Um ministro bem conhecido deu uma série de “mensagens expositivas” sobre o Evangelho de Mateus e dizia frequentemente: “agora isto não é para você; isto é para os judeus”. Ele sofreu e causou sofrimento aos seus ouvintes, por seu dispensacionalismo defeituoso. Ele relegou João o Batista aos judeus e privou sua grande audiência de muita coisa do Evangelho. (Quando eu perguntei a ele se não estava pregando “Bullingerismo” [N.T.: de Heinrich Bullinger reformador suíço], ele negou, mas também cessou sua ênfase que estava dando neste ponto). Este é o tempo que João é restaurado ao seu próprio lugar como o primeiro pregador do Novo Testamento.

“De uma vez por todas, permita-nos dizer que esta teoria que tem contribuído de tão grande modo para uma compreensão errada da origem do cristianismo, a saber, que João pertenceu à antiga dispensação ao invés da nova”. (Wm. Arnold Stevens, *Addresses on the Gospel of St. John*, p. 30). “Se alguém afirma que o batismo de João tem a mesma força que o batismo de Cristo, seja anathema” (Concílio de Trento, *Ibid.*, p. 38). Isto é típico de Roma!

João o Batista tem lugar no começo do Evangelho de Mateus, logo após o relato do nascimento de Cristo. Depois do prólogo do Evangelho de Lucas em quatro versículos, a história de João começa. E o quarto Evangelho introduz o Batista em seu sexto verso. Esta proeminência e primazia não é algo accidental.

O Batista pregou o mesmo Evangelho que mais tarde os demais pregadores do Novo Testamento pregaram. Seus convertidos com certeza foram salvos como crentes. (Aqueles que estão em Atos 19:1-7 não foram convertidos de João) Uma leitura cuidadosa de Lucas 1:16-17, 69, 77; Atos 10:37; 13:24, indica a autenticidade do Evangelho de João. A palavra “anunciava” em Lucas 3:18, usada para João, no grego é euangelizeto, significa evangelizado, a palavra é usada dez vezes para pregar o Evangelho em Atos e onze vezes nas Epístolas.

Quando Pedro pregou pela primeira vez aos gentios, ele indicou que o Evangelho começou “depois (do grego meta, usualmente “com”) o batismo que João pregou” (Atos 10:37). A palavra “depois” aqui se refere não ao tempo, mas a maneira ou conteúdo. Robertson: “o batismo de João é dado como o término de um estado.”

Paulo em seu primeiro sermão incluiu uma menção a João o Batista. “Tendo primeiramente João, antes da vinda dele, pregado a todo o povo de Israel o batismo do arrependimento”. (Atos 13:24). De fato, a última menção de Paulo em Atos (28:31) é extraordinariamente similar a pregação de João o Batista. Nenhum profeta do Antigo Testamento pode, portanto ser comparado com João, certos críticos não obstante.

Uma passagem fundamental é a de Lucas 16:16: “A lei e os profetas duraram até (mechri) João; desde então é anunciado (euangelizetai) o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele”.

João não pregou as leis e as ordenanças do Antigo Testamento. Ele pregou o Reino de Deus e Cristo, Seu Rei. Portanto, a nova dispensação teve começo com a pregação de João, o primeiro pregador do Evangelho de Cristo do Novo Testamento. Isto é importante, clarifica a posição de João e Cristo o endossa. Evita a confusão de colocar muito do Novo Testamento de volta ao Antigo.

A. T. Robertson: “Marcos é justificado pela palavra de Jesus (Mateus 11:12f; Lucas 16:16) ao colocar João no começo da nova dispensação. O começo externo de fato foi quando João levantou sua voz no deserto. ‘Até João’, Jesus disse... Lucas é plenamente cômico que a nova era se abria com João (John the Loyal, 36). “O movimento cristão começou com João” (Ibid., p. 52). “João foi o primeiro e introduziu uma nova era... não foi dos ministros mais próximos de João que Pedro data a nova dispensação, mas do começo... é algo de suma importância marcar uma nova época. Foi o que fez João (Ibid., p. 286). “Mas como Paulo, assim como com Pedro, João foi o homem que introduziu uma nova era. Ele pregou primeiro o batismo de arrependimento e foi assim até a vinda do Senhor Jesus (Ibid., p. 288).

Doutor W. A. Criswell, pastor por um longo tempo na Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, escreveu em sua tese de doutorado: “João o Batista tem relação com o movimento cristão” (Southern Baptist Seminary, Louisville, Ky., 1937), “o movimento cristão começou com João” (p. 24). “O Evangelho de João começou com o ministério de João o Batista” (p. 25, from Bruce, Expositor’s Greek Testament Vol. I, p. 341).

Doutor R. C. H. Lenski, um luterano: “João estava no Reino, pela fé o admitiu e assim foi com todos os outros crentes. A suposição que o ministério de João foi até o antigo pacto é contradita pelo próprio Senhor Jesus que o descreve como assunto profético do Antigo Testamento o qual foi encerrado em Malaquias. Jesus assim combina João consigo mesmo em abrir a promessa do novo pacto” (p. 414, The Interpretation of St. Luke’s Gospel. Used by permission of Augsburg Publishing House, Minneapolis, Minnesota, copyright owners by assignment from the Wartburg Press.)

George E. Hicks: “o texto de João 1:29 sozinho transforma João do último dos profetas para o primeiro evangelista do cristianismo” (John the Baptist, The Neglected Prophet, p. 56).

Desde que João está no Novo Testamento, então todos nós que cremos em Cristo desde o tempo de João podemos afirmar que o Evangelho da verdade foi proclamado por ele. E desde que o ministério de João se equipara com o de Cristo e Seus apóstolos, podemos então estar verdadeiramente seguros que eles foram similares. Mas se João forçou a volta para a antiga dispensação, ou para o chamado

“período ponte” então a porta está aberta para todo tipo de especulações e compartimentalizações por parte de ingênuos dispensacionalistas.

Quando Jesus igualou o batismo de João com o “conselho de Deus” (Lucas 7:30), Ele endossou ambos para fazerem parte da dispensação do Novo Testamento. (O capítulo seis tem mais sobre João no Evangelho do Novo Testamento). A mensagem de João não foi, portanto, final ou completa. Este importante fato não deve ser esquecido, a fim de que a mais completa mensagem de Cristo seja desprezada mesmo sendo uma pequena porção.

Por mais estranho que possa parecer, existe até mesmo agora em Bagdá uma congregação de pessoas que mantém uma forte lealdade a João o Batista. Nesta conexão o estudante sério pode querer estudar mais profundamente o “Movimento Batista” ao investigar os Mandaeanos, Clementinos, Hemero-Baptists, Sabeanos, Nazareanos, Ginza e Disotheus.

Os discípulos em Atos 19:1-7 que pensavam que tiveram o batismo de João estavam afastados do próprio João que pregou o Espírito Santo, então eles não podiam ter ouvido João pessoalmente. Eles estavam a centenas de milhas, a 25 anos de distância do lugar de onde João tinha pregado. Todos eles estavam confusos em relação ao Evangelho por causa de alguns seguidores de João o Batista que eram ignorantes em relação a verdade. (Desde que muitos tropeçam nesta passagem, devemos tratar novamente).

Apolo era "poderoso nas Escrituras", mas parecia que ele conhecia "somente o batismo de João" (Atos 18:25). Áquila e Priscila “Ihe declararam mais precisamente o caminho de Deus”. Eles provavelmente o ensinaram a respeito de Cristo, sua ressurreição e ascensão e outros fatos históricos que não chegou aparentemente até a Alexandria.

O caso de Apolo mostra a importância de se ter uma visão geral da Bíblia, para não ignorar uma importante doutrina e se distorcer a teologia.

É importante para os cristãos saberem o que a Bíblia diz sobre João o Batista. É também importante não enfatizá-lo sobremaneira. Não deixe que se roube de Cristo a Sua primazia e glória. Com este cuidado em mente, outra grande questão desafia nosso pensamento.

JOÃO O BATISTA INICIOU ALGUM ENSINO NO NOVO TESTAMENTO?

Desde que João o Batista foi cheio com o Espírito Santo, seu ensino deve ter sido divinamente autorizado e inspirado. Isto foi substanciado por Cristo que validou seu ministério. O mesmo Espírito Santo que encheu Cristo sem medida também encheu João.

E porque João foi o primeiro pregador do Novo Testamento, ele deve receber algum crédito como alguém que iniciou muitos itens doutrinários do Novo Testamento.

Este detalhe pode ser notado no capítulo seis. Os primeiros dezoito ensinamentos dados por João não podem ser todos recebidos; muitos podem ser desconhecidos. “E assim, admoestando-os, muitas outras coisas também anunciava ao povo”. (Lucas 3:18).

Os textos usados por João (Mateus 3:2) e Cristo (Mateus 4:17) são idênticos no grego. E o reino que João pregou foi o mesmo declarado por Paulo ao fim de seu ministério (Atos 28:31).

É claro que Paulo pregou mais do que João, de acordo com os registros, mas ele não mudou qualquer coisa dos ensinamentos de João. João os deu primeiro. Entre os valores encontrados ao estudar João de novo é notar a beleza de sua humildade. Ele sempre magnificou a Cristo, mas nunca a si mesmo.

Se todos os crentes agora testemunhassem de Cristo, levassem as pessoas a Cristo, negando a si mesmas em nome de Cristo e permanecendo corporalmente com Cristo, como João fez, então mais pessoas iriam ser acrescentadas nas igrejas hoje.

João pode estimular encorajar, incitar e nos levar a um efetivo testemunho para o Senhor Jesus! Doutor G. Campbell Morgan: “dezenove séculos se passaram desde que este rude profeta (João o Batista) proclamou a vinda do Rei. A obra de Jesus tem progredido na história por dezenove séculos na exata linha que ele havia colocado” (The Gospel of Matthew, p. 24).

Doutor Carl H. Kraeling: “é evidente do que temos visto de sua vida e pregação que João não foi em qualquer sentido um imitador. Antes, ele foi de uma espontânea, forte e original personalidade”. (John the Baptist, p. 109, Charles Scribner’s Sons, publishers.).

Todavia João é ignorado e por meio disso rebaixado por muitos teólogos. Alguns até mesmo negam que ele foi um cristão! A maior parte deles diz que João na verdade não fez parte do Novo Testamento e da direção do pensamento cristão.

Este preconceito é devido a preconceitos europeus contra os Anabatistas nos dias da Reforma? Devemos explorar esta possibilidade.

Antes disso, o que a Bíblia diz sobre João!

As profecias do Antigo Testamento sobre ele podem proporcionar um divino quadro das características e missão dos Batistas. E as profecias podem servir para examinar a exatidão de várias interpretações da vida de João no Novo Testamento.

CAPÍTULO 2—CLARAMENTE PROFETIZADO

"Eis que eu vos enviarei o profeta Elias..." Malaquias 4:5

João o Batista, entre as personalidades do Novo Testamento, é apenas o segundo, depois de Cristo, em proeminência nas profecias do Antigo Testamento. João foi prefigurado por Elias, profetizado por Isaías e prometido por Malaquias.

Jesus disse sobre João: “E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir”. (Mateus 11:14).

O Espírito Santo disse sobre João: “E irá adiante dele [Cristo] no espírito e virtude de Elias” (Lucas 1:17). João de fato não foi Elias, ele admitiu isso para a comitiva de sacerdotes e levitas que vieram de Jerusalém. (João 1:21).

Mas o espírito e o poder de Elias eram tão evidentes na vida de João que Cristo disse dele: “Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João o Batista”. (Mateus 17:12,13).

Elias prefigurou João o Batista de vários modos.

Elias foi “um homem peludo, e com os lombos cingidos de um cinto de couro”. (2 Reis 1:8). João foi um nazireu e sua roupa era de pelo de camelo “e com um cinto de couro em redor de seus lombos” (Mateus 3:4; Marcos 1:6).

Elias tinha discípulos, “os filhos dos profetas” (2 Reis 2:3-15), João também tinha discípulos (Lucas 11:1; João 1:35).

Elias pregou para o perverso rei Acabe (1 Reis 17:1), João também testemunhou para o perverso rei Herodes. Tanto Elias quanto João foram alimentados no deserto, na região do rio Jordão (1 Reis 17:3-6; Mateus 3:4, 5). Elias foi reconhecido como um homem de Deus incomum (1 Reis 17:24) João o Batista cujos antagonistas testemunharam: “todos consideram João como profeta”. (Mateus 21:26).

Elias foi um evangelista destacado no Antigo Testamento.

Seu claro desafio: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” (1 Reis 18:21) tem sido usado efetivamente por incontáveis evangelistas desde aquela época. Do mesmo modo, João o Batista chamou para uma verdadeira conversão, uma mudança de vida em sua pregação evangelística: “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus”. (Mateus 3:2).

Elias derrotou 450 profetas de Baal. “O que vendo todo o povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: Só o SENHOR é Deus! Só o SENHOR é Deus!” (1 Reis 18:39). O êxito de João foi tão extraordinário, pelas imensas multidões que vinham para vê-lo e ouvi-lo: “E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados”. (Mateus 3:6).

Elias tinha coragem suficiente para repreender o perverso rei Acabe e sua maligna esposa Jezabel (1 Reis 21:19-23), João sem medo algum falou para Herodes que não era lícito possuir Herodias, “mulher de seu irmão Filipe” (Mateus 14:3, 4).

Elias teve seus momentos de depressão e falta de coragem, debaixo de um zimbro (1 Reis 19:1-4). João o Batista, na prisão, parecia estar duvidoso sobre a autenticidade de Jesus Cristo (Mateus 11:3). F. B. Meyer, em seu “John the Baptist” (p. 112) escreveu: “A Bíblia não hesita em nos falar das falhas destes nobres homens: Abraão, Elias, Tomé”. (Usado com permissão da Zondervan Publishing House, Grand Rapids). João o Batista foi claramente profetizado por Isaías 40:3-5.

Esta profecia é citada em cada um dos quatro Evangelhos e todos menos Marcos nomeiam Isaías como a fonte. Estes três testemunhos, incluindo João 12:37-44, estabelecem a união em torno da autenticidade do livro de Isaías. (Alguns eruditos argumentam que um “segundo Isaías” escreveu os capítulos 40 a 66 e ainda outros sugerem até a existência de “três Isaías”).

“Voz do que clama no deserto” (Isaías 40:3). Assim começa uma nova expressão de consolo, como no versículo um: “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus”. Quando João o Batista começou a pregar, Israel tinha “... já recebeu em dobro da mão do SENHOR, por todos os seus pecados”. (Isaías 40:2), e por esta razão que muitos ouvintes de João foram preparados para a consolação que ele trouxera. Olhando mais atentamente para esta profecia e seu cumprimento, deve-se observar que João foi uma voz; ele não foi um mero eco.

Ele não foi um pregador do tipo crítico literário, somente tendo conhecimento de fofoca sobre Deus; ele falou com autoridade porque conhecia a Deus e Sua Palavra intimamente. Sua pregação não foi mera oratória; foi uma mensagem vital do Senhor.

Ele não dependeu da sabedoria deste mundo que pode ou não ser correta; ele tinha uma revelação direta do céu (Lucas 7:29-30). Ele declarou a preciosa Palavra de Deus. Arthur W. Pink, em sua exposição do Evangelho de João (pág. 54, usada com permissão da Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan), disse: “Em primeiro lugar, a palavra existe (na mente) antes da voz articulá-la”. Assim Cristo existia antes da “voz” falar dELE. “Segundo, a voz é simplesmente um veículo ou meio pelo qual a palavra se torna conhecida”.

Assim João veio a ser testemunha da “Palavra“. “Novamente, a voz é simplesmente ouvida, mas não vista. João não estava buscando mostrar a si mesmo. Sua obra era para alcançar os homens para que eles ouvissem sua mensagem vinda da parte de Deus para que pudessem contemplar o Cordeiro. Finalmente podemos acrescentar que a Palavra perdura depois que a voz é silenciada”.

No deserto – que lugar para se começar a pregar! Ele não pregou no Templo judaico em Jerusalém, nem nas suas sinagogas, ou nas feiras abertas, pelas ruas. Ele pregou em áreas esparsamente ocupadas; então somente os que realmente estavam interessados iriam ouvi-lo. Grandes esforços, tempo e gastos seriam necessários para ver e ouvir este estranho pregador.

Como sempre, a curiosidade levou as multidões e neste caso elas não foram desapontadas. Elas estavam ouvindo um profeta verdadeiro, o primeiro desde Malaquias, depois de quatro séculos de silêncio. "Preparai o caminho do Senhor," era a sua missão e mensagem. João preparou o caminho para o ministério do Messias. Se ele não tivesse feito bem o seu trabalho como um agente avançado então Cristo provavelmente não teria tido um longo e desimpedido ministério como teve de fato.

Mas João ganhou uma multidão para Cristo, o que causou nos antagonistas homicidas de Cristo hesitar. Em uma ocasião eles disseram: “Não durante a festa, para que não haja alvoroço entre o povo”. (Mateus 26:5). João preparou o caminho do Senhor pregando doutrinas cristãs, ética cristã e retidão.

Ele declarou a deidade de Cristo tão bem que os que creram nele seguiram a Cristo incondicionalmente (João 1:35-49). O anúncio de Cristo através da pregação de João o Batista era tão digna de crédito que “... muitos iam ter com ele, e diziam: Na verdade João não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse deste era verdade”. (João 10:41). Pastores do século 20 fariam bem se fizessem o mesmo, mas suas vidas e obras devem externar a verdade.

Pais que tenham filhos ainda no lar devem viver tão bem; eles devem caminhar em um caminho reto e seu relacionamento deve apontar para Cristo tão consistentemente que quando seus filhos seguirem seus exemplos, eles irão ir direto para Cristo. Quando isto ocorre – em incontáveis igrejas e lares felizes – então pastores e pais podem dizer como o apóstolo João: “Não tenho maior gozo do que este, o de ouvir que os meus filhos andam na verdade”. (3 João 4). “... endireitai no ermo vereda a nosso Deus. (Isaías 40:3c). João o Batista incendiou um rastro no deserto do mundo das religiões que existia como a mais plana existente, feita porém, pelo homem mortal.

Este construtor de estradas preparou o caminho que conduziu diretamente a Deus e o céu. Então quando Cristo veio para executar a sua obra na terra, Ele caminhou por esta mesma Estrada, levando Seus seguidores a salvação e para a casa do Pai onde há muitas mansões. Afortunados são todos os que tem exemplos vivos para seguir, cujos caminhos são tão planos e retos que não há perigo de errar ao seguir neles. A mãe do presidente Harry S. Truman, demonstrando o orgulho que sentia pelo seu filho, disse certa vez: “ninguém poderia abrir sulcos na terra tão retos quanto Harry”. Ela se referia a sua habilidade com os cavalos e um arado; o quanto é grandioso trilhar o reto e estreito caminho da retidão.

João o Batista não somente preparou uma estrada reta para o seu Senhor; ele também estabeleceu um exemplo para todo pregador seguir. Este texto de Isaías é também uma ordem para todo cristão. Obediência é obrigatório, não é uma opção. O doutor C.W. Koller fala de um pai que falhou nisto e acabou tendo a dolorosa experiência de perder seu filho. Junto ao seu túmulo ele ficou repetindo com lágrimas: “ele nunca ouviu seu pai orar, ele nunca ouviu seu pai orar”. Este fértil texto em Isaías diz mais. Declara com referência aos Evangelhos da divindade de Cristo. “Preparai o caminho do SENHOR; endireitai no ermo vereda a nosso Deus”. O texto se refere a Cristo. Ele é o nosso Deus e Salvador, não obstante todas as falsas e espalhafatosas “testemunhas” que há no mundo.

“Todo o vale será exaltado” (Isaías 40:4). O costume dos povos do oriente exige fazer uma preparação para a vinda de um rei que irá visitar uma cidade. Estradas tem que ser construídas e preparadas para o conforto do rei. A cidade ou província anfitriã empreende grandes gastos para causar uma boa impressão ao monarca. Esta é a imagem que Isaías concede em relação à obra do precursor do Senhor Jesus Cristo, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. A construção de estradas modernas é um empreendimento que custa bilhões em dinheiro. As famosas auto-estradas da Alemanha construídas na época de Hitler com o fim de ter uma melhor eficiência logística militar durante a segunda guerra mundial são copiadas por muitos países a custos altíssimos. Estas super estradas são sempre planas, entrecortando vales e montes, tal como Isaías as descreveu milhares de anos antes. Certamente estas grandes estradas carregam lições morais! As que João construiu foram carregadas com a Verdade Eterna. “Os vales” que são exaltados podem se referir ao pobre e ao necessitado, os que são ignorados ou desprezados pelos poderosos deste mundo.

Jesus disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;... Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;”. O interesse pelos pobres é uma marca distinta do cristianismo. Quando João o Batista estava na prisão e necessitava de encorajamento, Jesus fez alusão aos Seus milagres de cura e então acrescentou: “... e aos pobres é anunciado o evangelho”.

O cântico de Maria fala do mesmo assunto belamente: “Depôs dos tronos os poderosos, E elevou os humildes. Encheu de bens os famintos, E despediu vazios os ricos”. A amável voz de Maria se harmoniza perfeitamente com o tom rude daquele primeiro Batista. O mesmo Espírito pode trazer música para todos os homens de boa vontade. Quando Cristo selecionou doze homens para treiná-los Ele não chamou os proeminentes saduceus ou fariseus ou os escribas, ao invés disso, Ele escolheu entre outros um pescador e um coletor de impostos. Nenhum dos doze era conhecido por ter sido erudito. Pedro e João eram “homens sem letras e indoutos” (Atos 4:13), porém se tornaram capacitados após serem treinados por Cristo e de serem cheios do Espírito Santo. E Paulo, conhecido por ser erudito, escreveu em ICo 1:26-29: “... não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Para que nenhuma carne se glorie perante ele”. Observe que Paulo disse “não são muitos”; ele não disse que “nenhum erudito é chamado”.

“Todo o vale será exaltado, e todo o monte e todo o outeiro será abatido;” (Isaías 40:4). Isto pode ser referir a pessoas orgulhosas, arrogantes hipócritas que Cristo expôs tão perfeitamente em Mateus 23 e em outras passagens. Pode se referir também a fariseus religiosos em todas as épocas. Mas deixe o homem examinar a si mesmo para ver se o orgulho o tem infectado. “Sonda-me, ó Deus... E vê se há em mim algum caminho mau” (Salmos 139:23-24).

Com cuidado alguém pode considerar a ânsia de alguns estudantes e seus igualmente ambiciosos professores que parecem estar enamorados e cativados por críticos que tem uma reputação por

aprender muito. Como eles são fascinados por essa palavra “erudição”! Ser considerado erudito é seu mais estimado sonho; ser chamado de iletrado é um grande insulto. Alguns dariam seus braços direitos e até arriscariam suas almas eternas por este fogo-fátuo. Estranho ainda parece ser que estes buscadores de status prefiram orbitar em volta dos críticos da Bíblia mais prontamente do que em volta dos que acreditam na verdade bíblica. “Aprender pouco é algo perigoso”, especialmente para os que igualam erudição com ceticismo. Os que tentaram desprezar a divina revelação em favor de um moderno racionalismo, devem se lembrar que Eva caiu pela isca de satanás quando viu que o fruto era “desejável para dar entendimento” (Gn 3:6).

O Doutor T. A. Patterson escreveu no *Baptist Standard* (16 de Maio de 1962): o que está acontecendo hoje é que os homens estão enfatizados com os escritos de alguns teólogos alemães cujas visões em algumas circunstâncias não podem ser conciliadas com as Escrituras. Vá que eles possam ser excitados sobre a teologia no Novo Testamento! Isto pode acontecer também se os teólogos forem ler na luz da linguagem simples do Novo Testamento ao invés do fosforescente rubor da alta crítica teológica.

Isto pode ser permissível, até mesmo sensato, para estudantes que se tornam familiarizados com o pensamento de homens tais como Bultman, Tillich, Niebuhr, Barth e Brunner; mas a mensagem para o mundo deve ser: “Assim diz o Senhor”.

“... o que é torcido se endireitará,...” é a próxima parte da profecia concernente a João o Batista. Pessoas desonestas, tanto como pobres, estão sempre conosco. Zaqueu era da mesma forma um coletor de impostos desonesto até sua repentina conversão (Lucas 19:1-10). Ele foi rápido em corrigir todos os seus negócios. Mateus pode também ter sido um funcionário corrupto antes de sua conversão. Ele tinha sido ganho para o Senhor por João o Batista que também o batizou. (Atos 1:21-22 indica que os doze apóstolos, mais outros, tinham estado com o Senhor Jesus, "começando desde o batismo de João". Isto é notado mais detalhadamente depois, mas é importante lembrar que João o Batista VERDADEIRAMENTE preparou os doze para o Seu Senhor). Quando Jesus chamou Mateus ele se tornou um publicano honesto, sentando na coletoria de impostos, sendo justo com romanos e judeus (Mateus 9:9).

Sua prévia conversão o capacitou a seguir a Cristo imediatamente. “E ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu”. (Lucas 5:28). Ele deve ter “deixado tudo para trás”, nas mãos de algum ajudante que havia treinado e o alertara que tal chamado poderia acontecer a qualquer momento. Esta suposição responde por todos os fatos envolvidos.

Então Mateus fez “um grande banquete em sua casa” e convidou a muitos publicanos para ouvir Jesus”.

Convidar não salvos para uma refeição, com o plano de falar sobre Cristo, é ainda um dos mais efetivos métodos usados para ganhar as pessoas para o Senhor.

“... e o que é áspero se aplanará”. (Isaías 40:4).

Lucas traduz isto: “... os caminhos escabrosos se aplanarão;...” (Lucas 3:5).

Nossas ruas e estradas tem bastante trabalho de manutenção para prover uma boa circulação de veículos. No campo religioso, atapetamos o chão de nossas igrejas, colocamos almofada nos bancos, ar condicionado e iluminação macia e indireta, porteiros meticulosamente treinados, coros e pregadores - tudo para o conforto. Mais corretamente, o Evangelho de João e de Cristo removem a aspereza das tristezas, doenças, mortes, julgamentos e tentações.

O que segue toda esta preparação descrita por Isaías? Ele nos diz no versículo seguinte: “E a glória do SENHOR se manifestará, e toda a carne juntamente a verá, pois a boca do SENHOR o disse”. (Isaías 40:5).

Lucas diz: E toda a carne verá a salvação de Deus. (Lucas 3:6).

Toda vez que o Espírito Santo direciona os sermões, como Ele fez nas pregações de João o Batista, então a glória do Senhor será manifestada. Mas nenhum homem pode exaltar a si próprio e ao Senhor ao mesmo tempo. Se um pregador tiver propósito de ser conhecido por sua sabedoria, eloquência ou popularidade, o Senhor será minimizado na mesma medida. Um ministro que busca sua própria satisfação não é um ganhador de almas. Por outro lado, quem honra a Deus irá ser por Ele honrado. "... aos que me honram honrarei" disse o Senhor na 1 Samuel 2:30. E Davi falou sabiamente em Salmos 34:2: "A minha alma se gloriará no SENHOR; os mansos o ouvirão e se alegrarão".

"E toda a carne juntamente a verá", Isaías escreveu isto muito antes da televisão mostrar milhares de convertidos respondendo ao apelo de Graham assistido ao redor do mundo. E a Palavra de Deus, pelo menos em parte, pode agora ser lida pelas pessoas de mais de cento e quatorze diferentes idiomas e dialetos. Certamente, "a profecia é o molde da história", agradecemos a Isaías por esta profecia do primeiro cristão do Novo Testamento.

A majestosa mensagem de Malaquias, o último profeta do Antigo Testamento, prediz a João o Batista e faz menção de sua missão. "Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos". (Malaquias 3:1). As duas primeiras frases deste versículo são citadas de João o Batista (Mateus 11:10; Marcos 1:2; Lucas 7:27). Portanto, Malaquias reforça a profecia de Isaías. E João estava satisfeito em ser um mensageiro de Seu Senhor.

O Antigo Testamento fecha com uma profecia predizendo João o Batista, corroborada por Lucas 1:17. "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR; E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição". (Malaquias 4:5-6).

Esta passagem sugere uma grande melhora na vida nos lares. As altas taxas de divórcio na América, lares infelizes, delinquência juvenil e terríveis índices de crimes, tudo isso clama pela receita feita por Malaquias e cumprida por João o Batista. Por cristianismo verdadeiro se entende lares felizes, cheios de amor mútuo.

Em Gênesis 37, os irmãos mais velhos de José foram muito cruéis com ele; eles o teriam assassinado se não fosse a intercessão de Rubem. Anos mais tarde quando tiveram seus próprios filhos, eles se tornaram "homens de verdade": seus próprios filhos tinham abrandado os seus corações. Assim, quando Deus procurou volver os corações dos pais, Ele enviou Seu Filho como uma criança para Israel. Mas mesmo antes de Cristo nascer em Belém, o Senhor enviou o pequeno João, nascido de Zacarias e Isabel. "E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento," (Lucas 1:14).

"The Luck of Roaring Camp" [A Sorte do Acampamento Roaring], uma história sobre a fronteira oeste americana mostra um relato feito por Bret Harte, apoiando o fato de que duros corações são amolecidos por crianças desamparadas. Um bebê nasceu de uma mulher (uma índia Cherokee); ela morreu durante o parto quando morava entre mineiros rudes. Os homens tinham designado alguém para cuidar da criança e em tudo eram solícitos em relação ao seu bem-estar. Os homens escolhidos eram pessoas brutas, cujas brigas e duelos de morte eram rotina, mas agora estavam ligados em amor a um pequeno menino. Esta característica da natureza humana explica a do primogênito de Maria. Mas um Herodes, um Hitler ou um Eichmann, quem pode resistir a um doce sorriso de um bebê? "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu..." (Isaías 9:6).

Antes desta criança nascer, antes do Filho de Deus ter vindo ao mundo em Belém, outra criança havia nascido. Um anjo do Senhor disse a seu pai: "... lhe porás o nome de João". (Lucas 1:13).

A criança da profecia, tendo até mesmo seu nome predito, foi rica em promessas até antes de nascer. Em seu nascimento as pessoas diziam dele: Quem será, pois, este menino? (Lucas 1:66).

CAPÍTULO 3— RICAMENTE DOTADO

"...e será cheio do Espírito Santo" Lucas 1:15

Quem exceto Cristo em toda a história teve um grande dom espiritual, antes de seu nascimento e durante sua infância como João o Batista?

JOÃO O BATISTA FOI CHEIO DO ESPIRITO SANTO

Outros homens e mulheres foram cheios do Espírito de Deus – sua mais preciosa experiência – mas João foi tão cheio que era “já desde o ventre de sua mãe” (Lucas 1:15).

Talvez o mais próximo paralelo a isto na Bíblia seja o caso de Jeremias de quem o Senhor disse: “Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta” (Jer. 1:5). O dom de João é mais específico.

Quando Maria, a abençoada mãe de Jesus, tomou conhecimento sobre seu inestimável e singular privilégio de dar a luz ao divino Filho de Deus, ela foi visitar sua prima Isabel, então grávida de seis meses (Lucas 1:35-40). Mas deixemos Lucas contar esta bela história: “E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo. E exclamou com grande voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre. E de onde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? Pois eis que, ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre” (Lucas 1:41-44).

Aqui é um mistério. O bebê que estava no ventre de Isabel, que era João o Batista, respondeu a voz da mãe do Salvador! O que podemos entender disto? Podemos apenas nos maravilhar e adorar com temor, reverência e adoração e com uma doxologia!

Admitindo que os nascimentos de Jesus e de João não foram típicos ou normais, certas questões, porém podem surgir. É a teoria Traduciana verdadeira – que a alma, bem como o corpo, vem dos pais? Ou é a teoria Criacionista melhor – que Deus cria uma nova alma para cada novo corpo? Luteranos defendem a primeira; católicos e a maior parte dos reformados ficam com a segunda. O doutor A. H. Strong, um batista, apoiou o traducianismo.

Definitivamente isto é respondido por Lucas lançando uma luz inexorável na perversa ética abortista. A vida não começa simplesmente no parto, mas antes. Somente no tocante de quando começa é que não está claro. “E completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho... E aconteceu que, ao oitavo dia... respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João. (Lucas 1:57-60f). Então Zacarias “escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam... E veio temor sobre todos os seus vizinhos, e em todas as montanhas da Judéia foram divulgadas todas estas coisas. E todos os que as ouviam as conservavam em seus corações, dizendo: Quem será, pois, este menino? “E a mão do Senhor estava com ele” (Lucas 1:63-66).

Desde que a mão do Senhor estava com João, seu futuro estava assegurado. E é correto assumir que uma grande quantidade de pessoas que viveram trinta anos mais tarde foram testemunhas da vida de João com grande expectativa. Isto deve responder pelo menos parcialmente pela sua grande audiência em um curto espaço de meses. E o menino crescia, e se robustecia em espírito. E esteve nos desertos até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel. (Lucas 1:80).

E durante todo este tempo o Espírito Santo o encheu com seus nove frutos: “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gal. 5:22). Lucas, o médico amado e historiador meticuloso, fez cuidadoso exame sobre a história do nascimento de João. Parece provável que ele tenha entrevistado Maria para ter muitos destes dados.

Robertson diz (John the Loyal; p. 2): “é de valia também que o nascimento de João o Batista veio imediatamente depois da clássica introdução (Lucas 1:1-4), no qual ele declara sua diligente eficácia no exame e uso de suas fontes de informação”.

ZACARIAS, O PAI DE JOÃO, FOI CHEIO DO ESPÍRITO SANTO (LUCAS 1:67)

“E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor” (Lucas 1:6). O Senhor olha o coração, não meramente a aparência exterior.

Aqui estava um homem verdadeiramente bom, vivendo em uma época atribulada quando a bondade não era comum. Outro bom homem desta época foi Simeão que era “justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel” (Lucas 2:25). Graças a Deus por esses bons homens e mulheres. Os cínicos estão errados quando dizem: “todo homem tem seu preço”. Os “intocáveis” podem ser poucos, mas eles nos dão boas razões para ser esperançosos e corajosos. Zacarias foi um sacerdote consciente.

Quando ele executou o ofício de sacerdote - provavelmente a única vez em sua longa vida – uma “multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso” (Lucas 1:5-10). Esta menção, vinda de uma multidão pode ser indicativa de sua crença em seu caráter.

“E um anjo do Senhor lhe apareceu” (vs. 11). Este anjo identificou-se como Gabriel, um dos dois que foram chamados por nomes na Bíblia, o outro foi Miguel (Dan. 8:16; 10:13; Judas 9; Apocalipse 12:7). Aqui foi a primeira palavra do anjo desde Zacarias 12:8, por volta de 487a.C. E foi a primeira palavra de uma fonte inspirada desde Malaquias, por volta de 397a.C.

E Zacarias “turbou-se, e caiu temor sobre ele”. Zacarias era um homem de oração. “... a tua oração foi ouvida” o anjo lhe disse. Judeus devotos por séculos oraram – e muitos ainda o fazem – para que possam ver o Messias nascer em seus lares. Casais de judeus ainda consideram uma calamidade não ter filhos. Da mesma forma que Abraão e Sara que por muitos anos procuraram ter um filho, assim foi com Zacarias e Isabel, que procuraram e oraram até serem recompensados.

Esta promessa, de um filho para um casal em idade avançada, parece ser boa demais para ser verdade. Além disso, milagres não acontecem frequentemente, e ainda mais raro quando o anjo traz as novas. Quem somos nós para culpar este estimado homem idoso por expressar sua dúvida? Se ele estivesse atemorizado poderia ter pensado mais sobre o anjo e menos sobre sua própria fraqueza. Se isto foi a sua falha, é algo comum.

Pedro pode caminhar sobre as águas com seus olhos fixos no Senhor, mas quando ele olhou para a água e pensou sobre si mesmo, começou a afundar. Gabriel respondeu a dúvida de Zacarias dizendo: “E eis que ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir”. (Lucas 1:20).

Esta mudez foi menos que uma punição, foi uma evidência continuada da verdade da divina revelação. Isto foi por nove meses uma espécie de lembrete para Zacarias e Isabel e também seus amigos do que Deus *tinha* falado. Como consequência, o nascimento prometido desta criança seria um evento expectante. Quando o mudo Zacarias surgiu do templo as pessoas “entenderam que tinha tido uma visão no templo” (Lucas 1:22).

Nossos pastores e evangelistas permanecem o tempo suficiente em um lugar santo de oração para dar evidência de que tiveram uma visão do Senhor? O sinédrio, ao interrogar Pedro e João,

“maravilharam-se e reconheceram que eles haviam estado com Jesus.” (Atos 4:13). “Oh, que Deus nos desse um caminhar mais íntimo, uma calma e celestial estrutura, uma luz para brilhar na estrada que nos leva ao Cordeiro” (Cowper).

Na primeira oportunidade que fez uso da palavra, depois de João nascer, Zacarias orou a Deus. Quão típico dele! Por ele ter sido obediente ao anjo que lhe ordenara dar o nome de “João” ao seu filho. Por ele ter sido obediente ao anjo que lhe havia anunciado aquelas coisas para dar o nome ao seu filho de João (Lucas 1:13, 63, 64). “O nome João (dado graciosamente por Jeová) tornou-se comum, desde o tempo do popular João Hyrcanus (morto em 106 a.C); treze pessoas com este nome são mencionadas por Josefo; e no Novo Testamento, ao lado de João o Batista e do Evangelista encontramos com João Marcos (Atos 12:12) e João de uma família do sumo sacerdote (Atos 4:6)” (Broadus, p. 32, Comentário do Evangelho de Mateus).

Desde que nomes bíblicos tem significados, citamos F. B. Meyer (John the Baptist; p. 21) aqui: “Zacarias significa é uma lembrança de Deus, como pensamos que ele foi uma eterna lembrança para seus seguidores do que Deus prometeu e do que eles esperam de Sua mão. Isabel significa “juramento de Deus”, como se fosse o seu povo, reivindicando perpetuamente as promessas da aliança no qual, desde que Deus, que não pode jurar por não haver outro maior do que Ele, tinha jurado por si mesmo, que Ele nunca os deixaria nem os desampararia, e quando o cetro partiu de Judá e o doador da lei entre seus pés, Siló deveria vir. Siló em Gênesis 49:10 é um dos gloriosos nomes do Messias, Cristo Jesus, o único que pode trazer paz a Terra.

O "Benedictus" é um dos preciosos hinos cristãos preservados para nós através de Lucas 1:68-79. Nesta profecia inspirada pelo Espírito Santo (versículo 67), Zacarias fala da redenção para o seu povo, salvação na casa de Davi, o cumprimento das antigas profecias, liberdade política por vir, o santo pacto lembrado, o juramento de Abraão verificado, santidade e retidão antecipados, o ministério de seu filho para “ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos... Para dar ao seu povo conhecimento da salvação Na remissão dos seus pecados” e a concessão de luz e paz.

Com um pai santo como esse, João foi de fato ricamente dotado.

ISABEL, A MÃE DE JOÃO, ERA CHEIA DO ESPÍRITO SANTO (LUCAS 1:41).

Ela também foi “justa diante do Senhor” e, portanto, deve ter sido excepcionalmente correta aos olhos dos homens. Como um homem pensa assim ele é. E se Deus olha para os corações e vê retidão neles, então a pessoa é abençoada de fato.

Isabel tinha sido uma mulher de oração por toda a sua longa vida. Como Ana, mãe de Samuel (I Samuel 1:10-28), ela provavelmente sempre orava por um filho desde o seu casamento. Então quando suas orações foram respondidas ela louvou a Deus, dizendo: “Assim me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbrio entre os homens”. (Lucas 1:25). O nascimento desta criança para pais já avançados em idade foi claramente reconhecido como um milagre, haja vista que “para Deus nada é impossível”. (Lucas 1:37).

Isabel foi totalmente submissa a Deus. Ela teve a honra de ser a primeira pessoa a reconhecer a vinda do Senhor Jesus três meses antes de seu nascimento (Lucas 1:42-45)!

Quão diferentes eram os sumos sacerdotes, supostamente treinados nas profecias do Antigo Testamento concernentes ao Messias, não reconheceram a Cristo até mesmo depois de verem Seus extraordinários milagres. E o que dizer daqueles religiosos assalariados que agora ocupam altas posições, profissionais que levam uma boa vida a custa das igrejas e que ainda questionam a divindade de Cristo? Alguns de fato duvidam de sua ressurreição física, Sua segunda vinda e Sua promessa do céu. O aumento das evidências da arqueologia bíblica parecem não afetar sua descrença.

As grandes evidências de genuínas conversões, se em grandes encontros ou em pequenas igrejas, deixam estes duvidosos ainda parados com seu orgulhoso intelectualismo. Entrementes, crentes humildes se regozijam nesta contínua obra de Deus. Isabel e Maria tiveram bons momentos juntas nestes maravilhosos três meses que passaram (Lucas 1:56).

Não podemos saber muito do que elas falaram, mas podemos especular que Isabel teria falado muito sobre seu filho João e que Maria semelhantemente falou sobre Jesus neste memorável encontro. Uma pequena divagação sobre Maria deve ser permitida aqui. Ela merece muito mais honra e amor do que muitos protestantes lhe dão, ainda que ela não seja mais mencionada na Bíblia depois de Atos 1:14 onde aparece orando em igual nível junto com outros crentes.

Pedro em seus sermões e epístolas não a menciona. Paulo não menciona seu nome, nem Tiago, Judas e João em suas epístolas. Isabel disse que Maria era bendita “entre as mulheres”, mas não acima das mulheres, ainda que ela tenha sido altamente honrada por ser escolhida para ser a mãe do nosso Senhor. Graças a Deus por Maria, a pura, amável, obediente, sábia, terna, fidedigna virgem da Galiléia que carregou o menino Jesus, seu primogênito. O quanto seu coração deve ter sido consternado pela descrença de seus demais filhos (João 7:3-5; Mateus 12:46-50). E ainda depois, quando ela viu seu amado Filho naquela cruz cruel, seu coração estava perfurado com a perfurante dor já experimentada pela humanidade. Talvez se ela soubesse o quanto incorretamente é hoje considerada por milhões dentro do Cristianismo que a colocam entre Cristo, ela teria sofrido ainda mais.

Isabel foi uma mulher humilde. Ainda que ela fosse muito mais velha que Maria, ela disse: “E de onde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?” (Lucas 1:43)

Esta observação foi mais honrada ao Filho de Maria do que a própria Maria. Certamente Maria estremeceria ao pensar que ela pudesse ocupar o lugar de Seu Senhor nos sentimentos de alguém, ou em orações, ou na esperança de salvação.

Finalmente, Isabel não foi desobediente em relação a visão celestial. Ela sabia que seu filho seria chamado “João” e ela o manteve. Apesar dos argumentos de seus parentes e vizinhos que vieram se alegrar com ela, e que tentaram dar um nome ao menino depois de seu Zacarias, Isabel respondeu: “Não, porém será chamado João” (Lucas 1:58-60).

O Senhor pode confiar em mulher como esta. Uma boa mãe é um dom inestimável para qualquer criança. Abraham Lincoln disse: “tudo o que eu sou, ou espero ser, devo a um anjo, a minha mãe”

Ele não a teve por muito tempo. Por quanto tempo João esteve com seus pais idosos não sabemos, talvez vinte anos ou menos. Mas eles incutiram sua rica espiritualidade em seu filho, a cada minuto que viveram.

JOÃO NÃO PODIA BEBER VINHO NEM BEBIDA FORTE (LUCAS 1:15)

Esta proibição em uma terra e época onde o consumo de vinho era comum, indica que João foi um nazireu. Exceto por Paulo brevemente (Atos 18:18; 21:24), João foi o único nazireu mencionado do Novo Testamento. Sansão e Samuel foram nazireus por toda vida no Antigo Testamento. Os nazireus não cortavam os cabelos, indicando separação (do hebreu nazir = separado).

O nazireado era um padrão de santidade e devoção a Deus, e tendo um pai e uma mãe cheios do Espírito Santo, o lar onde João viveu seria o lar ideal. A idade avançada de seus pais poderia indicar alguma medida de sabedoria além da dos jovens e imaturos pais. Este lar seria assepticamente limpo, moralmente. O Espírito Santo tinha pleno controle de cada membro desta família.

As conversas envolveriam frequentemente as Sagradas Escrituras. O plano do Antigo Testamento para a vida no lar seria seguido como uma receita de felicidade doméstica. Entre outras passagens, há de Deuterônimo 11:19-21: “E ensinai-as [a Palavra de Deus] a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te; E escreve-as nos umbrais de tua

casa, e nas tuas portas; Para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos na terra que o SENHOR jurou a vossos pais dar-lhes, como os dias dos céus sobre a terra”.

Então o “céu na terra” É possível. O lar de João tinha isto. O lar de nosso Salvador tinha isto. Outros lares que seguiam o plano celestial também podiam ter isto.

E em um lar tal como onde João cresceu, ele tornou-se forte em espírito. O treinamento que ele recebeu para seu grande ministério foi o melhor.

CAPÍTULO 4— PLENAMENTE PREPARADO

“E o menino crescia, e se robustecia em espírito. E esteve nos desertos até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel”. Lucas 1:80

O último versículo deste longo capítulo do Evangelho de Lucas é surpreendentemente similar ao versículo sobre a infância de Jesus (Lc 2:40). Como é apropriado, é dito mais sobre Jesus do que sobre João. A história de Jesus aos doze anos no templo não tem paralelo com a de João. Mas como o menino João cresceu e como se tornou forte de espírito e quem foram os seus professores e o que ele estudou durante todos esses anos? Ele teve crescimento físico como qualquer menino normal. O alimento em sua casa seria o melhor possível. Emil Shurer em sua “Grande História do Povo Judeu na Época de Jesus Cristo”, II, 1, pg 230, escreveu: “O sustento que os sacerdotes recebiam do povo para sua subsistência estavam abaixo do necessário para o tempo de serviço no templo, de uma muito modesta porção e certamente de um tipo precário. Mas subsequente a este último período, a maior parte deles foi aumentada em sua medida. Este fato nos capacita a ver em uma maneira admirável e peculiar que houve um grande aumento do poder e influência da classe sacerdotal”. O menino João tornou-se forte em espírito porque ele foi continuamente cheio do Espírito Santo. Além disso, seus pais também eram cheios do Espírito Santo e eles incutiram o seu melhor em seu próprio filho. E sobre este santo lar o Pai celestial estava velando, preparando João para sua única missão.

QUEM FOI O PROFESSOR DE JOÃO O BATISTA?

“A primeira educação foi necessariamente da mãe”, escreveu Alfred Ederchein em “A Vida e a época de Jesus, o Messias”, volume 1, pg. 288. Desse modo, o pequeno (do grego *brephous*, bebê) Timóteo conhecia “as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (II Tm 3:15). Esta “fé não fingida” Paulo disse a Timóteo “a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti” (I Tm 1:15). “De fato não era sem motivo que os judeus “eram desde as fraldas... treinados para reconhecerem a Deus como seu Pai e como Criador do mundo; que tendo recebido o conhecimento (da lei) desde a tenra infância, eles levavam em suas almas a imagem dos mandamentos”, escreveu Ederchein citando Filo e Josefo. Quando João foi capaz de falar começou a ser instruído sobre o Antigo Testamento com a memorização de versículos. Seu “texto especial de aniversário” seria um de acordo com o costume judeu daquela época que tinha no começo ou no fim as mesmas letras que as de seu nome. Os primeiros hinos ensinados seriam os salmos. Com a idade de quatro anos Zacarias teria assumido a responsabilidade maior de ensinar ao seu filho a Torá (Pentateuco). A educação formal começou aos cinco ou seis anos, onde a Bíblia somente foi ensinada até aos dez. O primeiro livro ensinado nessa época foi Levítico. Então aos dez, a Mishna ou lei tradicional era ensinada, aos treze os mandamentos, aos quinze o Talmude com suas discussões teológicas. A casa de João tinha todos os 39 livros do Antigo Testamento, mas numerados em 22 de acordo com o sistema hebraico de contagem e combinação de livros. Estes livros estavam em rolos, escritos com os caracteres quadrados hebraicos sem marcação de vogais. Muita ênfase tinha sido colocada no treinamento de memorização de passagens na criança para que ela não dependesse de um rápido acesso a um pequeno volume conveniente tal como os disponíveis neste século atual. Zacarias certamente devotou a maior parte de seu tempo para seu jovem filho. Ele daria maior ênfase no ensino do Antigo Testamento, especialmente naquelas porções que tratam da promessa do Messias. Para Zacarias seria correto dizer a João tudo o que o anjo Gabriel lhe revelara, que sua missão principal seria preparar um povo para o Senhor. Muito tempo seria gasto em oração, quando o Espírito Santo ensinasse diretamente o

significado preciso das Sagradas Escrituras. Muitos pregadores podem testificar que seus melhores sermões vem de longo tempo de oração. Os idosos pais de João sabiam que não viveriam até ver o início do ministério público de seu filho. Isto foi a sua dor. Se é que eles tinham alguma; não obstante os pais amam acima de tudo todos os outros para verem seus filhos e filhas sendo úteis em toda boa obra. Mas desde que provavelmente não viveriam para ver seu filho João fazer a obra eles fizeram todo o possível para prepará-lo para esta monumental tarefa. Podemos saber a idade de João à época que provavelmente seus pais foram chamados para o lar celestial. Se ele tinha quinze anos ele devia com certeza ter ido morar com seus parentes (Lc 1:58-61). Se ele estava com vinte ou mais pode-se assumir que ele tenha ido para o deserto (Lc 1:80). O doutor G. Campbell Morgan em seu livro “O Evangelho Segundo Lucas” (pg. 33) escreveu: “Eu penso, sem dúvida alguma, que João foi para o deserto quando tinha vinte anos de idade. Eu penso que ele rompeu com a classe sacerdotal e com o templo e sob divina orientação foi para o deserto”. Broadus (Mateus 33) diz que: “João provavelmente viveu na parte sudoeste defronte a Hebrom”. Leon Uris em “Êxodo Revisitado” (pg. 18) sugere Ein Karen, norte de Hebrom, oeste de Jerusalém como o local de nascimento de João. Broadus, diferentemente, diz que João teria muito tempo para explorar as áreas desérticas imediatamente a leste das cidades dos sacerdotes ao sul da Palestina (Israel atual). Ele sabia como se cuidar em qualquer lugar. Suas necessidades eram poucas e simples: gafanhotos, mel silvestre e pelo de camelo para vestir. A.T Robertson (John the Loyal, pg. 27), comenta sobre este tradicional período da vida de João: “João estava agora provavelmente crescido (vinte ou vinte e um anos, ainda não com trinta, a idade da maioridade judaica). Josefo tinha dezesseis quando foi para o deserto estudar por três anos com Banus, um famoso essênio.

Porque João foi para os desertos? Robertson (29) diz: “houve de fato uma motivação para que João fosse para os desertos, como Josefo, para estudar a doutrina dos Essênios e acabando por se tornar um deles. Mas não existe fundamento para tal ideia”. A impressão mais forte é que ele se instruiu a respeito dos Essênios, e a menos provável é a de que João fosse dependente deles. Enquanto é verdadeiro que eles citaram Isaías 40:3-5 como seu mandato, contudo, falharam em vivê-lo. Do que hoje é conhecido dos rolos de Qumran encontrados em 1947 próximos ao Mar Morto, é provável que os Essênios fossem zelosos estudantes do Antigo Testamento. Quem o sabe? Talvez João o Batista tenha lido e/ou copiado alguns desses rolos sagrados. Talvez o interesse de João neles tenha levado os Essênios a colocá-los sob proteção dentro de jarros onde permaneceram intactos por dois mil anos.

Admitidamente tudo isto é especulação. De qualquer modo, João teve muitos anos para si nos desertos, e é certo que ele o usou muito bem. Ele tinha muito para fazer no tocante a se preparar para introduzir o seu Senhor no mundo e apresentar a Ele “um povo bem disposto”. Ele não podia permitir qualquer padrão conhecido naquela época. Ele tinha que ser o pioneiro. Os fariseus, saduceus, zelotes e essênios foram de alguma ajuda se é que foram. Ele precisava de algo novo, algo dramático, algo simbólico da nova dispensação. Em seu perseverante estudo, o Espírito Santo o guiaria.

O QUE JOÃO PENSAVA SOBRE A IMERSÃO?

É claro que ele conhecia as cerimônias judaicas de lavagens e mergulhos. Ele conhecia as imersões dos Essênios em água corrente. Mas todas elas não continham, não significavam, não tinham a importância para a vinda do Messias e Sua mensagem salvadora. João teve que ir muito profundo por um símbolo ou sinal. Não poderia ser nada superficial. Nada já usado ou feito sobre cerimônias poderia ser digno do Filho de Deus. E o Messias não poderia depender de uma colônia de ascetas para qualquer parte de sua vital mensagem. Robertson (John the Loyal; pg. 46) nos lembra que: “os Essênios nunca foram mencionados no Novo Testamento, nem no Talmude, sendo conhecidos por nós apenas pelos escritos de Filo, Josefo e Plínio. Todas as tentativas em mostrar que algumas idéias ou práticas foram derivadas deles por João o Batista ou por Jesus são provadas como sendo enganos”. Nenhuma menção é feita do “batismo de prosélitos” no Antigo Testamento, na Apócrifa, em Filo, Josefo e nos antigos targuns, a Mishna, o Novo Testamento ou nos escritos dos patriarcas cristãos.

“O batismo de João, de onde era? Do céu, ou dos homens?” Perguntou Jesus aos seus críticos (Mateus 21:25). Veio completamente esclarecida, por uma direta revelação de Deus? Talvez, mas provavelmente não. Deus tinha Sua administração disto por meio do qual Ele espera que o homem faça o que é possível a ele fazer; Ele faz o impossível. Somente Jesus pode levantar Lázaro da morte; quem estava por perto somente pôde remover a pedra que estava no caminho. Os cinco irmãos não salvos do rico em Lucas 16 tinham “Moisés e os profetas”, eles não necessitavam que alguém ressuscitasse da morte, nem de falar a eles como viver e morrer (verss. 28 a 31).

João pensava da imersão como um símbolo do Evangelho de Cristo? O que é como um símbolo é indicado pelo fato da palavra “batizava” e “batizando” (João 3:22, 26; 4:1, 2) representando a totalidade do ministério de Cristo em certos lugares. Igualmente, algumas palavras representam a totalidade da obra de João o Batista em outros (João 1:28, 31, 33; 3:23; 10:40). Isto não quer dizer que o batismo granjeia salvação, mas faz uma imagem ou retrato dela. Representa a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo que fez segura salvação para todos os pecadores arrependidos (Lucas 12:50, Rom. 6:3-5; Col. 2:12; 1 Pe. 3:21).

Você pode imaginar o que João fez e como ele raciocinou. Quão exata é nossa reconstrução do pensamento de João pode ser estimado parcialmente pelo que ele de fato disse e fez depois, mas parte de nossa especulação deve esperar a plena revelação. Talvez no céu João nos permita saber mais sobre seus estudos. Ele pode ter raciocinado como segue.

Ele provavelmente leu Gênesis, capítulos de um a três. Deus disse a Adão e Eva o que eles podiam e o que não podiam fazer. Eles desobedeceram; eles pecaram; eles se rebelaram contra Deus. A antiga lei divina diz: “a alma que pecar, essa morrerá” (Gen. 2:17; Ezequiel. 18:4). Mas Deus ama o homem. Ao invés de punir nossos primeiros pais com a imediata execução de sua merecida penalidade, Deus em Sua infinita misericórdia concedeu a eles um substituto vivo como expiação pelos seus pecados. Esta oferta significava que o pecador se identificaria a si mesmo com o sacrifício vivo. Quando foi oferecido sobre o altar eles diziam: “Aqui está uma criatura viva. Ela não mereceria morrer. Ela não se rebelou contra o Criador. Mas eu sim; eu pequei; eu mereço morrer pelo meu pecado. Mas eu creio que Deus aceitará meu substituto vivo em meu lugar. Isto foi uma vez minha propriedade; eu agora sacrifiquei a Deus; isto ensinará a mim a terrível natureza do pecado, assim eu odiarei o pecado e amarei a retidão. Esta oferta é um símbolo de meu arrependimento. Eu ainda lamento por meu pecado e intenciono não cometer mais qualquer tipo”.

Então João o Batista deve certamente ter lido Gênesis quatro. “Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR”. “E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas”. “... e atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta. “Mas para Caim e para a sua oferta não atentou” (Gen. 4:3-5; Heb. 11:4).

Porque a diferença entre as duas ofertas? Caim recusou reconhecer a mortífera e maligna natureza do pecado, então ele se recusou a trazer uma vida como sacrifício. Ele duvidou da revelação e ao invés disso creu na mentira do diabo: “Certamente não morrereis” (Gn 3:4). De fato, Caim fez o que muitas pessoas tem feito desde então: fez pouco do pecado. Sabemos disto porque ele matou seu irmão e ainda disse: “sou eu guardador do meu irmão?” (Gn 4:8-9). “Os insensatos zombam do pecado, mas entre os retos há benevolência.” (Provérbios 14:9). Quando uma pessoa faz pouco do pecado, o próximo passo para baixo é fazer pouco da salvação e do próprio Salvador.

Abel por outro lado, era uma pessoa justa (Hb 11:4). Ele conhecia que o pecado era mortal, por isso ele trouxe uma ovelha de seu rebanho como sacrifício. Sua oferta era com sangue que foi derramado e sangue significa vida (Levítico 17:11). “... sem derramamento de sangue não há remissão (Hb 9:22). A Bíblia tem uma grande doutrina sobre o sangue e por uma boa razão. Todo o plano de redenção tem fundamento, uma vez que o amor de Deus é aceito.

João o Batista tinha agora um bom começo em teologia do Novo Testamento. Ele faria certas perguntas e as respostas deveriam agregar-se sensatamente. Ele precisava de um símbolo que

transmitisse várias verdades – vital, eternal, fundamental, elementar, redentora, prática, instrutiva e Verdades Cristológicas.

O que significará morrer para o pecado, sem prejudicar os pecadores arrependidos?

O que mostrará que Deus necessariamente e inevitavelmente julgará o pecado?

O que simbolizará a rejeição do pecado, do mundanismo e também do diabo?

O que mostrará o começo de uma nova vida de retidão?

O que indicará um interior limpo e um amor a santidade?

O que dará uma pública declaração de lealdade ao Messias-Cristo?

O que ilustrará uma mudança da antiga vida para uma nova?

O BATISMO FAZ TUDO ISSO!

O que é mais importante é que o batismo simboliza a grandiosa obra de Cristo na terra - Sua morte, sepultamento e ressurreição em prol dos pecadores. Parenteticamente, aspergir e verter não significam nenhum ensino deste rico Evangelho.

De fato, algo além de imersão seria enganoso; seria obscurecer o Evangelho ao invés de revelá-lo. Somente a imersão pode representar um genuíno símbolo cristão.

O leitor pode encontrar mais informação sobre o batismo no livro do autor: “Seu Batismo é Importante” (Your Baptism is Important. Published by The Bogard Press, Texarkana, Ark.—Texas, 1972).

Se João reconheceu que no batismo ele tinha uma teoria, ou uma tentativa de solucionar seu problema de encontrar um símbolo para o Evangelho, algo que indicasse todos os significados listados acima, a próxima seria testá-la. O método científico – não uma invenção recente, pelo modo proposital – seria examinar a luz de todas as Escrituras o que ele tinha, o Antigo Testamento. João o Batista viu algo como o batismo de Noé durante o dilúvio? Pedro viu! A primeira epístola de Pedro 3:21 sem a porção parentética, compara a arca de Noé (com a família de Noé a salvo) ao batismo. “Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo;” (I Pe 3:21), a ressurreição de Cristo nos salva, não o batismo.

Batismo nunca salvou alguém e nunca salvará. É essencial para obediência, mas não para a salvação; que deve vir depois da conversão, não antes (Mateus 28:19; Atos 2:41; 18:8).

Na época de Noé toda a terra merecia a morte (exceto oito). Toda a terra foi imersa e então ressuscitou (Salmos. 104:6-9; 2 Pe.3:5, 6, 13).

Que grande objeto de lição deve ser para todas as gerações posteriores!

E o batismo é ainda um objeto ideal de lições, uma grande “ajuda visual” para todos os que agora enxergam. Ele declara que todos os pecadores merecem a morte, mas Cristo morreu e ressuscitou para todos e, portanto todos os pecadores que se arrependerem podem ter a vida eterna. João o Batista viu algum tipo de batismo na passagem de Israel pelo Mar Vermelho? Paulo viu na I Coríntios 10:1- 2: Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar. E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar”.

Isto não foi um batismo verdadeiro; foi em vários modos uma figura. Ele marcou o fim da escravidão pelos egípcios, da mesma forma que o batismo cristão marca o fim da escravidão pelo pecado. Ele marcou o começo da peregrinação de Israel até a terra prometida, da mesma forma que o batismo verdadeiro marca o começo da peregrinação cristã até o céu. Foi a marca de um novo começo e uma nova vida para Israel; ainda assim, o batismo é o sinal externo de uma nova vida no homem interior. O poder de Deus foi mostrado efetivamente ao dividir as águas do mar para permitir que Israel passasse sobre solo seco. O batismo glorifica o poder de Deus por ser um símbolo da ressurreição de Cristo.

Romanos 6:4 declara: “...como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”.

O povo que cruzou o Mar Vermelho é dito que foram “batizadas em Moisés”. Isto significa que elas agora reconheceram a Moisés como seu líder e sua antiga servidão aos faraós do Egito tinha acabado. Assim no batismo cristão, os crentes são batizados em Cristo e suas antigas associações pecaminosas são rompidas. Israel depois de cruzar o Mar Vermelho teve uma nova lealdade, novos privilégios, uma nova obra, novo alimento e uma nova perspectiva na vida.

Ao cristão, o batismo deve seguir logo em seguida a sua conversão, dentro do possível, significa que em seu batismo agora ele tem novas lealdades, novos privilégios, novo alimento para seu coração e alma, nova obra para fazer e uma perspectiva de vida sã.

Similar a passagem do Mar Vermelho foi a passagem pelo rio Jordão, relatada no terceiro capítulo do livro de Josué. Desde que o Jordão flui para o Mar Morto e termina lá – o Mar Morto não tem saída– o Jordão era considerado um tipo de morte. Uma antiga canção expressa este pensamento.

*“Bem junto estou ao rio Jordão
E lanço além o olhar
Saúdoso estou e anseio herdar
Meu doce, doce lar”*

O Jordão foi a última barreira para Israel em sua jornada para Canaã. Estava no limite entre o deserto e o Egito de um lado e a terra prometida de outro. Poderia ter sido esta a razão que levou João a escolher este rio para começar seus batismos?

João pregou sobre a fuga de Israel do Egito e a passagem pelo Jordão como um tipo de arrependimento dos pecadores para “fugir da ira futura”? (Mateus 3:7). A. W. Pink (Exposição do Evangelho de João pg. 59) indicou sua crença que esse era o caso... sendo batizado no Jordão, eles compreenderam que a morte foi sua dívida”. (itálicos seus).

É possível que João em suas frequentes leituras do Antigo Testamento, pausasse na história de Naamã e suas imersões no Jordão. A Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, usa a palavra “batizar” para descrever suas lavagens. O nome Jordão significa “descer” e Naamã teve que descer em humildade para ter sua cura. Ele preferia os rios Abana e Farpar (II Re 5:12) que considerava “melhores do que todas as águas de Israel”. Mas diante dos insistentes pedidos de seus servos ele se rebaixou; e fez como Eliseu indicou e ficou limpo de sua lepra. Ele agiu varonilmente. Com toda a sua comitiva ele voltou a Eliseu e disse: “Eis que agora sei que em toda a terra não há Deus senão em Israel” (vers. 15). Da mesma forma o batismo declara que não há outro Deus além de Jeová que pode ressuscitar da morte.

Quando João o Batista leu até o capítulo 53 de Isaías, ele deve ter encontrado lá – como muitos pregadores também – um rico depósito de material para sermões. Nesta extraordinária passagem sobre os sofrimentos do Servo do Senhor são descritos. Ele é comparado a um Cordeiro sacrificial (do grego *amnos*), a palavra que João usou para Jesus em João 1:29. Aqui era (e é) o alimento para a mente. Pode isto significar uma ressurreição como foi indicado no Salmo 16:10? Pedro citou esta profecia no Pentecostes em referência a ressurreição de Cristo (Atos 2:25-31).

De nosso atual vantajoso ponto de vista da história, algumas dessas interpretações parecem ser óbvias. Mas João como o primeiro pregador do Novo Testamento, tinha somente o Antigo Testamento como sua autoridade. Quão longe o Espírito Santo o levou ao formular as mensagens de suas pregações e seu batismo, não sabemos.

Deus pode ter falado diretamente a João como ele fez com Moisés. Sabemos o que ele fez em seu ministério público, como registrado nos quatro Evangelhos. Antes de discutirmos sua obra, uma questão a mais surge:

JOÃO SOUBE DA ÉPOCA CERTA PARA INICIAR SUA OBRA A PARTIR DE DANIEL 9:25-27?

Como João sabia quando iniciar a pregar e a batizar?

Lucas é meticoloso em registrar a data exata (Lucas 3:1-2); ele documentou o tempo através da citação de sete romanos e judeus que ocupavam cargos de importância. João não começou seu ministério por causa destes nomes; eles são listados somente para mostrar quando João começou sua obra. O tempo deve ter sido importante, senão porque é declarado tão cuidadosamente?

“A origem determinada pode ser das páginas do profeta Daniel, que fixou o tempo por certas medidas e que por meios da cultura Alexandrina tornou-se conhecido pelo mundo, teve espalhada esta expectativa, não apenas de um príncipe que estava por vir, mas que ele estava muito perto” (Elder Cumming—John the Baptist, Forerunner and Martyr, p. 11).

Se João iniciou seu ministério de acordo com o sacerdócio levítico segundo Números 4:3, 23, ele deve ter começado com a idade de trinta anos. Há grande probabilidade de que ele tivesse trinta anos de idade quando “veio no deserto à palavra de Deus” para ele no deserto (Lucas 3:2).

Sabemos que Jesus tinha “quase trinta anos” (Lucas 3:23) quando foi batizado; que João era seis meses mais velho que Jesus e que João estava pregando e batizando antes do Senhor Jesus vir a ele. Também sabemos que João não ingressou no sacerdócio; na verdade ele repreendeu duramente a hierarquia sacerdotal (Mateus 3:7-10). “Ele havia rompido com o antigo sistema; ele tinha abandonado o Templo e a sinagoga e atacado os principais com fortíssimas denúncias” (David Smith, *The Days of His Flesh*, p. 227).

João introduziu uma nova era com seu batismo. “João nunca se referiu a lei de Moisés, nem a sacrifícios, nem a dia de expiação. João ensinou sobre a Trindade” (Elder Cumming—John the Baptist, Forerunner and Martyr; p. 59).

João leu Daniel e o reconheceu como sendo relacionado com as profecias messiânicas. Aqui foi uma possível linha de tempo, se somente alguém puder a ler corretamente. Agora sabemos que Cristo considerou Daniel como profeta, predizendo o futuro (Mateus 24:15); certamente João o Batista estava em igualdade de opinião com ele. Mas o que Daniel quis dizer com as setenta semanas ou sete anos? E quando as setenta semanas de sete anos começaram?

A ordem para restaurar Jerusalém (Daniel 9:25) provavelmente se refere a Neemias 2:1-8, quando o rei Artaxerxes da Pérsia deu a Neemias a ordem real para reconstruir os muros da cidade. “E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo” (Dan. 9:26).

O que pode parecer simples aritmética é ainda um problema para estudiosos da Bíblia. Os dados ocultos em Daniel devem esperar por uma solução futura. Uma grande preocupação é: O que fez João o Batista? E o que ele disse? O quanto ele foi ouvido e visto?

CAPÍTULO 5—AMPLAMENTE OUVIDO E VISTO

“Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão”

Mateus 3:5

Os homens naturalmente são atraídos por uma multidão. Essa gravitação ou atração, algo aparentemente tão simples, ocupa vinte páginas na Enciclopédia Britânica, edição de 1961, a maior parte em complexas fórmulas matemáticas. Sir Isaac Newton (1642-1727) escreveu que dois corpos quaisquer no universo atraem um ao outro na mesma proporção do produto de suas massas e inversamente ao quadrado das suas distâncias. Tudo isso é empregado com excessivo refinamento pelos cientistas que estudam o espaço para fazer com que os astronautas mantenham-se em órbita. Mas João o Batista exerceu um apelo extragravitacional. Suas mensagens inspiradas pelo Espírito Santo atraíram muitos com uma força sobrenatural. Então muitos de seus ouvintes foram orbitar em torno do Filho de Deus, chamado de “o sol da justiça” (Mal. 4:2) e assim eles começaram sua jornada rumo ao céu. O “foguetes da fé” ainda está levando os pecadores arrependidos para longe do campo gravitacional deste mundo pecador, e para os “lugares celestiais em Cristo” (Efésios 1:13; 2:6, 13; 3:10). Ao contrário, o apelo da popularidade mundana atrai os que amam a filosofia mais do que a teologia Bíblica. Isto pode explicar a contínua existência de liberais com sua orgulhosa erudição. Seu orgulho parece vão à luz da arqueologia bíblica.

O ministério público de João o Batista começou quando “a Palavra de Deus” veio a ele nos desertos da Judéia (Lucas 3:2).

Ele começou a batizar próximo a desembocadura do rio Jordão, não muito longe do mar morto e a leste de Jerusalém por volta de um dia de jornada.

Como ele ganhou suas primeiras multidões?

F. B. Meyer escreveu (47): Pode ter acontecido assim: Um dia, uma caravana de peregrinos estava escalando os desfiladeiros monteses passando pela estrada entre Jerusalém e Jericó lentamente, ou parando por um momento no calor do meio-dia, e de repente foram surpreendidos pelo aparecimento de um homem magro e rústico, trajando roupa de pelo de camelo, com seus cabelos pretos e soltos e com uma voz que deveria ter sido tão forte e penetrante quanto uma trombeta tocando, “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus!” Era como se uma faísca tivesse caído em material inflamável. A novidade se espalhou com rapidez maravilhosa pelos desertos da Judeia... “Imediatamente pessoas começaram a vir a ele de todos os lados”.

Pessoas devotas estavam esperando o Reino dos céus por anos (Lucas 1:65, 66; 2:25, 36-38). George W. Clark, em suas notas do Evangelho de Mateus (39), diz que João começou a pregar no ano sabático.

Este era um ano de descanso dos trabalhos e as pessoas teriam mais tempo de viajar consideráveis distâncias para ouvir este novo pregador. Cada pessoa que ouvia este profeta como se fosse Elias que tivesse voltado contaria a seus amigos e vizinhos. Muitas dessas pessoas se apressariam para ir ver este fenomenal mensageiro profetizado por Malaquias. João foi o primeiro profeta a aparecer em mais de 400 anos. A mensagem de João diferia radicalmente da dos líderes religiosos contemporâneos. Os fariseus eram entendidos principalmente em suas minuciosas interpretações das leis do Antigo Testamento. Suas vidas hipócritas bem como seus ensinamentos foram expostos implacavelmente por nosso Senhor Jesus em Mateus 23:13-29 e em Lucas 11:42-44.

Os saduceus não eram entendidos sobre as minúcias do exame farisaico; sua ênfase era o Pentateuco. Eles erraram em negar a existência dos anjos, espíritos e da ressurreição. Como políticos eclesiásticos

eles dominavam o sinédrio. Eles pouco se importavam com a esperança da vinda do Messias, uma vez que seus objetivos eram a paixão nacionalista e o entusiasmo religioso.

Os escribas eram eruditos profissionais, conheciam a lei, ensinavam os seus muitos requerimentos para as pessoas através de suas decisões legais. Eles foram francos oponentes dos helenistas e por isso ganharam muito favor dos judeus chauvinistas. Jesus expos e repreendeu seu orgulho, insinceridade e obstinácia espiritual em Mateus 23. Os doutores eram muito bem versados na lei de Moisés e serviam como intérpretes profissionais dela. Escribas e doutores da lei eram as mesmas pessoas (Lucas 11:44, 45). Eles juntamente com os fariseus rejeitaram o batismo de João (Lucas 7:30), assim como os escribas e saduceus. Os doutores da lei tentaram menosprezar a Cristo com seus argumentos (Mateus 22:35; Lucas 10:25), mas foram invariavelmente menosprezados por Ele.

Jesus os repreendeu por colocarem pesos sobre as pessoas e por manterem a chave do conhecimento longe delas (Lucas 11:45-54). A grande maioria do povo judeu não tinha outros mestres além dessas quatro classes de religiosos profissionais. Não é nenhuma maravilha que João o Batista deu a eles um contraste agradável. Sua pregação foi Bíblica, sem as adições e aumentos das tradições humanas com que os fariseus impunham sobre as pessoas, “Invalidando assim a palavra de Deus” (Marcos 7:13).

João o Batista cheio do Espírito Santo, falou com a voz de divina autoridade e “não como os escribas”.

O povo, pelo menos a maioria dele, sabia instintivamente que ali estava um profeta e foi em massa ouvi-lo. Eles passaram da hierarquia religiosa arrogante para um humilde pregador nos desertos.

O Espírito Santo pode tomar um rustico jovem do campo, Dwight Lyman Moody, e causou nele a manifestação do fogo do seu poder para anelar pelo seu Senhor. Este mundo árido se virou para ver este “arbusto incandescente” e ouvi-lo e assim muitos creram em sua mensagem.

Eles foram gloriosamente salvos – do pecado, da formalidade vazia e da vã maneira de viver. Foi “Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o SENHOR” (Zacarias 4:6).

Este mesmo Espírito Santo espera por crentes agora que entregam tudo a Deus. João o Batista não fez nenhum milagre (Jo 10:41).

Se dois milagres são requisitos para estabelecer alguém como um santo – de acordo com o sistema católico romano – então João não pode ser qualificado.

Seu poder não estava em sinais e maravilhas, mas sim em seu maravilhoso Senhor. Alegados milagres que ocorrem em “santuários” atraem multidões de pessoas supersticiosas, mesmo que seus líderes neguem a autenticidade dos relatos.

João o Batista atraiu multidões sem artifícios.

O fato é que muitos creram em Cristo através do evangelismo de João o Batista, de acordo com A. M. Symington (A Vida e Ministério de João o Batista, pg. 185), “melhor do que todos os milagres”. João o Batista teve uma mensagem substancial.

Ele anunciou o reino do céu que estava prestes a aparecer e o seu Rei que fora profetizado e esperado há muito tempo. A maior parte dos judeus aparentemente esperava um rei que exercesse poder político, se não militar.

Eles estavam reconhecidamente ansiosos para serem livres da dominação romana e suas esperanças distorceram suas interpretações das profecias.

Isto não é comum de acontecer em qualquer época?

Quando o registro bíblico diz que “todo” o povo da Judéia e da circunvizinhança do Jordão foram ouvir João o Batista, significa que pessoas de todas estas áreas foram ouvintes dele. Como nós, nem todo o uso da palavra “todo” deve ser tomado em um sentido literal na Bíblia (1 Cor. 13:7; Fil. 2:21; 4:13, 18; Jo 4:39; Col. 1:6). Então inclusive João tinha certamente grandes congregações para ouvi-lo.

Nahum Gale, em sua obra *The Prophet of the Highest, ou The Mission of John the Baptist* (p. 68), escreveu: “A cidade de Jerusalém não poderia ter menos que 200,000 mil habitantes”.

Marcos (1:5) apóia Mateus com a frase “E toda a província da Judéia”. Lucas (3:7) refere-se a “multidão que saía para ser batizada por ele”.

Entre grupos específicos, havia possivelmente representantes de muitas outras classes de pessoas mencionadas por Lucas, como os publicanos (3:12, 13), soldados (3:14) e até mesmo Herodes (3:19). Jean Steinman, um autor francês (*Saint John. the Baptist*, traduzido do francês por Michael Boyes, 1958, usado com permissão da Harper and Brothers, New York), comenta na página 69 a palavra de João para os publicanos: "Da mesma maneira ele não ordenou publicanos para deixar um meio de sustento que os judeus consideraram desprezível. Até mesmo os Essênios consideravam os publicanos como ímpios por causa do contato deles com os gentios. João lhes pede simplesmente que continuem os seus negócios honestamente e lealmente. Ele não condena a colaboração deles nem sequer com o regime da ocupação romana (Isto apóia nossa crença que Mateus, quando Cristo o chamou, era um coletor de impostos honesto). Igualmente, João não disse para os soldados que abandonassem o exército Romano.

Aparentemente ele não foi um pacifista. Afinal de contas, um exército é somente uma grande força policial e qualquer um acredita na necessidade de policiamento. O perigo está em homens como Hitler, um criminoso internacional, que devem ser postos longe do poder armado. O Evangelho de João registra a visita de uma comitiva de sacerdotes e levitas de Jerusalém, enviados pelos fariseus para interrogar João o Batista. Isto foi em certo sentido uma grande honra. Os fariseus estavam acostumados a terem pessoas vindo a eles; agora eles é que devem ir ao deserto para inquirir sobre um pregador “neófito”.

Não muitos ministros contemporâneos têm uma consideração tão bela comparável a eles. Jesus se referiu a este incidente em João 5:33 e testificou da fidelidade de João. Certos fariseus e doutores da lei que ouviram João “rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele”. (Lucas 7:30). Fica claro então que muitos dos “religiosos” rejeitaram João o Batista.

Talvez alguns dos cristãos deste presente século precisem re-examinar seus pontos de vista sobre João. Voltando ao livro de Atos, encontramos um versículo muito importante (1:22): “Começando desde o batismo de João até ao dia em que de entre nós foi recebido em cima, um deles se faça conosco testemunha da sua ressurreição”.

Este vital testemunho foi substituído por Judas, que traiu seu Senhor com um beijo e então se enforcou. A nova testemunha também tinha que ser uma das que estavam com os outros discípulos: “todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós” (1:21). Então os doze discípulos originais estavam com Jesus todo o tempo, começando com o batismo de João.

E desde que João 1:35-45 claramente declara que alguns dos doze tinham sido primeiro discípulos de João o Batista e portanto, foram batizados por ele, é seguro inferir que todos os doze tenham sido batizados por ele.

Então todos os doze tinham ouvido João o Batista. Isto é importante, pois muitos assumem que quando Cristo chamou os doze este teria sido o primeiro chamado; eles esqueceram que João o Batista veio preparar pessoas para seu Senhor. Os que dizem que os onze discípulos cometeram um engano em Atos 1:21-26, que eles deveriam ter esperado por Paulo, estão errando. Para Paulo, grande como era, não foi qualificado para testemunhar para a obra do Senhor Jesus “nos dias da sua carne”. Ele não tinha visto Cristo trabalhando; ele não ouviu Cristo pregar; ele não foi batizado até bem mais tarde (Atos 9:18). Ele foi um apóstolo, mas em um sentido diferente dos doze originais.

E como Matias não foi mencionado novamente, o mesmo é verdade em relação a maior parte dos outros listados em Atos 1:13. Quem ouviu João o Batista? Pedro em Atos 10:37 diz que pregava “por toda a Judéia, começando pela Galiléia, depois do batismo que João pregou”. E Paulo em Atos 13:24 diz que : “Tendo primeiramente João, antes da vinda dele [Cristo], pregado a todo o povo de Israel o

batismo do arrependimento”. Então todo o Israel foi responsável pela mensagem. Apolo (Atos 18:24-28) tinha aparentemente ouvido a João e recebido seu batismo mas perdeu muito da subsequente instrução no Evangelho no qual Cristo e os demais pregadores tinham dado. Talvez Apolo tenha despendido considerável tempo em um lugar isolado e não foi, portanto, tocado com a pregação do Evangelho. Sabemos que ele viajou muito; talvez ele estivesse longe da Palestina. Muitos estudiosos da Bíblia ficam desnecessariamente confusos pela história de alguns homens em Éfeso (Atos 19:1-7) que diziam ter o batismo de João, mas nunca tinham ouvido falar do Espírito Santo. Mas João o Batista pregou sobre o Espírito Santo. Esses homens estavam a centenas de quilômetros da Palestina. Semelhantemente eles nunca tinham ouvido João pessoalmente, eles somente tinham um Evangelho distorcido, de segunda ou de terceira categoria. Este incidente mostra o quão rapidamente a verdade do Evangelho pode ser pervertida; como muitas seitas surgem; como as divisões florescem e como é necessária a leitura cuidadosa da Bíblia.

A. T. Robertson escreveu sobre Apolo (John the Loyal; p. 292): “A menção do batismo de João foi com o propósito de datá-lo, por assim dizer. Ele ocupou o ponto de vista pré-pentecostes. Não há indício de que Áquila e Priscila ensinaram a Apolo a insuficiência do batismo de João”. Com relação a Atos 19:1-7, “eles incorreram em uma lamentável ignorância e erros sobre os elementos nos ensinamentos de João em tal extensão que se hesitava chama-los de cristãos... esses “discípulos” podem ter sido ignorantes em relação a representação de João como precursor do Messias... Paulo então, não desacreditando o batismo de João, mas interpretando o real significado dele... o resto da explanação de Paulo está em harmonia com esta ideia... eles foram novamente batizados, não porque eles tinham somente o batismo de João, mas porque eles na verdade não tinham este... estes homens nem mesmo tinham um verdadeiro batismo nas águas, e muito menos o do espírito”. Porque muitos escritores falham ao estudar esta passagem, Atos 19:1-7, com bastante cuidado, eles cometem um sério engano ao dizer que o batismo de João não era cristão. O Novo Testamento dessa forma é dividido ou dissecado em fragmentos e dificuldades conseqüentemente se multiplicam.

J. A. Broadus escreveu com sua costumeira sabedoria sobre este importante ponto (Matthew; p. 240): “Se o ensino e batismo de João são estabelecidos como essencialmente diferentes em espécie e em ensino do batismo cristão, esse começa somente no dia de Pentecostes, então temos a estranha contradição do próprio Cristo, como ensinador e batizador (João 3:22;4:1), para esta dispensação. Além disso, em Mateus 11:12 e também em Lucas 16:16 nosso Senhor fala do Reino do céu como sendo já existente e conta João o Batista entre os pregadores deste Reino como distinguindo daqueles que meramente o predisseram... essas pessoas (em Atos 19:5) foram rebatizadas porque ficou evidente que quando elas tinham recebido um batismo anterior (provavelmente de algum discípulo ignorante de João) não soubessem nada sobre o seu significado, não compreendessem as verdades fundamentais do Reino messiânico, como o foi anunciado pelo próprio João. Este caso isolado pode ser respondido deste modo e de fato de vários outros modos, é totalmente injustificável tornar-se a prova de uma distinção radical entre o batismo cristão e o batismo administrado por João e pelo próprio Cristo”. Todos os membros de igrejas que foram erradamente batizados, ou que foram batizados antes de sua conversão, devem seguir o exemplo desses efésios. Eles devem falar com um ministro que conheça o batismo do Novo Testamento e então obedecer ao seu Senhor do modo que significará permanente satisfação para eles. Agora o registro é absolutamente claro em relação a quem ouviu e a quem não ouviu a João. Mais importante: quem ouvirá a mensagem agora? Alguns a irão rejeitar e, portanto, rejeitarão o “conselho de Deus”, outros irão acreditar e assim virão a Cristo. João foi visto bem como ouvido. Seu batismo foi extraordinário como espetacular em suas palavras. A maioria das pessoas aparentemente acreditaram que o batismo de João veio do céu (Mt 21:25-26). E João deu sua razão para batizar: “que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, batizando com água” (João 1:31). Desde que o batismo é uma imagem da morte, sepultamento e ressurreição (Lucas 12:50; Rom. 6:3, 4; Col. 2:12; 1 Pe 3:21), ele deve ser por imersão e nada mais. Nenhum outro “batismo” tem qualquer significado simbólico. Alguns expositores procuram por algum defeito ou falta na pregação de João. Dizem eles que João não pregou sobre a ressurreição de Cristo. Mas todo batismo que ele fez foi um sermão sobre a ressurreição de Cristo! Cada imersão de um crente fez Cristo “manifesto” para todo expectador: ele batizou pessoas que eram convertidas a Cristo; ele foi comprometido com Cristo; ele

“já ressuscitou com Cristo” (Col.3:1); e em seu batismo ele testemunhou sua crença na ressurreição de Cristo. Se como muitos cristãos acreditam, a ressurreição de Cristo foi o grande evento que houve no mundo, então o batismo é um grande símbolo para o mundo.

Batismo testemunha para um grande evento; testemunha para o pecador a conversão que é sua maior experiência e testemunha para o diabo a sua grande derrota. [Para saber mais sobre a importância do batismo, veja a obra do autor: *Your Baptism Is Important*].

Diz-se que os batismos de João testemunhavam uma significativa ordenação. James A. Stalker, um não imersionista, escreveu sobre o batismo de João: “ele personificou em seu ensino não somente em palavras, mas em um expressivo símbolo. E nunca antes alguém teve escolha mais feliz; pelo batismo expressar exatamente o desígnio de seu intento” (*The Two St. Johns of the New Testament*, p. 211).

O batismo por imersão mostra o crente julgando-se como um pecador merecendo a morte por causa de seus pecados. Seu sepultamento em água indica sua concordância que deve morrer por ter pecado. Carl H. Kraeling, um outro não imersionista, chegou perto desta grande verdade: “... a suposição que no batismo de João o indivíduo pré-ordena seu julgamento... ” (*John the Baptist*; p. 118). “... como um ato de auto-humilhação diante de Deus [batismo] foi uma clara, voluntária expressão de verdadeiro arrependimento, e este arrependimento foi comumente conhecido para se ter o divino perdão como resposta. Se o batismo é de João, então foi um ato de arrependimento que pode mediar o perdão sem outorgá-lo” (121, in *John the Baptist*).

O batismo do Novo Testamento (do grego baptizo) é por imersão, e é claramente visto em que o próprio Senhor “sendo... batizado, saiu logo da água” (Mateus 3:16); o etíope “desceu” e “saiu da água” (Atos 8:38-39); crentes são “sepultados com ele pelo batismo” (Rom. 6:4; Col. 2:12), e nós também levantamos com ele para andar em novidade de vida (Rm 6:4). O povo que fala o grego atualmente rejeita totalmente e ridiculariza a ideia de usar esta palavra grega (baptizo) em qualquer outro modo além do seu próprio, definitivo e bem conhecido sentido; e a igreja grega segue o mesmo ensino.

Batismo por imersão é declarativo em dizer ao mundo que um pecador arrependido está abertamente sendo contado como um dos que estão do lado de Cristo; é comemorativa ao lembrar a todos que o observam que a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo foi em favor de todos os pecadores; e é protetor ao manter de fora de cada igreja local aqueles que são indiferentes, indecisos, vacilantes, que estão perdendo a oportunidade de confessar a Cristo em um batismo verdadeiro. Este é o ponto de vista Batista; qualquer um admite que igrejas pedobatistas tenham muitos sinceros e genuínos cristãos em suas memórias. Mais e mais desses estão vindo ver o modo e o significado do batismo neotestamentário.

A Bíblia ensina que o batismo é somente para convertidos genuínos, e que deve sempre vir depois da regeneração. Isto resultaria em uma “memória de igreja regenerada”, uma congregação somente de pessoas redimidas. Se a salvação e o batismo são mencionados no Novo Testamento, eles estão sempre nesta ordem. Em João 4:1, por exemplo, vemos que Jesus e seus discípulos batizavam discípulos. A.W. Pink (*Exposition of the Gospel of St. John*; p. 157) escreveu: “Esta é uma de muitas passagens do Novo Testamento que uniformemente ensina que somente quem já é um crente em Cristo é qualificado para o batismo”.

Em perfeita concordância com esta declaração, está a Grande Comissão, onde somente os que são feitos discípulos são batizados e em Corinto “muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados” (Atos 18:8).

O maior momento de João foi quando batizou o seu Senhor. Humildemente ele tentou dizer que não era digno de receber esta única honra (Mateus 3:13-17). Aparentemente João se batizou; ele tinha uma comissão direta de Deus para realizar este importante rito (João 1:33). A paciente solicitação de Jesus, João o batizou no rio Jordão (Marcos 1:9-11; Lucas 3:20, 21).

O quanto a imersão pode ser descrita mais definitivamente e inequivocadamente é difícil de imaginar. Jesus foi batizado com o fim de mostrar a todas as pessoas, em todos os tempos, como o batismo deve ser feito. Ele disse a João: “assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15). Então quando Ele deu suas últimas ordens para Seus seguidores em Mateus 28:18-20, todos saberiam sem questionar exatamente o que Ele intencionou com o ato de batizar convertidos.

Porque Jesus foi batizado? Entre outras razões, A.T. Robertson (*John the Loyal*; p. 121ff) oferece a seguinte explicação:

“Se Jesus não se submetesse ao batismo de João, ele se colocaria em uma atitude igual ao dos fariseus e escribas que rejeitaram o batismo de João em Lucas 7:29 ... se Jesus não tivesse se submetido ao batismo, um poderoso argumento contra o batismo pelos discípulos de Jesus teria existido. A posterior ordem de Jesus para batizar teria carecido de força pelo próprio exemplo do Mestre ... o batismo não consagrou Jesus como um sacerdote. Ele não foi um sacerdote no sentido cerimonial. Ele não estava ligado com a linha de sacerdócio, Ele foi um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. O batismo não foi uma purificação vicária como representativa de um povo culpado. O batismo não foi uma consagração messiânica. A descida do Espírito Santo é que foi. Em um sentido pleno é verdade que o batismo prefigura a própria morte e ressurreição de Cristo como posteriormente explicou Paulo (Rom. 6:2-6). Em um sentido também Jesus colocou a Si próprio em paridade com os homens. A solidariedade pela raça humana foi ilustrada por este ato de Cristo”.

Jesus disse de Seu batismo: “*assim nos convém*”. F. B. Meyer (*John the Baptist*; p. 74): “Eu gosto desta palavra, *convém*. Se o divino Senhor pensou assim sobre que era conveniente, certamente nós podemos”. Na estrada para Emaús Cristo disse para aqueles discípulos: “Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:26).

E em Hebreus 2:10: “Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse pelas aflições o príncipe da salvação deles”.

Jesus também disse: “*assim nos convém*”.

Ele pode ter incluído João nessa grande palavra; contudo, desde que João não batizou a si mesmo, Cristo quis mostrar mais provavelmente toda Sua obediência para os seguidores que se submetessem ao batismo.

Esta palavra então ensina a unidade de Cristo com todos os crentes.

Benção na união, benção no vínculo, benção no símbolo, abençoado ato de obediência com cada convertido a Cristo podendo observar exatamente o modo que seu mestre observou.

Jesus foi batizado para que “se cumprisse toda a justiça”.

Isto Ele de fato fez na cruz quando tomou nossas injustiças sobre Si mesmo e então nos deu a Sua própria justiça. Ele fez isto simbolicamente em Seu batismo que foi prometido, profetizado e retratado em Sua morte, sepultamento e ressurreição.

Em qual data ele foi batizado?

Isto pode não ser relevante; porém o dia de Sua crucificação coincidiu com o dia de expiação do Antigo Testamento. Talvez a data em que Abraão ofereceu em sacrifício seu filho Isaque seja a mesma; neste caso, estaria propício.

Isaque perguntou a seu pai: “Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?”.

Esta questão não teve resposta por dois mil anos. A verdadeira resposta, depois de muitos substitutos, veio com João o Batista quando ele apontou para Cristo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. (João 1:29).

O batismo de nosso Senhor Jesus Cristo! Que vislumbre!

Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram. Senhor, eu creio!

CAPÍTULO 6—SURPREENDENTEMENTE CRIDO

"todos consideram João como profeta" Mateus 21:26

“Porquanto veio João, não comendo nem bebendo, e dizem: Tem demônio” (Mt 11:18). Este é o Senhor Jesus falando, em aparente contradição com o primeiro texto acima que foi dirigido ao chefe dos sacerdotes e anciãos que se opuseram a Ele e a João o Batista. Estes críticos, aparentemente líderes entre o povo, consideravam João um fanático com cabelos compridos, um rebelde que estava contra a ordem regular da religião judaica, um inovador, talvez até mesmo possuído por demônios. É surpreendente, portanto, que tantas pessoas ouviram e creram nele. Tinham os “líderes dos judeus” perdido sua influência?

MULTIDÕES FORAM BATIZADAS POR JOÃO, CONFESSANDO SEUS PECADOS (Mt 3:6)

Confissão é acompanhada por convicção e conversão. Convicção do pecado é devido ao Espírito Santo. Isto sempre foi verdade, mesmo antes de Cristo prometer em João 16:7-11 que esta seria uma das missões do Espírito Santo quando Ele viria em maior manifestação sobre a Igreja ainda jovem.

No Pentecostes, os ouvintes de Pedro estavam compungidos em seus corações (At 2:37) e depois do sermão de Estevão, sua morte, seus antagonistas estavam enfurecidos em seus corações (At 7:54).

João o Batista não era menos cheio do Espírito Santo do que Pedro e Estevão. Uma vez que “a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos, pois?” (Lucas 3:10).

Toda pessoa que se lembra de sua conversão pode também se lembrar de sua convicção do pecado. Anteriormente, a pessoa não pensava sobre o pecado; mas agora o pregador, ou um amigo, ou um folheto evangelístico, ou a morte, ou um acidente causaram nela o pensar sobre isto.

Isto é o Espírito Santo operando, quebrantando o coração, de modo que a semente do Evangelho cria raízes e floresce para a vida eterna. Convicção nem sempre leva a conversão.

Faraó (Ex. 9:27; 10:16), o rei Saul (1 Sam. 15:24, 30; 26:21) e Judas (Mt 27:4), todos disseram: “eu tenho pecado”, mas eles de fato não se arrependeram nem buscaram o perdão. Por outro lado, multidões de outras pessoas buscaram a Deus para serem perdoadas de seus pecados (Rm 10:13), eles tem recebido a segurança da salvação.

Eles se tornam convertidos. Conversão é o lado humano da salvação; regeneração é o lado divino. Conversão é o pecador abandonar seu pecado; regeneração é o Senhor dar a ele uma nova natureza. Conversão é pensar como Deus sobre o pecado – odiá-lo – enquanto que regeneração é receber a divina natureza e permitir que ela se expresse (2 Pe 1:4).

“Arrependimento!” (do grego metanoieite) foi a palavra que João, Cristo e Pedro usaram tão efetivamente. Significa “mudar a sua mente”, literalmente. Ao invés de amar ou justificar o pecado, o odeia e o abandona.

invés de pensar no pecado como algo não muito importante, agora o considera como uma rebelião contra um justo e amável Deus. Ao invés de seguir as sugestões do diabo, resista a ele e obedece ao Pai celestial. Isto que é arrependimento e conversão.

O significado comum da palavra “arrependimento” é um ato ou efeito de arrepender-se. Os gregos têm uma palavra para isto – metamellomai; que é usada para Judas em Mateus 27:3 quando ele sentiu remorso por trair Jesus. Mas ele não se arrependeu; após confessar aos sacerdotes ele se enforcou.

James Stalker (207) disse sobre esta palavra metanoia: “arrependimento talvez não seja a melhor interpretação da primeira nota da mensagem de João o Batista; conversão seria uma tradução mais literal”.

Elder Cumming (36-37): “Mas na prática arrependimento é uma doutrina do Novo Testamento, o primeiro pensamento de João o Batista... O pensamento contido na palavra é uma chamada para uma mudança total de mente de alguém sobre seu próprio pecado, quando da primeira vez que o compreende, quando da primeira vez que o odeia, quando da primeira vez que o renuncia”.

A. T. Robertson (74ff) sobre metanoia: “Esta é uma grande palavra de João e é hoje uma palavra tristemente mal compreendida. A confusão não é com a palavra grega metanoeo. Isto está suficientemente esclarecido... A palavra em si não significa sofrimento pelo pecado, ainda que é claro, esteja incluso.

Outra palavra é usada para este sofrimento e é *metamellomai*. Sofrimento pode trazer arrependimento (2 Cor. 7:9) e a “tristeza segundo Deus” sempre faz isto (2 Cor. 7:10). E contemplação da bondade de Deus sempre leva ao arrependimento (Rm 2:4). Jesus veio chamar os pecadores ao arrependimento (Lc 5:32). Foi direcionado a Deus (At 10:21).

É emparelhada com a crença (Mc 1:15) e com a conversão (Lc 17:4). É o traço peculiar em um pecador que causa alegria no céu (Lc 15:7, 10).

É essencial a Salvação (Lc 13:3, 5).

Foi ordenada por Jesus (Mt 4:17) e por Deus (At 17:30; 26:20).

Foi uma doutrina fundamental na pregação apostólica (Mc 6:12; At 24:27; Hb. 6:1).

Prova de arrependimento foi exigida (At 26:20), como foi verdade na pregação de João o Batista (Mt 3:8). De fato, ‘conversão’ está mais de acordo com o real significado da palavra do que ‘arrependimento’. De tudo o que se possa imaginar é improvável que João o Batista tenha exortado as pessoas a ‘fazer penitência’, como a vulgata católica tem registrado (*Poenitentiam agite*). João estaria chocado se encontrasse sua chamada espiritual transformada em um sistema medieval de salvação pelas obras e até por pagamento em dinheiro.

Convicção, conversão, confissão. Confissão pode vir antes da conversão, ou simultaneamente com ela. O verdadeiro ato de confissão de pecados abre o coração para a obra de restauração de Deus. Todos devem confessar seus pecados a Deus para ser convertidos. Então quando alguém é convertido ele confessa (professa) sua fé a outros.

Mas ninguém pode confessar fé em Cristo antes de tê-la. Ele pode confessar seu desejo para viver por Cristo e este ato frequentemente leva a salvação. Mateus 3:6 diz que as pessoas eram batizadas “confessando os seus pecados”. Parece que João requereu de cada candidato ao batismo a confissão de seus pecados.

Esta confissão era um testemunho de sinceridade e de genuidade de conversão. Indica auto-julgamento. O candidato dizia: “eu tenho pecado”, e ele então descia a água para o batismo indicando que aceitou a penalidade da morte sobre seu ser pecaminoso.

J. W. Shepard (p. 70, *The Christ of the Gospels*) escreveu sobre isto: “Era costume de João o Batista examinar os candidatos antes do batismo. Normalmente os penitentes vinham com humilde confissão de seus pecados e a manifestação de profunda contrição. Jesus não fez tal confissão de culpa nem mostrou qualquer tristeza. Tal atitude desqualificaria o candidato para o batismo. Mas aqui era uma singular exceção. Estava ali a majestade, pureza e paz descrita naquela aparência, que causou em João um sentimento de indignidade e pecado”.

(Used by permission of Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan). George E. Hicks (*John the Baptist, The Neglected Prophet*, p. 53) escreveu: “João o Batista insistia na confissão pública; os romanistas insistem na confissão privada; os protestantes a omitem; enquanto que as

igrejas Batistas estimulam o batismo, mas são silenciosos sobre a confissão. É extremamente estranho”.

“E eu não o conhecia” João disse duas vezes sobre o Senhor Jesus (Jo 1:31, 33). Quando foi o maravilhoso momento do reconhecimento? Pode ter sido deste modo. Depois de João ter batizado um bom número de pessoas em um dia, o último de todos a vir para o batismo foi Jesus. “E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando...” (Lc 3:21). João provavelmente já estava cansado. Ele provavelmente não olhou para a centésima ou quinquagésima pessoa atentamente.

Afinal de contas, a maioria delas era totalmente estranha a ele antes de serem batizadas. Podemos muito bem assumir que João perguntou a cada pessoa pelo seu nome quando pediu a confissão de seus pecados. Mas Jesus não tinha pecado para confessar!

Talvez Ele tivesse dito assim para João: Surpresa! Então João de fato observou bem e viu o incomparável Senhor. Talvez neste instante João também tenha visto o Espírito Santo descendo sobre Cristo na forma de uma pomba (Lc 3:22), indicando a João o momento em que ele reconheceu o Senhor (Jo 1:33, 34).

Extraordinário momento! João disse: “E eu vi, e tenho testificado que este é o Filho de Deus”. Agora volta ao Jordão com as multidões esperando o batismo. Ocasionalmente, João batizou em outros lugares (João 3:23). O lugar não tem tanta importância quanto o propósito. Este escritor foi batizado primeiro em uma lagoa, então em um pequeno córrego, depois em uma represa construída para reter a água, em igrejas batistas em cinco estados, em um riacho na França, em um rio na Alemanha com a neve caindo. Em cada caso imersão simboliza conversão prévia. Batismo é um sinal de autojulgamento, uma confissão de culpa. João pregou sobre o julgamento vindouro: “fugir da ira futura” (Mt 3:7).

Este alerta não foi tanto apocalíptico como prático. Os que realmente creram nele se submeteram ao sepultamento em água como um sinal de que mereciam a morte. Desde que eles pronunciaram seu próprio julgamento, Deus não necessitaria julgá-los depois. “Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1 Cor. 11:31).

Quando os pioneiros do oeste viam uma pradaria em chamas e este fogo se aproximando empurrado por fortes ventos, eles tinham que agir rapidamente para salvar a si mesmos e suas casas. Eles faziam pequenos pontos de incêndio ao redor de suas propriedades, tendo o cuidado de manter estas chamas a uma distância segura.

Este fogo produzido por eles consumia a erva em uma faixa de terra em torno da propriedade. Então quando o fogo do incêndio maior chegava nesta área já não havia mais nada para queimar. As casas e as pessoas no centro desta área pré-queimada estavam seguras. Da mesma forma, quando o pecador confessa seus pecados no dia do julgamento por vir ele não será julgado. Ele tem imunidade no julgamento; Cristo tomou todos os seus pecados. O batismo é um sinal que o crente está julgando a si próprio pelos seus pecados. Batismo também é um sinal de submissão a Deus.

Os que acreditaram em João se submeteram ao seu batismo, entregando-se completamente ao seu controle. A pessoa batizada é inteiramente passiva; ele se entrega totalmente ao seu batizador. Mas o batizador está agindo como um agente de Deus e seu representante autorizado. Este é um importante fato para lembrar.

A pessoa batizada se entrega a Deus, mediante a ministração do batizador. Todo o corpo é envolvido; é assim que deve ser. “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo” disse Paulo em Romanos 12:1. Batismo é um símbolo de Salvação. Mas não salva. Aqueles que creram na mensagem de João creram para a salvação em Cristo de quem João proclamou tão bem (João 1:29).

Eles foram até João; eles deitaram totalmente seus corpos no altar da água; eles se levantaram novamente para andar em novidade de vida (Rom. 6:4). Eles, foram instruídos a mostrarem em suas vidas o fruto de um arrependimento verdadeiro (Mat 3:8).

Conversão não é de graça; custa a entrega dos maus hábitos e prática de boas obras. Isto é o que o batismo significa – e o que a palavra "Batista" deve significar ao homem!

ALGUNS DESCRENTES REJEITARAM O BATISMO DE JOÃO (MATEUS 3:7-10)

“... muitos dos fariseus e dos saduceus” vieram ao batismo de João (Mateus 3:7).

Na verdade eles não foram pedir para serem batizados; eles procuravam ver o que estava acontecendo e quem estava usurpando a autoridade deles. Como estavam seguindo as multidões talvez dissessem: “Eles não sabem que nós somos os seus líderes?”. João os viu chegando e falou em alta voz sob direção do Espírito Santo: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura?... E não presumais de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão” (Mt 3:7-9).

A religião por procuração não dá. Os que creram em Abraão, mesmo sendo bom e grande como foi, para salvá-los foram tragicamente enganados. “Somos descendência de Abraão” (Jo 8:33), disseram os judeus a Cristo, mas Ele demoliu sua arrogância mostrando que todos pecaram e cada pessoa deve ter fé pessoal no Salvador.

“De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Rm. 14:12). Aqui não há o menor espaço para a “teologia da aliança”. Talvez ninguém hoje creia em Abraão para a salvação, mas parece que milhões de pessoas acreditam em um tipo de “batismo” que é alegadamente traçado de volta a Abraão e a circuncisão.

Os pais destes os tinham “borrifados” quando crianças em uma cerimônia ou “sacramento” chamado batismo, mas sem qualquer texto da Escritura adequado que autorizasse este ato. O aviso de João em Mateus 3:9 deve ser repetido hoje; isto é parte do Evangelho do Novo Testamento de Cristo. Aqui como sempre, lealdade a Cristo tem prioridade sobre uma consideração ao pedo-batismo. “Porque João veio a vós no caminho da justiça”, disse Jesus de seus críticos, “e não o crestes, mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para o crer” (Mt 21:32).

Esta foi uma severa pregação para o chefe dos sacerdotes e anciãos (v.23). Mesmo depois de verem os piores pecadores convertidos eles ainda recusavam a crer em João. Para se justificar eles chamaram João de um demônio (Mt 11:18), como mais tarde acusaram Cristo de fazer as Sua obras pelo poder de Belzebu (Mt 12:24).

O risco de rejeitar o Evangelho – e os pregadores dele – é terrível. Jesus alertou esses descrentes do pecado imperdoável nesta conexão (Mt 12:31, 32). A hierarquia religiosa judaica, o Sinédrio, rejeitou tanto a João quanto a Jesus. Eles não podiam tolerar os independentes.

A história se repetiu nas pessoas de Martinho Lutero, John Knox, os irmãos Wesley, George Whitefield e Billy Sunday. O povo comum, por outro lado, ouve de bom grado todos esses homens.

MUITOS JUSTIFICARAM DEUS ATRAVÉS DE JOÃO O BATISTA (LUCAS 7:29-30).

“E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus”. De que forma o batismo de João justifica a Deus?

O batismo quando corretamente administrado, é uma vindicação dos meios de Deus. Por todos terem pecado, todos merecem a sua penalidade; mas todos que voluntariamente sentenciam-se e acreditam na misericórdia de Deus escapam desta penalidade vinda da justiça do Senhor sobre o pecado. Batismo

é uma auto-sentença. Quando acompanhado por uma fé salvadora em Cristo na Sua morte, sepultamento e ressurreição o pecador é justificado.

Deus é então capaz de declará-lo justificado (Rom. 3:26). O batismo justifica a Deus em que é um reconhecimento da divina revelação, aceita e aprovada. O pecador arrependido vê no batismo um julgamento de seu pecado; ele aceita esse julgamento em si mesmo e se submete a este símbolo; então ele se levanta para andar em novidade de vida.

Isto também mostra que Deus é deveras santo para olhar para o pecado, ou para justificar o pecado em Seu céu. Então para entrar no Reino do céu, ou mesmo para vê-lo (João 3:3,5), uma pessoa deve nascer de novo. O pecador é redimido através do precioso sangue de Cristo que o limpa de todo o pecado (Ef 1:7; Col. 1:14; 1 Jo 1:7; Ap 1:5).

O batismo justifica Deus desde que João o Batista foi guiado pelo Espírito Santo e aprovado pelo Senhor, os que acreditaram em João e o imitam são os aprovados pelo Senhor. Deus enviou João para batizar (Jo 1:33) o que significa que ele evangelizou pelo batismo; foi um objeto de lição. Sete vezes no Novo Testamento a palavra “batizar” inclui evangelismo (Jo 1:28, 31; 3:22, 23, 26; 4:1,2; 10:40).

O batismo justifica Deus em que foi o sinal da regeneração de publicanos e meretrizes (Mt 21:32; Lc 7:29). Quando os piores pecadores são convertidos, o símbolo de sua conversão e profissão de fé toma uma grande importância. Batismo significa conversão e conversão é o grande evento que justifica os meios de Deus para com o homem. Isto O glorifica.

OS DOZE DISCÍPULOS DE CRISTO CRERAM EM JOÃO.

Já vimos que em João 1:35-45 que vários, talvez todos os doze discípulos tenham sido discípulos de João o Batista. É bom lembrar o forte vínculo de continuidade entre a pregação de João e as doutrinas subsequentes do Novo Testamento. Unidade é a primeira lei da natureza; é uma lei de Deus e é também um grande princípio de hermenêutica.

(Alguns chegam a extremos em “dividir” a Palavra, baseando sua dissecação na II Timóteo 2:15, “maneja bem a palavra da verdade”. Mas esta palavra orthotomounta significa cortar ou traçar, como uma nova estrada (Weymouth). João o Batista preparou uma nova estrada tão plana e reta que até mesmo Cristo pode passar por ela, quanto mais os Seus discípulos? Por vinte séculos os cristãos tem voltado para ou permanecido nesta estrada!)

Judas foi a trágica exceção à fé entre os doze discípulos. Jesus disse dele: “Não vos escolhi a vós os doze? e um de vós é um diabo” (Jo 6:70). Todavia, o plano divino chamou doze testemunhas para o Evangelho desde o começo e os onze restantes escolheram em uma reunião a Matias (Atos 1:15-26).

Este novo apóstolo tinha estado com os onze restantes desde que Jesus começou a pregar a eles, “Começando desde o batismo de João” (v.22). Esta passagem é importante em reabilitar o registro do Evangelho. Indica a importância de testemunhar Cristo desde os dias de João até a ascensão de Cristo.

Os doze eram testemunhas fiéis e capazes. Com Jesus eles faziam e batizavam “mais discípulos do que João (Ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos)” (Jo 4:1-2). Eles tinham aprendido a mensagem de João, eles sabiam sobre seus métodos e agora eles tinham o Mestre pregando a Si mesmo. Cristãos de hoje podem se beneficiar dos estudos da pregação de João como plano de fundo para testemunhar de Cristo.

Mas porque Cristo tomou seus discípulos longe de um bom reavivamento na Judéia e foi para a Galiléia? (João 4:3). Talvez ele não quisesse dar a impressão de competir com João pelas multidões. Foi uma mudança de cortesia, ao deixar João ter aquela área para si pelos poucos dias que restavam para ele.

Shepard (The Christ of the Gospels; p. 109) diz: “A razão fundamental pelo qual Jesus primeiro decidiu mudar a sede de Sua obra para a Galiléia foi que os fariseus estavam tramando trazer desentendimento e atrito entre os Seus discípulos e os de João”. Com dois fortes grupos de evangelistas trabalhando na Judéia, o número total de convertidos deve ter sido alto.

Esses formariam a maior parte das multidões que recepcionaram Cristo ao entrar em Jerusalém no domingo de ramos. Aqueles que afirmam que esses mesmos que recepcionaram a Jesus no domingo de ramos são os mesmos que alguns dias depois estavam contra Ele pedindo a sua crucificação cometem uma grave injustiça.

Admitidamente, alguns poucos desses podem ter sido fracos e vacilantes a ponto de “virarem a casaca”, mas ainda estavam lá pessoas não convertidas em quantidade suficiente para fazer o mal orientados pelo chefe dos sacerdotes. Sempre existem pessoas de coração débil – em qualquer época. Algo casual, mas importante: a maior parte dos discípulos de Cristo era da Galileia.

Enquanto eles ministravam na Judéia provavelmente escreviam cartas para seus amados no norte, registrando muitas das palavras e ações de Cristo. Mateus acostumado a manter registros acurados, provavelmente teria notas completas sobre tudo o que Cristo disse e fez.

Essas notas poderiam muito bem ser a base do primeiro Evangelho, compiladas imediatamente após a ressurreição. Não sabemos que ele escreveu o Evangelho naquela ocasião, nem que ele esperou por trinta ou mais anos. Por que ele deveria fazer isso? E por que ele devia tomar emprestado de Marcos, que não foi um dos doze, é um mistério difícil de explicar. (Para saber mais, veja Our Dependable Bible Baker Book House, Grand Rapids, Michigan).

O QUE OS DISCÍPULOS DE JOÃO FORAM ENSINADOS A CRER?

George E. Hicks (John the Baptist, the Neglected Prophet; p. 7) disse: “temos uma dívida para com João o Batista por praticamente todos os maiores artigos da fé cristã. Não somente por isso, mas pelos verdadeiros termos usados por ele terem constituído a semente de todo o pensamento subsequente”.

Dr. Merrill C. Tenney (John: Gospel of Belief, p. 80) escreveu que a pregação de João “lançou o fundamento de toda a prática teológica cristã”. As palavras de João em João 1:29 carregam a significância do Calvário que é o coração do Evangelho. Um surpreendente número de doutrinas cristãs foram primeiro declaradas por João o Batista e repetidas pelos seus discípulos. Eles são ainda cridos por verdadeiros cristãos. Alguns duvidaram deles; alguns sempre duvidam – para sua perda.

1. João o Batista ensinou a divindade de Cristo (Jo 1:29, 34, 36). Esta doutrina é fundamental; é essencial para os cristãos. Como a estrela polar para os navegantes, a divindade de Cristo é a referência e o ponto de correção para eruditos cristãos. Todas as outras doutrinas devem se alinhar com esta. João estabeleceu aqui o padrão para cristãos de todas as eras.

2. João declarou a pré-existência de Cristo (Jo 1:15, 30), “foi primeiro do que eu”. João nasceu primeiro e começou a pregar primeiro, mas Cristo existia antes dele em Seu estado pré-encarnado. Isto envolve todo o assunto do nascimento virginal, ainda que João não o tenha mencionado especificamente. Mas como pode Cristo ter existido antes de João a não ser que os registros em Mateus e Lucas consideram Seu nascimento virginal como verdade?

3. João o Batista ensinou a seus discípulos sobre o Espírito Santo (Mt 3:11; Marcos 1:8; Lucas 3:16; João 1:33). Estes versículos são dados em paralelo com Atos 1:5 e 11:16. Em todo caso é dito que Cristo batiza os crentes COM O (Do grego en), e não pelo ou do Espírito Santo. Nunca é dito que o Espírito Santo batizava alguém. I Co 12:13 pode ser citado, mas a palavra "em um" deve ser “com o”, nessa passagem também, que está no texto grego tradicional. [N.T.: Este argumento vale para os que usam a versão do Rei Tiago]

(Alguns eruditos acreditam que I Co 12:13 se refere ao batismo em água, com boas razões). Desde que os primeiros seis versos citados acima todos claramente dizem que Cristo é quem batiza no Espírito Santo, e não pode ser correto fazer com que I Co 12:13 signifique outra coisa. Cristo batizou os crentes em Pentecostes. Alguns acreditam que Ele faz isto hoje no momento da regeneração. Enchimento com o Espírito Santo é outro assunto; ele pode ser repetido, ou nunca de fato pode vir para algumas pessoas. (O autor de “Your Baptism Is Important” dedica um capítulo inteiro a este assunto).

4. João o Batista ensinou a soberania de Deus (Mateus 3:9). “... mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”. Desde que Deus pode fazer coisas como essa, Ele pode fazer coisas menores. Ninguém disse para João: “seu Deus é muito pequeno”.

5. João ensinou o Reino do Céu (Mt 3:2, etc). Este Reino estava em contraste com o mundano modo de viver, com o materialismo, secularismo e todos os outros falsos “ismos”. (Dr. R. G. Lee disse que todos esses “ismos” devem ser “éraismos”). O Reino do Céu implica em separação dos reinos deste mundo que são totalmente controlados pelo mal.

6. A primeira palavra registrada de João é “arrependei-vos!” isto significa ser convertido de seu mundano, pecador e auto-centrado modo de vida e ser conformado com os princípios do Reino dos Céus e Seu grande Rei. Esta é a palavra que Cristo usou quando começou a pregar (Mt 4:17). Tem o mesmo significado para todas as classes de pessoas: para as mulheres de Samaria, que foi uma notória pecadora e para Nicodemos que foi uma respeitável autoridade dos judeus.

Talvez a grande tragédia da cristandade é que muitos não convertidos tenham se juntado a igrejas e introduzido nelas o mundanismo e falsas doutrinas. Toda igreja tem o dever de examinar cada candidato a membro com grande cuidado, senão os homens ímpios entram sem serem percebidos: “Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo.” (Judas 4).

7. João enfatizou a necessidade de confissão dos pecados (Mt 3:6). Ele pode ter dado sermões baseados no Salmo 32 que diz que o perdão traz felicidade (vv. 1, 2); culpa significando miséria até ser confessado (vv. 3, 4), confissão traz alívio (vv. 5-11). Depois da confissão nossas orações são ouvidas (v.6); nossa segurança é assegurada (v.7), nosso caminho é aplainado (v. 8); a imagem de Deus em nós é restaurado (v. 9); nosso Senhor mostra Sua misericórdia, vs.10; e nossa alegria torna-se interminável (v.11).

8. João ensinou a propriedade do batismo, pelo exemplo e pelo preceito (Mt 3:6). Desde que ele recusou batizar pecadores não arrependidos, podemos assumir que ele batizou somente aqueles que mostraram verdadeira evidência de conversão. E desde que João foi cheio do Espírito Santo, ele tinha o dom de discernimento. Ele podia dizer quem era sincero e quem não era. Ele podia batizar imediatamente após a conversão ao invés de esperar por um período de testes como vemos necessariamente hoje. Mas se alguém é equivocadamente “batizado” antes de sua verdadeira conversão, como este escritor foi, ele deve ser batizado depois que estiver seguro de sua salvação. O exemplo que está em Atos 19:1-7 é autoritativo para sua prática.

9. João ensinou a inevitabilidade do julgamento (Mateus 3:7-12). Deus não “rasga a sentença” como um juiz de um tribunal pode fazer. A multa deve ser paga. A lei e a ordem devem finalmente prevalecer no universo. Mas desde que Deus ama os pecadores, Ele enviou Seu filho para pagar a multa por nós. Quando qualquer pecador recebe a Cristo como salvador e Senhor, sua ficha é limpa, seu nome é inscrito no livro da vida do Cordeiro, sua alma é lavada e ele recebe seu ingresso para o céu. Mas uma pessoa deve buscar julgar a si mesma para provar a autenticidade de sua conversão (I Jo 1:7; 2:19).

10. João ensinou que cada um individualmente é responsável por sua própria alma (Mateus 3:9). Ninguém pode acreditar em seus piedosos mãe ou pai ou esposa ou marido para salvar sua alma. Cada pessoa deve arrepender-se por si mesma e ser batizada por sua própria volição. O batismo de bebês

pode ser extremamente danoso, pois pode dar uma falsa impressão de segurança; normalmente significa que ele nunca foi de fato batizado quando ele foi convertido. Isto não quer dizer que crentes que não foram submergidos não são bons cristãos. Eles podem ser, mas certamente eles seriam mais bem satisfeitos com o batismo se seguissem o ensinado por João o Batista e Cristo.

11. João o Batista ensinou a supremacia de Cristo (Mateus 3:11, 12). Somente Ele pode batizar crentes no Espírito Santo. Somente Ele pode separar o joio do trigo. Somente Cristo é o Senhor; nós não temos vice-rei humano que possa tomar Seu lugar; não precisamos obedecer qualquer usurpador, ou nos curvar a quem quer que seja.

12. João pregou a obra purificadora do Espírito Santo, como um fogo purificador (Mateus 3:11). Quando o Espírito Santo vem ao coração do crente, Ele quer que todos os pensamentos impuros sejam lançados fora. Quando um crente busca ser cheio com o Espírito Santo ele é ordenado a ser (Ef 5:18), ele deve colocar todo mundanismo no lixo para ser queimado. O fogo é um agente cauterizador e higienizador e purificador. Como um tipo do Espírito Santo é apropriado.

13. A necessidade de boa conduta foi enfatizada pelo Batista (Lucas 3:8, 10-14). Um cristão não tem espaço para hipocrisia, ou ignorância para uma conduta pecaminosa. Estando sob o absoluto senhorio de Cristo, um crente deve obedecê-lo. Todos os seus “membros” – mãos, pés, boca – devem ser concedidos a Deus como “membros para servirem à justiça” (Rom. 6:11-19).

14. Por seu próprio exemplo, João o Batista ensinou a necessidade de ser fiel até a morte (Mt 14:1-10). Seu batismo sugestionou fidelidade, significando que se crê na vida após a morte. A pessoa batizada, enquanto debaixo d'água está temporariamente como morta, e quando se levanta é como se ressuscitasse.

15. Novamente por exemplo, João mostrou a necessidade de pregação bíblica correta (Jo 1:15-36). Ele citou Isaías (40:3) em João 1:23, até Cristo e Paulo citaram muito do Antigo Testamento. Desde que o Espírito Santo inspirou o escritos de ambos os testamentos (Jo 14:26; 1 Cor. 14:37; 2 Pe 1:21), qualquer cristão que é submisso ao Espírito respeitará toda a Bíblia como inspirada por Deus (2 Tim. 3:16).

16. João exibiu a graça da humildade (Mt 3:11, 14; Jo 1:15, 23; 3:27-30). É a marca verdadeira dos verdadeiros cristãos: eles estão de tal maneira desejosos de fazer a obra, em servir a outros, em obedecer às ordens, que não tem tempo ou desejo de falar de si mesmos. João era "inteiramente" de seu Senhor. Dando sua vida em honra a Ele, João foi em si mesmo grandemente honrado. E se um cristão não recebe honra nesta vida, ele terá recompensa suficiente no céu por toda a eternidade. Não temos que buscar honra agora neste mundo. Nossas ordens são ao invés disso honrar a Cristo.

17. João ensinou seus discípulos a orar (Lc 11:1). Eles devem ter gostado deste ensino, pois um deles pediu a Jesus mais sobre este assunto. Oração é muito importante para estudarmos seus elementos; merece atenção concentrada. Os melhores cristãos a apreciam sobremodo. Senhor ensina-nos a orar.

18. João ensinou e pregou o Evangelho de Cristo (Lc 3:18). A palavra usada aqui é euangelizado, é a mesma palavra usada para pregar o Evangelho em qualquer lugar do Novo Testamento. Aqueles afortunados que estavam na escola de oração e pregação de João o Batista foram bem equipados para levar o Evangelho onde quer que fossem. A cristandade de hoje precisa de mais professores de seminário que treinem seus jovens alunos nos métodos e nas mensagens de João o Batista.

Então Cristo será glorificado e os pecadores convertidos a Ele. Isto deve ser repetido que João preparou um povo para seu Senhor. O Novo Testamento não diz que ele ensinou filosofia, ou sociologia, ou ciência política ou teologia contemporânea (uma obsessão de muitos!), ou economia, ou qualquer outra coisa, mas o Evangelho de Cristo. Talvez nossos ministros atuais precisem saber mais dos assuntos acima, mas eles não devem ofuscar ou substituir o Evangelho.

Todos os dezoito itens listados acima são cristãos. Eles são partes da teologia cristã. Eles se cumprem em João o Batista; eles o definem. Mas esta lista não está completa; mais itens são adicionados. Lucas 3:18 diz: “... muitas outras coisas também anunciava ao povo”. Mas a lista de doutrinas é

surpreendentemente longa. João foi um pregador minucioso. E enquanto é verdade que os pregadores do Novo Testamento que vieram depois acrescentaram mais assuntos, tais como a igreja, comunhão, missões, mordomia, segunda vinda de Cristo e etc..., eles não alteraram ou omitiram qualquer coisa que João pregou tão fielmente.

Os convertidos de João foram então crentes bem instruídos em Cristo. Eles foram plenamente salvos pela fé nEle e estavam ansiosamente esperando mais bênçãos dEle. Também fizeram parte de grande parte das multidões que ouviram Cristo de bom grado em muitas ocasiões, depois da voz de João ter sido silenciada. Os seguidores de João foram bons materiais da Igreja que Cristo veio para edificar (Mt 16:18).

Assim como Davi “preparou... materiais em abundância, antes da sua morte”, o material para seu filho Salomão usar para construir o templo, João preparou abundante material para Cristo edificar o maior templo, as igrejas. Davi ganhou ouro, prata, bronze, ferro, madeira, ônix, mármore e outras pedras preciosas, enquanto que seu “povo se alegrou porque contribuíram voluntariamente” (I Crônicas 22:5; 29:9).

Davi disse: “a casa que se há de edificar para o SENHOR deve ser magnífica em excelência, para nome e glória em todas as terras”. Talvez João o Batista estivesse com o exemplo do rei Davi em mente quando preparou preciosos corações para seu Senhor. Como Davi, João não poderia construir, mas poderia ganhar e preparar o material. E ele preparou tão bem que Cristo louvou-o copiosamente por sua obra.

Qualquer cristão agora crê que João acreditava e ensinava o que seria um forte, robusto, bravo e efetivo membro do corpo de Cristo. Como ele creu nas encorajadoras palavras de Cristo: “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap. 2:10).

CAPÍTULO 7—CRUELMENTE MARTIRIZADO

"E mandou degolar João no cárcere" Mateus 14:10

João o Batista em Mateus 14 e não Estevão em Atos 7 foi o primeiro mártir cristão. Por que então é Estevão considerado como o primeiro? Não é porque toda a vida e obra de João tem sido efetivamente enterradas por tantos escritores e pastores?

Eles não o colocaram fora da dispensação cristã? Eles não o relegaram ao Antigo Testamento, em uma mítica "ponte dispensacional"? Em nosso sexto capítulo, especialmente, deve ter evidências suficientes que mostram que João é de fato cristão. Sua vida foi totalmente cristã e não menos em sua morte. Certos fatos sobre seu martírio são dignos de grande observação.

O CÓDIGO MORAL DE JOÃO FOI PARA ELE UM INIMIGO MORTAL

“Porquanto o mesmo Herodes mandara prender a João, e encerrá-lo maniatado no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão, porquanto tinha casado com ela. Pois João dizia a Herodes: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão. E Herodias o espiava, e queria matá-lo, mas não podia. Porque Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo; e guardava-o com segurança, e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa mente o ouvia” (Mc 6:17-20).

Este Herodes foi filho de Herodes o grande que reinava na época do nascimento de Cristo; sua mãe era uma samaritana. Sua primeira esposa foi a filha de Aretas (2 Cor. 11:32), rei dos árabes, cuja capital era Petra. Broadus escreveu (314): “Depois de muitos anos Herodes fez uma proposta de casamento a sua sobrinha Herodias, irmã de Herodes Agripa I (Atos 12) e esposa de seu meio-irmão Felipe... Ainda que acostumados a casamentos incestuosos nesta família, as pessoas ficaram grandemente indignadas com o tetrarca ao vê-lo tomar a esposa de seu irmão que ainda vivia, do qual tinha uma filha (Salomé)”. Aretas após a morte de João entrou em guerra contra Herodes e destruiu todo o seu exército, mas Herodes acabou resgatado pelos romanos. Mais tarde ele foi banido para Lion, no sul da França, onde ele e sua esposa Herodias morreram miseravelmente.

Flávio Josefo (37?-100 d.C), historiador judeu, fornece uma interessante informação sobre estes eventos em sua *Antiquities*, XVIII, 5, 2: “Alguns judeus acreditavam que o exército de Herodes tenha sido destruído por Deus, em uma espécie de punição por causa de João chamado o Batista, de quem Herodes havia mandado executar. João foi um homem piedoso e exortava os judeus a praticarem virtudes e se exercitarem na retidão para com os outros e piedade diante de Deus, ao vir juntos para o batismo. Por isso, pareceu a ele, que a ablução batismal fosse aceitável, se usada não para suplicar perdão pelos pecados cometidos, mas para a purificação do corpo quando a alma tivesse sido previamente limpa pela conduta reta. E quando todos se voltaram para João – eles foram profundamente tocados pelo que ele disse – Herodes temeu que a grande influência de João sobre as pessoas pudesse levar a um levante (a impressão é que as pessoas estavam dispostas a fazer qualquer coisa que João aconselhasse). Ele teve uma ideia muito melhor, sob tais circunstâncias, colocar João fora do caminho, antes que alguma insurreição pudesse surgir, do que se permitir enfrentar problemas e depois lamentar não ter agido, uma vez que uma insurreição tivesse início. Assim, por causa da suspeita de Herodes, João foi enviado como prisioneiro para Macabeus, a fortaleza já mencionada, e lá o executou. Mas os judeus acreditavam que a destruição que veio sobre o seu exército foi uma punição, uma forma de Deus trazer a ele o dano”.

Herodes foi um homem ímpio. João o reprovava por tomar a esposa de seu irmão “e por todas as maldades que Herodes tinha feito” (Lc 3:19-20).

Herodias foi ainda pior, foi ela quem manipulou Herodes para matar a João, pois essa não era a vontade dele. Ela sabia o quanto tinha sido má ao deixar seu primeiro marido por seu irmão e permitir que seu marido a abandonasse e Herodes se divorciasse de sua primeira esposa. Quando um pregador fala sobre tais malignidades, dizendo o que todos sabem ser a verdade, ele ofende o transgressor. Então quem é culpado acaba atacando quem pregou a retidão: “Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas” (Jo 3:20).

Mas João não estava comprometido com ninguém; ele não se resguardava, ele não tinha medo. Ele não tinha lido um livro sobre como ganhar amigos e influenciar as pessoas; ele tinha lido os livros dos profetas do Antigo Testamento. Ele não falou de forma comum; antes, ele falou como a voz de Deus. O Espírito Santo que nele estava havia exposto as práticas pecaminosas que havia no meio em que vivia. Ao fazer isso ele não foi mal educado; ele simplesmente foi obediente ao seu Senhor. O Senhor Jesus foi o mais cortes dos homens; Ele também foi o mais severo em expor o pecado e a hipocrisia. João era como o seu Senhor.

Herodias odiava João tão violenta e vingativamente que tramava o tempo todo a sua morte. Ela sabia que Herodes não queria matá-lo; entretanto, ela tinha um último recurso em sua estratégia. Ela verteu seu veneno malicioso nos ouvidos da jovem Salomé que era então provavelmente uma adolescente. Slater Brown, em seu fictício tratamento de João o Batista, diz como Herodias pagou dois assassinos para tentar matar João. Sua tentativa fracassada somente aumentou seu ódio. De fato, ela odiava João por ser ele um bom homem.

A PRISÃO DOS MACABEUS FEZ JOÃO DUVIDAR

Macabeus era uma combinação de palácio de verão e fortaleza, por volta de sete milhas a nordeste do mar morto. “No remoto e desesperançoso encarceramento, em um dos mais profundos e escuros calabouços que era tão frio no inverno e tão quente no verão, o grande batizador languescido provavelmente ficou mais de um ano” (Broadus, Matthew; p. 316).

Como uma águia, João o Batista estava acostumado aos grandes espaços abertos. Como uma águia, ele agora se prostrava em sua estreita gaiola. Fisicamente forte, ele queria exercícios, ar fresco, sol e ambientes limpos. Sua prisão era sem nenhum conforto e sem nenhuma condição sanitária. Sua tortura era maior pelo fato de não poder pregar para grandes multidões. Ele queria ver os pecadores arrependem-se de seus pecados, confessa-los, e se reconciliarem com Deus. Ele desejava batizar mais e mais convertidos. E sabia que qualquer hora do dia ou da noite sua morte poderia ser executada pela incessante maquinação de Herodias.

Mas o que fez João duvidar? Ele disse às multidões que o Messias iria por o machado na raiz das árvores, que “... toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo... Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará”. (Mt 3:10-12).

Mas Jesus não cumprira essas predições escatológicas; Ele não tinha feito tudo o que João esperava dEle. Sim, estava pregando e curando, mas aparentemente não tinha dado atenção aos Seus inimigos. Ele não tinha feito nada a respeito de resgatar João de sua insuportável prisão.

Em relação à questão de João não saber se Jesus era ou não o Messias, Nahum Gale escreveu: “Parece muito provável que a dúvida de João foi provocada menos por uma descrença íntima do que por uma crescente impaciência diante do lento progresso de Cristo” (The Prophet of the Highest; p. 155). Em acréscimo ao comentário de Gale: “Desalento e dúvida nascem da inatividade. Cristãos que não tem nada para fazer, mas se acomodam e pensam sobre si mesmos, tornam-se de fato presas fáceis da melancolia mórbida e de negras e infundadas dúvidas. O remédio que eles precisam é de ação cristã” (163).

Mateus registra a ação de João em enviar um comitê de dois de seus discípulos para perguntar a Jesus: “És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?” (Mt 11:2-3). João teve um conforto: alguns de seus discípulos tiveram permissão de visitá-lo. Estes homens enfrentaram os captores de João para falar com ele. Meyer escreveu (João o Batista; pg. 111): “É tocante observar a tenacidade com que alguns dos discípulos de João apegaram-se ao seu grande líder... ser amado assim é uma das coisas mais felizes da terra! Estas heróicas almas arriscaram todos os perigos que podiam advir para si mesmos por se identificarem como discípulos de seu mestre; eles não hesitaram em vir a sua cela com novidades do mundo exterior e especialmente de que ELE estava fazendo e dizendo, cuja vida estava tão misteriosamente ligada com a sua própria”.

Por que Cristo não resgatou João da prisão? Ele ressuscitou a filha de Jairo (Mc 5:21-24, 35-43); Ele era capaz, portanto, de fazer coisas menores, como livrar João da situação mórbida em que se encontrava. Ele tinha curado um endemoninhado (Mc 5:1-20); Ele poderia facilmente romper as cadeias dos Macabeus. Ele tinha acalmado uma tempestade (Mc 4:35-41); então ele não poderia acalmar a ira da família de Herodes?

G. Campbell Morgan escreveu em defesa de João (The Gospel According to Matthew; p. 111): “João estava muito acostumado a solidão para ser desleal porque estava na prisão. Sua dura e rude vida nos desertos tinha provavelmente o tornado bastante independente dos trajes finos e do luxo das casas reais; e alguém não pode acreditar que havia um tremor em sua coragem. Sua dúvida foi ao invés disso uma evidência da continuidade de sua coragem. O fato que é surpreendente para João é que Jesus não estava fazendo exatamente o que ele pensava que Ele ia fazer... para compreender esta questão que João enviou pelos seus discípulos, devemos colocar as obras de Jesus em contraste com o que João disse de Cristo antes do início de Seu ministério público”.

Pode ser que João esperasse que Cristo trouxesse “o dia da vingança do nosso Deus”, uma frase profética de Isaías 61:1-2, mas omitiu de Cristo a própria referência de Sua missão em Lucas 4:18,79. Antes, Cristo foi todo misericórdia; Ele foi gentil, prestativo, amável e sem qualquer julgamento em alto grau até agora. E aparentemente Ele não tinha palavra de reprovação nesta ocasião para Herodes nem para Herodias!

James A. Stalker tem palavras de aprovação para João (239, 249): “Primeiro, ele coloca suas dúvidas em palavras. Segundo, João as enviou diretamente para Cristo. Terceiro, João nunca pensou em retroceder em sua condenação da conduta de Herodes e Herodias... E João teve a oportunidade de ser um bajulador, porque Herodes tinha certa consideração por ele, ao ouvir sua pregação de boa mente”.

Mas como Jesus respondeu a esta comovente pergunta? Ele respondeu fazendo com que os mensageiros de João esperassem enquanto que “na mesma hora, curou muitos das enfermidades, e males, e espíritos maus, e deu vista a muitos cegos”. Acontecendo isto, Jesus procurou aqueles dois corajosos homens para que vissem por eles mesmos o que Seu Messias estava fazendo: “Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho” (Lucas 7:21-23).

Milagres eram excelentes evidências do ofício messiânico de Jesus de Nazaré. Jesus os citou para seus críticos em João 5:36: “as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço, testificam de mim, que o Pai me enviou”. Ninguém pode em todo o mundo fazer tais milagres como os discípulos de João viram serem feitos naquele dia. E a frase: “aos pobres anuncia-se o Evangelho”, deve ter dado um grande conforto a João. Isto asseguraria a ele que o ministério de sua pregação teria continuidade, e estaria em muito boas mãos.

Depois dos mensageiros se retirarem, Jesus fez alto louvor a João o Batista (Lc 7:24-35). Talvez alguma parte desta graça alcançou João no tempo devido. Se não, João ainda permaneceria fiel. Louvar demais um homem é uma forte tentação para enaltecê-lo quando colocado em seu caminho. Jesus, porém, sabia que estava fazendo a coisa certa; podemos confiar nEle em toda situação.

O MARTÍRIO DE JOÃO ILUSTRA GRANDES PRINCÍPIOS

Deus não suborna as pessoas com recompensas terrenas. A história de Jó é um exemplo clássico. João o Batista foi fiel até a morte, mesmo sendo abandonado em um cárcere. Nós cristãos estamos em uma guerra mortal contra o pecado, o diabo e toda forma de mundanismo. Devemos ser também fiéis até a morte. Nosso amor a Deus e Sua justiça deve ser maior do que nosso amor pela nossa própria vida. Lealdade a Cristo tem prioridade sobre todos os vínculos terrenos. Devemos sempre obediência a Deus do que aos homens. As leis de Deus são mais grandiosas do que os costumes do homem.

Porque os cristãos sofrem? Alguns sofrem por causa de seus próprios pecados; alguns por causa do pecado de outros; alguns por causa de enfermidades que são comuns a todo o gênero humano; alguns por causa de negligência; alguns por causa da ignorância; e alguns por causa de guerras e calamidades que afetam populações inteiras. Em países com regimes totalitários, cristãos sofrem perseguição justamente por serem cristãos. Isto não é nenhuma surpresa.

Jesus alertou Seus discípulos da necessidade de coragem diante da perseguição. Em João 16:2 Ele disse: “vem mesmo à hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus”. E em João 16:33: “no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”.

O MARTÍRIO DE JOÃO ILUSTRA SEU BATISMO

Batismo significa uma conversão da morte para o mundo do pecado, mundanismo e egoísmo. Se, então, um convertido sofre a morte física como uma conseqüência de sua oposição ao pecado e mundanismo, é em certo sentido o resultado lógico de sua profissão de fé. Os que não sofrem martírio pela sua fé são mais afortunados que Seu Senhor e Seu precursor, naquilo que concerne à uma morte pacífica.

A citação de Steinman sobre a morte de João (Saint John the Baptist; p. 177): “Sua morte é também, muito significativa. Prefigura a morte de todos os cristãos. Os que morreram no passado sem poder testemunhar a gloriosa segunda vinda, tal como João o Batista, morreu antes do cumprimento da vinda messiânica. O cristianismo sempre venerou João o Batista. As palavras de Jesus que dão a ele tal tributo comovedor que nunca cessaram de fazer eco nos corações dos leitores do Evangelho”.

Novamente, batismo significa uma entrada em uma nova vida, uma vida de retidão e uma vida que leva aos céus com suas perfeições. Quando João batizou seus convertidos no rio Jordão, seus ouvintes e observadores estavam recordando que seus pais passaram por aquele rio em direção a “terra que mana leite e mel”. O martírio de João acabou com seus sofrimentos, marcando o começo de sua eterna recompensa na Canã celestial.

Além disso, batismo é uma promessa de fidelidade até a morte, não importando a maneira de como alguém morre. Os primeiros cristãos mártires acreditavam nisto. Modernos cristãos mártires, talvez em grande parte, sejam igualmente assim para com o Senhor. A sua recompensa será grande no céu. Estamos engajados nesta guerra mortal contra o diabo e todas as suas hostes. Como em toda guerra este antigo ditado é verdadeiro: “covardes morrem aos milhares, mas os bravos, uma vez”.

João o Batista praticou o que pregou. Ele foi fiel até a morte. Ele ratificou e validou seu próprio batismo. Ele deu um significado verdadeiro para isto. Doravante, todo homem deve saber que quando eles pediram o batismo, estavam arriscando serem mártires pela sua fé. SE todos os homens soubessem disto hoje, a proporção de heróis seria bem mais alta do que a atual.

Em sua corajosa posição pela retidão e na sua morte, João foi um valoroso exemplo para todos os cristãos batizados. Estevão, Tiago, Pedro e Paulo e uma hoste de outros foram inspirados pela sua fidelidade. Os cinco missionários martirizados pelos índios Auca no Equador em 1956 inspiraram milhares de jovens a seguir o seu exemplo! Aqueles cinco não morreram em vão. As viúvas de alguns

e o pai de um dos mártires voltaram até aqueles selvagens em amor e com o poder sobrenatural do Evangelho mansamente os ganharam para Cristo. Esta é a excelente coragem de dedicados cristãos. João o Batista estaria orgulhoso deles.

João o Batista teve uma morte cruel. Foi repulsiva, selvagem, terrível, horrenda. “Os tetrarcas orientais, os filhos de Herodes, repugnaram até mesmo os romanos, o que representa o alto grau de sua crueldade” (Steinman, p. 103).

“E, chegando uma ocasião favorável em que Herodes, no dia dos seus anos, dava uma ceia aos grandes, e tribunos, e príncipes da Galiléia, entrou a filha da mesma Herodias, e dançou, e agradou a Herodes e aos que estavam com ele à mesa. Disse então o rei à menina: Pede-me o que quiseres, e eu to darei”. (Mc 6:21-22).

Esta foi uma festa regada a muito álcool. A dança somente podia ser pagã, mas talvez não pior do que acontece em boates das grandes e perversas cidades. Salomé perguntou a sua mãe: “que pedirei?” O limite era a metade do reino. Alguma coisa seria mais preciosa? Dependia de seu ódio e preconceitos ou seu amor e lealdade. Mas nem ódio, nem amor governavam Herodias. Todo o ouro de todos os reinos do mundo não pesavam mais do que sua aversão por João o Batista. Ela queria vingança a todo custo. Ela aparentemente tinha esperado por um longo tempo este momento de triunfo. Como a odiosa turba em uma tentativa ridícula de atacar Cristo, gritavam “crucifica-O”, assim Herodias disse a sua jovem filha para pedir a cabeça do santo profeta. Mas o que uma adolescente iria querer com a cabeça de um homem? E por que ela “apressadamente, pediu ao rei?” Talvez Herodias a tenha ameaçado, ou a assustado, ou a subornado. Ou talvez ela estivesse agora com o seu coração adolescente cheio de maldade como a sua mãe. Em todo caso, Herodes foi atacado pela sua própria estúpida promessa. Ele poderia não ter cumprido se quisesse, e ele sabia disso. Mas o orgulho em seu ébrio juramento o fez ainda mais tolo. Ele estava com medo de ser considerado um covarde.

Quantos jovens homens e mulheres, e os mais velhos também, são estúpidos como Herodes! Quando tentados a tomar o primeiro drinque, a pessoa pode saber que não é conveniente, mas por causa do medo de ser diferente, cede a tentação. Quando tentado a dançar, a pressão dos outros é mais insuportável. Quando tentado a jogar toma uma forte resistência no coração. Mas José resistiu à esposa de Potifar – e foi para prisão. Daniel resistiu aos costumes babilônicos e foi promovido.

João o Batista se opôs a Herodes e Herodias e foi promovido, subitamente para o céu. Assim João, o primeiro batista, morreu. “Desse modo se encerrou o trágico destino do grande profeta de Israel, João foi o primeiro de uma longa lista de mártires que foram decapitados e mortos de diversas outras maneiras. Esses sofrimentos foram as dores do parto do cristianismo” (Steinman, p. 103).

Um grande quadro do artista italiano Guido Reni (1575-1642) se encontra no Instituto de Arte de Chicago. Herodias domina a cena. Resplandecente em trajes magníficos, com a face maquiada com cosméticos mais valorosos dos mais exclusivos salões de beleza da América, a maligna esposa de Herodes tem o olhar como de uma tigresa espreitando a sua presa, ou como um gato depois de capturar um canário. Ela olha com franca satisfação para a cabeça decepada de João o Batista, o homem que batizou o Senhor Jesus Cristo. Que triunfo para ela! Eis aí o homem que se atreveu a criticar sua conduta. Ela matou o homem de quem Jesus disse: “entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João o Batista”. Essa é a moderna Jezabel que tentou matar Elias mas falhou, porém, Herodias finalmente teve êxito.

Foi uma ação diabólica, um bem sucedido ato do diabo, uma vitória perversa! Salomé nesta pintura de Reni, está com um olhar que expressa uma atitude de espanto, desconcertada e aparentemente satisfeita em ter feito o que sua mãe mandara. Ela é tão jovem para ter parte neste assassinato.

O mensageiro que trouxe a cabeça de João em uma bandeja é também muito jovem, um menino. Ele tem um punhal em sua cintura. Ele parece ser inocente de tudo o que está se passando. Muito cedo ele aprendeu o quão perversas algumas pessoas são.

Atrás de Herodias estão duas mulheres adultas, também trajadas com belíssimos trajes e penteados. Elas estão sussurrando entre si, sugestionando astutas considerações. Alguém pode até mesmo ouvi-las dizer: “A rainha é uma verdadeira assassina... veja o que acontece para alguém que cruza seu caminho... isso ensinará a esses pregadores uma lição... Ela é forte como dez leões; é melhor cuidar de nossos passos ou serão nossas cabeças que irão rolar”.

“E os seus discípulos, tendo ouvido isto, foram, tomaram o seu corpo, e o puseram num sepulcro” (Mc 6:29).

Depois de ver o Senhor Jesus Cristo no céu, eu gostaria de ver João o Batista e poder ouvi-lo falar.

CAPÍTULO 8—TRAGICAMENTE IGNORADO

“...e não o conheceram " Mateus 17:12

Jesus disse que os líderes religiosos de Seu tempo não entenderam ou reconheceram João o Batista. O mesmo pode ser dito de cada geração posterior desde aquela época, incluindo a atual.

João o Batista veio no espírito e poder de Elias, de acordo com o que disse o anjo Gabriel (Lc 1:17) e o Senhor Jesus Cristo (Mt 17:12).

“Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem”. Os líderes religiosos estavam enciumados de João e tramaram um modo de tirá-lo do caminho, de modo ardiloso, conseguindo com que Herodes fizesse isso por eles. Da mesma forma, aqueles enviados pelos chefes dos sacerdotes e anciãos (Mt 27:18) conseguiram fazer com que Cristo tivesse uma vergonhosa morte.

QUEM FALHOU EM APRECIAR O BATISTA ENQUANTO ELE AQUI VIVEU?

Os fariseus, como já vimos, rejeitaram João, sua mensagem e seu batismo (Lc 7:30). Eles tinham acumulado um surpreendente número de leis humanas os quais tentavam impor sobre as pessoas. Nem João nem Jesus seguiram suas práticas insignificantes ou rígidos regulamentos.

Os fariseus perguntaram uma vez aos discípulos de Cristo: “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?” (Mt 9:11). Ainda assim, alguns cristãos são hoje criticados pelos “direitistas” por trabalharem com os “esquerdistas” e vice versa. Jesus respondeu: “Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes... Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento. (Mt 9:12-13).

João fez isso também e “os publicanos e as meretrizes o creram” (Mt 21:32). Os críticos de João foram mais condenáveis por não terem se arrependido mesmo depois de verem muitos pecadores convertidos a Deus para a vida de piedade e retidão. Jesus disse a eles: “vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para o crer” (Mt 21:32).

Certamente, todos os convertidos de algum reavivamento não são suficientes para superar os preconceitos de seus críticos. Os saduceus eram tão arrogantemente, orgulhosos e aristocráticos para seguirem este pregador “não autorizado” em seu traje não convencional. João não tinha suas credenciais. Ele não tinha sua ordenação nem seu crédito. Pobre João! Como ele poderia ter sucesso sem tudo isso?

Os doutores da lei, escribas, anciãos e chefes dos sacerdotes pouco dispostos a sepultar no batismo seu orgulho e reputação de líderes. Jesus disse deles: “E fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; pois trazem largos filactérios... E amam os primeiros lugares nas ceias... e o serem chamados pelos homens; Rabi, Rabi”. (Mt 23:5-7). Eles preferiram a pompa e vaidade ao cristianismo de João.

Herodes e Herodias, mais imorais do que as meretrizes que se arrependeram com a pregação de João, mataram o Batista. Pela imoralidade abriram as comportas para todos os tipos de maldades, incluindo pecados sexuais. Todas essas infelizes pessoas falharam em crer em João, ainda que o próprio céu o tenha endossado de um modo espetacular (Mt 3:13-17).

Em adição, haviam certas almas instáveis entre os judeus que quiseram se alegrar “por um pouco de tempo com a sua luz” (Jo 5:35). Eles eram como a semente que foi lançada em solo pedregoso, e por não terem raízes, secaram (Mc 4:5-6). Superficiais, desinteressados, curiosos que buscavam

entretenimento; eles não queriam pensar. Eles são caniços que se dobram com o vento, sendo também levados por ele. Jesus disse: “Também eu vos não direi com que autoridade faço estas coisas” aos críticos que se recusavam a reconhecer o batismo de João como vindo do céu.

Robertson escreveu (John the Loyal; p. 438): “O princípio envolvido nesta recusa do Senhor é a mesma de quando Ele recusou a dar um sinal do céu (Mt 16:4), que nenhuma pessoa tem o direito de exigir superfluidade de evidência em qualquer questão de crença ou ofício e pedir mais provas de modo acumulatório é uma virtual rejeição daquelas que já tinham sido dadas; isto é a lei desta divina administração em recusar fazer tal coisa mesmo como um favor”.

QUEM IGNOROU JOÃO O BATISTA NA HISTÓRIA DA IGREJA?

Os onze discípulos, em suas reuniões de negócios da igreja, não ignoraram João o Batista (At 1:12-26). A igreja primitiva estava progredindo cuidadosamente, buscando ter a certeza de que seus fundamentos estivessem assentados sobre doze competentes testemunhas. E Pedro em seu primeiro sermão aos gentios, reconheceu João e seu batismo como o princípio do Evangelho de Cristo (At 10:37).

O apóstolo Paulo não ignorou João e seu batismo ao pregar em sua primeira viagem missionária (At 13:24). Mas a corrupção da doutrina se arrastou silenciosamente para o pensamento de pessoas indiscriminantes que viveram no começo da era da Igreja, mesmo na época em que o Novo Testamento estava sendo construído. Alguns tinham errado absurdamente no ensino e em “batizar” alguns de seus “discípulos” mencionados em Atos 19:1-7. Quando Paulo os encontrou (por volta de 25 anos depois da ressurreição de Cristo), soube que alguma coisa estava errada. Eles não sabiam nada sobre o Espírito Santo de quem João havia pregado tão consistentemente.

Em pouco mais de uma centena de anos após a ressurreição de Cristo, de acordo com o Didaquê (o ensino dos doze apóstolos), o derramamento de água foi aceito como substituto ao batismo por imersão. Isto foi permitido através do engano em supor que o batismo era necessário para a salvação. Então alguns desconhecidos, mestres desajustados raciocinaram que se o batismo era requisito para a salvação, então bebês deveriam ser “batizados” também. Ninguém sabe quando as crianças começaram a ser aspergidas, pode ter sido no começo do terceiro século. Tal coisa não é encontrada no Novo Testamento. Porque o começo é o mais importante.

Marcos 1:4 e Lucas 3:3 têm a frase: “batismo de arrependimento, para remissão dos pecados” (do grego *eis aphasis hamartion*). A palavra “para” parece significar “de modo a receber” como às vezes é usado na nossa linguagem. Mas nem sempre significa isto; pode significar também “porque alguém tem recebido”. Este é o significado, por exemplo, em Marcos 1:44. Jesus disse ao leproso: “mostra-te ao sacerdote, e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou para lhes servir de testemunho”.

O leproso foi ofertar porque tinha sido curado, não por causa da ordem de ser curado. A oferta foi um testemunho de sua cura, igualmente o batismo é uma evidência ou testemunho da salvação de alguém. Mas o engano começou e se espalhou. As pessoas eram ensinadas que o batismo salvava. Esta heresia é chamada de “regeneração batismal”, a idéia é de que no batismo, quando na aspersion de água em bebês, a pessoa é regenerada. Isto é diretamente contrário a dezenas de versículos na Bíblia que dizem que a salvação vem através somente da fé, sem obras ou sacramentos (Veja João 1:12; 3:16, 36; 5:24; 6:36; 20:31; Atos 16:31; Efésios. 2:8-10). Este sacramentalismo não era somente contrário à mensagem de João; era também contrário e largamente anulava as palavras de Cristo. Se o batismo salva, então porque Cristo precisou morrer na cruz? Se o batismo salva, é mais um ídolo? Se o batismo salva, então “Separados estais de Cristo... da graça tendes caído” (Gl 5:4).

Assim os claros ensinamentos do Evangelho foram cedo ignorados ou distorcidos. Kraeling diz (John the Baptist; p. 183): “É interessante notar que durante todo o segundo e terceiro séculos... os cristãos históricos e os pais da Igreja falaram muito pouco sobre João o Batista... Mas quando no quarto

século, a crise gnóstica havia passado João subitamente se tornou para a Igreja novamente uma pessoa muito importante. Dias festivos em sua honra eram celebrados tendo um lugar no calendário litúrgico. Igrejas e oratórios ou grutas são erguidos em comemoração dele particularmente em Samaria, Alexandria e Constantinopla, mas também espelhadas por outras partes do oriente bizantino”. Mas pelo quarto século a maligna doutrina da regeneração batismal se tornou forte, e o surgimento da igreja católica prendeu firmemente em todos os seus aderentes.

Agostinho (354-430), bispo de Hipona no norte da África, deu seu considerável apoio a heresia da regeneração batismal. Ele também foi um instrumento largamente usado na popularização da idéia da teoria da igreja “universal” ou “invisível”. Enquanto ele tinha na mente o sistema católico romano, muitos protestantes tem inconscientemente tomado para si este seu pensamento.

A igreja ortodoxa (grega) pratica também o batismo infantil; de qualquer modo, eles têm para a imersão o bem conhecido significado de baptizo. Mas em todos os séculos houve dissidentes da igreja católica. Eles tinham vários nomes e a sua maior parte rejeitou o batismo infantil. Invariavelmente eles foram perseguidos pelas “igrejas estabelecidas” e assim mesmo persistiram. Assim, quando Lutero surgiu com suas famosas noventa e nove teses em 1517, igrejas anabatistas eram numerosas por toda a Europa central. Elas não tinham surgido durante a calada da noite; elas tinham existido silenciosamente ao longo da história.

John Wycliffe foi martirizado pela sua fé que estava junto ao Novo Testamento e não nos erros de Roma, na Inglaterra em 1384. John Huss (1369-1415) tentou reformar a igreja católica, mas acabou queimado em uma estaca por estes esforços. Balthasar Hubmeier também tentou e sofreu semelhante martírio em 10 de março de 1528. Quando Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564) vieram a ter proeminência e com o aumento de sua influência, parecia que todos os reformadores poderiam estar seguros. Mas os anabatistas foram severamente perseguidos tanto por católicos quanto por protestantes.

A. L. E. Verheyden, em sua obra *Anabaptism in Flanders, 1530-1650*, cita evidências de constante perseguição, incluindo torturas que os anabatistas sofreram durante aqueles anos. A página em branco deste livro diz: “a imagem (que o livro) apresenta é como uma evidência da surpreendente extensão da propagação do movimento Anabatista geograficamente, bem como seu vigor e tenacidade frente a mais severa perseguição. Que o Anabatismo persistiu em Flandres quase a metade do século além do ano 1600 não foi claramente conhecido depois. Que aparte de certas aberrações de seu começo, Anabatistas de flandres foram totalmente pacíficos, não resistentes e evangélicos, largamente após o modelo de Menno Simons, é plenamente demonstrado. Uma grande falta em nosso conhecimento e compreensão do Anabatismo no continente europeu tem agora sido suprida numa maneira excepcional e competente por um exemplo muito digno”.

Estes anabatistas eram tecnica e historicamente nem protestantes nem reformados. Eles cresceram em considerável número antes de Lutero aparecer e eles não estabeleceram uma igreja “reformada”. Antes, eles se esforçaram para manter a fé e ordem original do Novo Testamento, embora sem sucesso. A bem da verdade, alguns anabatistas não praticaram imersão por um tempo, mas depois os Batistas o fizeram universalmente.

A maioria dos historiadores da Igreja ignoram a história Anabatista demais. Eles são muito semelhantes a Enciclopédia Britânica (1961) que fornece o ano de 1521 como “data de seu surgimento!”. Pior, esta Enciclopédia identifica os anabatistas como os “homens loucos de Munster” que não eram realmente anabatistas. Protestantes e católicos culpam todos os demais por ações fanáticas destes supostos anabatistas. Até o nome Anabatista foi proscrito. Novos nomes estavam causando confusão. Alguns eram chamados menonitas que repudiavam os fanáticos de Munster como fizeram todos os Batistas, ainda assim os historiadores e teólogos deram mais importância a alguns poucos desviados de Munster enquanto ignoraram as grandes massas de pacíficos, lúcidos e perseguidos anabatistas. Na Inglaterra, João de Leyden deu um mau nome aos Batistas de quem, segundo diz a Enciclopédia Britânica, a vasta maioria era de pessoas boas e quietas, que praticavam os ideais cristãos de quem seus perseguidores falavam mal.

George P. Fisher em sua obra *History of the Christian Church* escreveu (341) sobre a reforma nos países baixos: “Anabatistas e outros licenciosos e fanáticos grupos sectários eram numerosos, e seus excessos foi um plausível pretexto para punir com severidade todos que abandonassem a fé antiga”. Mas na página 425 Fisher parece ser mais razoável em relação aos anabatistas: “É uma grosseira injustiça imputar a todos os selvagens e destrutivo fanatismo com que uma porção deles estava carregada”. Os fanáticos de Munster eram poucos em número se comparados com o grande corpo de anabatistas, muito poucos na proporção de um Judas entre doze discípulos!

William Stevenson, em sua obra *The Story of the Reformation* escreveu (p. 51, usado com permissão de John Knox Press, Richmond, Virginia): “A história tem testemunhado muitas injustiças, mas certamente nenhuma é mais flagrante do que a má reputação de uma piedosa e devota seita”.

Por séculos suas virtudes foram verdadeiras entre as sombras enquanto que as luzes estavam focadas em lastimáveis episódios... em Munster, onde um bando de fanáticos irresponsáveis se lançaram em um lamentável experimento de comunismo, poligamia e outros vícios anti-sociais. Pelos excessos de alguns a maioria inocente foi condenada... não foi fortemente enfatizado que o episódio de Munster foi excepcional e não típico... “Os anabatistas estavam longe de serem malfeitores, eles regulavam suas vidas por elevados padrões, que até mesmo seus mais ferrenhos inimigos admitiam”.

Como regra, historiadores europeus e teólogos, professores e pregadores, por quatro séculos tem espalhado caluniosa ficção de que estes poucos “homens maus” foram representantes dos anabatistas. Estes historiadores tem infectado com a sua parcialidade, seminários e professores na Europa e na América, se não por todo o mundo, com este grave erro sobre a história da Igreja. Os venenosos efeitos desta falácia são vistos em muitos ministérios Batistas, por isso a necessidade de verdadeiras escolas Batistas a ensinar toda a verdade da história Batista. Entretanto, professores cheios de parcialidade continuam a inculcar seus estudantes em incontáveis escolas com injustiça em relação aos anabatistas.

Isto tudo tem afetado a história dos Batistas? De fato tem. Os Batistas do continente foram praticamente exterminados ao longo de duzentos anos. Não até 1840 eles tiveram um novo começo na Alemanha, ainda que tivessem um crescimento lento nas ilhas britânicas. Cresceram rapidamente na Rússia, sob vários nomes e nos países escandinavos, durante os últimos cem anos. Eles ainda são muito poucos numericamente na Grécia, Itália, Espanha, Suécia, França, Bélgica e Holanda.

Por causa da perseguição física sofrida pelos Batistas, durante os dias da Reforma e nas universidades depois, a falsa doutrina da regeneração batismal prevalece entre 90% a 95% da cristandade. Por volta de setecentos milhões de pessoas em igrejas cristãs é ensinado a mortífera doutrina que batismo salva uma criança. Nesta “fé” eles vivem e morrem, dependendo de falsas esperanças ensinadas por seus padres, pastores e professores que estão a ensinar esta mesma heresia desde o segundo século ou terceiro século de nossa era. Esses falsos guias têm ignorado os ensinamentos de João o Batista, do Senhor Jesus Cristo, do Apóstolo Paulo e de incontáveis cristãos que foram leais a Palavra de Deus em contraste com a hierarquia eclesiástica.

Batistas, entretanto, tiveram uma influência notável em muitas igrejas Cristãs durante o último século. Eles fortaleceram posição protestante contra a tradição católica, colocando a Bíblia como suprema e guia exclusivo para fé e prática na vida cristã. A sua firmeza contra batismo infantil, com apoio as razões da Bíblia e da história, influenciou muitos pedobatistas em dar para o seu "batismo infantil" um estado mais de consagração do que batismo sacramental. Batistas fizeram progressos ensinando o sacerdócio de todos os crentes, sistema de igreja democrático, ênfase em uma membresia de igreja regenerada, a autonomia de cada igreja local, e a separação de igreja e estado. E a sua boa influência continua.

Por outro lado, alguns batistas estão ficando aparentemente mais liberais e ecumênicos, e menos interessados em promover as doutrinas distintivas do Novo Testamento. Eles não parecem ousar reivindicar qualquer parentesco com o homem enviado pelo céu que foi o primeiro a ser chamado Batista. Não quero dizer com isso que seguimos uma "sucessão apostólica" ou temos identidade

denominacional com João o Batista”; ao invés disso, nosso propósito é descobrir novamente como todos os batistas e outros cristãos podem se beneficiar de um estudo de sua curta vida. Não obstante, nenhum Batista tem João como a sua autoridade final. Há uma progressão de autoridade, diz D. F. Ackland, no Novo Testamento com o qual deve ser considerado; caso contrário, a pessoa corre um perigo do tipo de cair na heresia cismática que foi reprovada na primeira coríntios 1 tão claramente. . . Isto sugere outra pergunta.

QUEM IGNORA JOÃO O BATISTA HOJE?

Os sacramentalistas parecem o ignorar, porque eles colocam valor salvífico no seu "sacramento" de batismo. Em nenhuma parte no Novo Testamento o batismo é chamado de sacramento; uma palavra melhor para isto é "preceito" (1 Cor. 11:2). A palavra "sacramento" assumiu significados extra-bíblicos que parecem dar poderes mágicos de regeneração ao batismo. Nem João o Batista, nem qualquer um outro no Novo Testamento, ensinou esta heresia.

Um certo pastor-editor esquerdista tirou o nome "batista" de sua igreja, substituindo pelo nome "Woodside", escreveu em outubro de 1961 o Baptist Freedom, relativo a batismo, "Talvez a decisão maior a ser feita pela própria igreja é - estamos interessados em ganhar homens para Cristo e os conduzir para o Reino dEle ou nosso objetivo é nos imergir em algum ritual de relíquia (sic) do último século centrado no banco dos lamentadores e resplandecendo com excesso emocional? " Mas nós não podemos conduzir melhor os homens para o Reino de Cristo por meio de os convidar a confessar o Cristo como Salvador e Senhor no batismo?

Estes liberais, tão alérgicos ao batismo e tão enfatuidos com a erudição, parecem comparar ceticismo com sabedoria. Um estudo completo da Bíblia, o mais exaustivo possível, não é considerado "erudito" por esses que dão prioridade às opiniões de liberais de renome. A influência de Julius Wellhausen (1844-1918), um crítico alemão da Bíblia, esbarra em numerosas descobertas arqueológicas que provaram que estava errado. Uma geração nova de críticos está tendo uma influência desproporcionada contra tudo o que é sobrenatural na Bíblia. Os estudantes ingênuos pensam que é um sinal de inteligência os citar. Um jogo favorito é a "desmistificação", o qual nunca deve ter sido mistificada! Por exemplo, Kraeling parece ter entrado neste erro (18, 19): "A existência na literatura religiosa judaica e no folclore de analogias virtualizam todos os elementos importantes da história do nascimento de João mostra que a narrativa é fundamentalmente legendária (?) e que seus episódios não podem ser usados diretamente para propósitos históricos."

Esta mania por achar "paralelos" com a literatura não bíblica para muitos dos incidentes incomuns relacionados nas escrituras, como por exemplo, o nascimento virginal, é bastante difundido. Fosdick usou este truque. Por meio deste dispositivo duvidoso, críticos tentam tirar da Bíblia muitos de seus elementos sobrenaturais. Mas este método de ataque foi longe demais, de acordo com Rabino Samuel Sandmel, que este escritor ouviu em uma conferência sobre "Paralelomania" na reunião da Sociedade de Literatura Bíblica e Exegese em Saint Louis, Missouri em 27 de dezembro de 1961. O Rabino, instruído, parecia ridicularizar esses que buscam localizar o que Paulo está ensinando sobre não se vangloriar em Romanos 12:17-20 com o documento de Qumran e o Manual de Disciplina. Os que buscam achar precedentes ou também paralelos ao batismo de João também não são vítimas de paralelomania?

Os nomes desses que injustamente ignoram João o Batista são uma legião. Os membros de seitas parecem fazer isso. Os que questionam ou negam a deidade de Cristo tem uma declaração inequívoca de João que Ele é o Filho de Deus (Jo 1:29-36). Os que recusam observar o batismo deveriam ler novamente o amável endosso de nosso Deus do batismo de João comparando-o ao "conselho de Deus", e deveriam prestar atenção a Grande Comissão de Cristo que será observada até o fim desta era.

Esses que confiam em "profetas" modernos, sejam eles sonhadores, ou apóstolos, ou vendedores de milagres, ou reincarnacionistas, e todos os devotos de revelações extra-bíblicas deveriam seguir o exemplo de João o Batista que testificou Cristo como o Filho de Deus. Quando o Batista cheio do Espírito falou da vinda deste Espírito Santo, ele deixou subentendido que todo cristão deveria se render a Ele, não para os muitos falsos espíritos que "se têm levantado no mundo" (1 Jo 4:1-3).

Alguns hesitam reprovar os muitos cristãos fiéis que estão servindo a Deus como melhor eles sabem nas igrejas não imersionistas. Que muitos deles são convertidos a Cristo está fora de questão. Eles também são missionários notáveis e generosos e tem uma vida exemplar de piedade e lêem a Bíblia devocionalmente. Alguns dispensacionistas extremos têm uma convicção que João pertence ao Velho Testamento, e não com os crentes do Novo Testamento. A todos estes respeitadamente frisamos um novo estudo de João na luz de tudo aquilo que o Novo Testamento diz sobre ele e sobre o seu batismo. Eles acharão uma cadeia irrompível de continuidade de doutrina de João o Batista para Paulo e ao longo do primeiro século da cristandade. É nosso propósito tornar mais clara nossa necessidade de uma conexão doutrinária com João. Se isso for feito, Cristo se disporá mais para nós, para tudo aquilo que João disse dEle será então uma parte integrante de nossas convicções.

João Calvino apóia a visão acima (Institutes IV, xv, 7): É muito certo que o ministério de João era precisamente igual ao que depois foi executado pelos apóstolos... A uniformidade da sua doutrina mostra seu batismo para ter sido o mesmo... "Se qualquer diferença é buscada na Palavra de Deus, a única diferença que será encontrada é que João batizou no nome que estava por vir, e os apóstolos no nome que já estava manifestado".

Batistas, de todos os povos, ignoram João o Batista. Não todos, mas a maioria o faz. Pergunte para qualquer um quantos sermões ouviu ele sobre João. Um pastor Batista fez uma coisa rara: ele deu umas séries de seis sermões sobre o batista. Mas os títulos de seus sermões não mencionaram nenhuma vez ou nomearam o seu assunto!

Por que os batistas parecem tão tímidos sobre o primeiro batista? Eles parecem temer qualquer atitude de ostentar o seu nome.

Reivindicar João como o seu fundador, enquanto que falando humanamente, pode parecer como fanatismo ou egoísmo. Eles temem distinção em uma era em que o ecumenismo é popular. Eles repugnam a controvérsia que poderia surgir se eles sugestionarem João como o seu primeiro herói. Mas nenhuma outra denominação o reivindica; por que os batistas não deveriam ter este privilégio? (Os fabricantes de barril de vinho franceses reivindicam João o Batista como o seu padroeiro; eles dedicaram uma janela nova na Catedral de Rheims para ele!).

"E não o conheceram", disse Cristo sobre João o Batista. Isso também é verdade na geração presente relativo a João. Livros sobre ele, especialmente por batistas, estão desordenadamente escassos, nenhum tendo aparecido durante mais de cinquenta anos. Livros sobre ele de não batistas, enquanto mais em número, carecem frequentemente de perspicácia. Sermões sobre o batista por batistas são raros e os apologéticos vão até onde qualquer conexão com batistas atuais não seja tocada. Instrução de seminário segue o padrão europeu. Para degradação dos muitos Anabatistas de quinhentos anos atrás, foi igualmente desvalorizado o nome batista. A preocupação aqui é não exaltar os batistas contemporâneos; ao invés, os instruir considerando o homônimo, a sua rica herança, e mesmo o seu nome.

Eles não o conheceram. Mas o Cristo o conheceu, e o aprovou, e o honrou continuando o ministério que João tinha começado tão bem. A fé Cristã cresceu robusta sob a pregação de Cristo e os Seus apóstolos fiéis. Produziu muito fruto em sua forma na igreja primitiva do primeiro século.

Uma fonte de força foi o Espírito que ligou o radical do nome a João o Batista. Mas quando radical é cortado fora, a árvore sofre; permanece uma árvore anã. Como pode o radical ser enxertado novamente, fazendo Cristo mais efetivo, e o Novo Testamento inteiro restabelecer a sua autoridade legítima?

Capítulo 9 – ESPERANÇOSAMENTE REVISTO

 “Porque será grande diante do Senhor” Lucas 1:15

Nossa visão é igual à de Deus? Deveria ser. Cada cristão deveria buscar agradar ao seu Deus, não para ser chamado "grande", mas para mostrar a sua gratidão pelas misericórdias de Deus.

Todos deveriam tentar ser tão úteis quanto possível, e quanto mais útil for, mais ele merecerá ser chamado grande. Deus disse para Jeremias, “procuras tu grandezas para ti mesmo? Não as procures” (Jr 45:5). Este verso foi decisivo para mudar a direção de vida do jovem Charles Haddon Spurgeon que ao invés de buscar fama, começou a buscar a Deus. Poderia ter significado o mesmo para o jovem João o Batista.

Uma breve revisão da vida de João o Batista não é com a finalidade de exaltá-lo. É com a finalidade de examinar os seus métodos e mensagem que interessam para a sua exaltação de Cristo. É descobrir como o batista promoveu tão bem a Cristo; como ele testemunhou de Cristo; como ele permaneceu humilde; como ele preparou as pessoas para Deus, e como ele ganhou a aprovação de Deus.

“HOUE UM HOMEM ENVIADO DE DEUS, CUJO NOME ERA JOÃO” (JOÃO 1:6)

Este profeta foi um desbravador para um profeta maior que viria pouco tempo depois. João foi inspecionar o deserto espiritual que era Israel. Ele marcaria uma trilha; ele abriria caminho para futuros peregrinos; ele traçou o caminho para o Messias longamente esperado. João o Batista foi um construtor de estrada para o seu Mestre, e este Mestre é o Caminho, a Verdade e a Vida, e ninguém pode vir ao Pai senão por Ele (Jo 14:6). Com o Espírito Santo como o engenheiro desta estrada, o plano era o melhor possível, e estava seguro. Todo viajante nesta rodovia espiritual poderia estar seguro em sua direção, no seu destino, e no seu dever no seu caminho. Nenhum desvio existiria, a menos que os peregrinos se extraviassem em obstáculos erigidos na estrada como a regeneração batismal, batismo de crianças, hierarquia sacerdotal ou a servidão a mariolaria. Quando os escombros da tradição tinham se acumulado com o passar dos séculos, cada vez mais os peregrinos perdiam esperança ou sucumbiam diante do formalismo ou ritualismo vazio.

Porém, investigadores persistentes puderam examinar as cópias originais nos Evangelhos e Epístolas, e assim mudar o seu curso apesar da ditadura eclesiástica. Entre tais homens valentes estavam Wycliffe, Tyndale, Lutero, Bunyan, Wesley e Roger Williams. Estes heróis não concordaram em todas as doutrinas, mas eles concordaram no senhorio exclusivo de Cristo e a autoridade suprema da Sua Palavra.

João o Batista era o precursor para o Senhor Jesus Cristo. O seu trabalho era anunciar a vinda do Rei, preparar as pessoas para a Sua vinda, ganhar seguidores leais com antecedência para a Sua vinda, e criar entusiasmo pelo Seu Reino. Tudo isso João fez muito bem. Ele preparou sinais corretos para anunciar o seu Rei. O batismo era este sinal: a mente judaica entendeu que de alguma maneira apontava para Cristo. O comitê enviado a João pelos fariseus lhe perguntou, “Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?” (Jo 1:25).

João havia posto a si mesmo como um sinal. Agora, sinais não têm nenhum valor salvífico neles mesmos, exceto que apontam para um objetivo maior.

Assim João fez. Ele sempre apontou para Cristo. Quando Deus estava pronto para começar um trabalho novo no mundo, Ele enviou um pregador batizando. Os missionários e plantadores de novas igrejas seriam sábios se aprendessem a abrir caminho segundo os métodos deste pioneiro cristão.

“ESTE VEIO PARA TESTEMUNHO” (JOÃO 1:7).

O batista veio “para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele”. Por que uma luz precisa de uma testemunha? O sol precisa de alguém para anunciar que está brilhando? Não; exceto para os que são cegos. Jesus falou para certos fariseus sobre isso quando Lhe perguntaram, “Também nós somos cegos? Disse-lhes Jesus: Se fósseis cegos, não teríeis pecado; mas como agora dizeis: Vemos; por isso o vosso pecado permanece” (Jo 9:40-41). Eles eram cegos; eles não puderam ver a deidade de Cristo, até mesmo depois que Ele curou um homem que era cego de nascença. O que os cegou? Os escombros da lei Mosaica relativo ao sábado (as suas leis artificiais) os cegaram da Filiação divina de Cristo e para a Sua bondade em curar um homem cego.

Cada cristão deveria se perguntar se é cego, mesmo em parte, por noções enganosas que não vem através da Bíblia. Talvez a maioria de nós tenha “manchas cegas” das quais não estamos atentos. Tal possibilidade, por não dizer probabilidade, deveria nos manter humildes.

Da mesma maneira que João não era a Luz, assim nenhum cristão desde aqueles dias pode reivindicar tal honra sem igual. Pretensos Messias vieram e se foram, cada qual se proclamando ser a luz escolhida de Deus, mas eles vacilaram miseravelmente e falharam. Somente o Senhor Jesus ilumina a escuridão do mundo, “e as trevas não a compreenderam”. (Jo 1:5).

Como João testemunhou da Luz? O que disse ele há pouco?

João o Batista testemunhou à eternidade de Cristo. “Após mim vem um homem que é antes de mim,” disse João (Jo 1:15, 27, 30). Isto só poderia ser verdade se Jesus fosse o Filho de Deus de um modo sem igual. (A lista completa está no capítulo seis).

João declarou a superioridade de Cristo. “O que vem após mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu”. (Jo 1:15). “Aquele que vem de cima é sobre todos; aquele que vem da terra é da terra e fala da terra. Aquele que vem do céu é sobre todos”. (Jo 3:31).

O batista disse que Cristo estava cheio de graça e verdade (Jo 1:14, 16, 17). A “graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”. Esta “plenitude” de graça e verdade nós recebemos em contraste com a lei dada por Moisés. Agora João a recebeu, sem perguntar, e parece uma cortesia dele dizer que “todos nós” também recebemos. Está disponível a todo o mundo. É de graça como o ar que se respira. Mas nem todos abrem seus corações para receber a Cristo. Muitos permanecem nos ídolos mundanos e nos preconceitos. Mas a plenitude ainda está disponível. O que é mais valioso: graça e verdade de Deus ou o orgulho e ganância do mundo? João escolheu o primeiro.

Novamente, João chamou atenção ao Cordeiro de Deus que levou sobre Si os pecados de todo o mundo no Seu próprio corpo durante todo o tempo que se tornou maldito no Calvário (Jo 1:29, 36; I Pe 2:24). Verdade, os registros que temos não dizem que ele mencionou a cruz, mas o uso que fez da palavra cordeiro (do grego, amnos) indica um cordeiro sacrificial. Esta palavra é encontrada somente quatro vezes no Novo Testamento (Jo 1:29, 36; Atos 8:32; I Pe 1:19). Atos 8:32 é uma citação de Isaías 53:7, 8 enquanto que o versículo em Pedro recorre a nossa salvação dependendo do “precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado”. Aqui é solo sagrado, e João andou nele reverentemente.

João também explicou que Cristo iria batizar os crentes no Espírito Santo (Mt 3:11; Mc1:5; Lc 3:11; Jo 1:33; Atos 1:5; 11:16). Alguns acreditam que Ele faz na conversão; outros dizem que o batismo do Espírito foi completado na época em que o Novo Testamento estava sendo escrito. Charles G. Finney recebeu a plenitude do Espírito na conversão; outros como D. L. Moody experimentaram uma plenitude incomum após a conversão. O Espírito vem quando e “onde quer” (Jo 3:8), mas quando um cristão deseja santidade suficiente e Cristo, o Espírito estará disposto a entrar em tal coração com os seus dons inestimáveis.

O precursor de Cristo O declarou ser o Filho de Deus (Jo 1:34). Ele não disse um filho de Deus como alguns humanistas fazem erroneamente. Não; Jesus é sem igual; Ele é o único Filho gerado (Jo 3:16); o Seu nome e Seus pronomes merecem ser escritos em iniciais maiúsculas. É perigoso minimizar a Sua deidade, do mesmo modo é loucura aumentar a divindade do homem.

Este primeiro grande amigo de Cristo se alegrou por anunciar a vinda do grande Noivo. "Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe assiste e o ouve, alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já este meu gozo está cumprido". (Jo 3:29). João era o melhor amigo do Noivo, faria o seu melhor para o sucesso deste casamento divino. Muito da mensagem posterior é semelhante, mas o maior: "Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou". (Ap 19:7). "Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro" (Ap 19:9). Grandes e maravilhosos eventos estão diante de nós!

Finalmente, o batista pregou o julgamento de Deus, com convicção em Cristo como o fator decisivo. "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece." (Jo 3:36). Jesus repetiu este critério de julgamento em Jo 5:27, "E deu-lhe (O Pai) o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem." Aqui não há nenhum espaço para universalismo, ou sermões piegas, ou brincadeiras na igreja, ou covardes de fala dobre - tudo isso seria repulsivo a João o Batista.

Qualquer testemunha de Cristo deve ser verdadeira para Ele. João foi verdadeiro, de fato.

"ME MANDOU A BATIZAR COM ÁGUA" (JOÃO 1:33).

Por que se batiza todo o corpo? Por que a preocupação com "ritual do batismo" como alguns irreverentemente e erroneamente o chamam? Desde que batismo não é essencial para a salvação, por que a dificuldade? Não é "membresia aberta" muito mais conveniente para as igrejas modernas?

Fazer Cristo manifesto é a razão declarada de João em batizar (Jo 1:31). Esta verdade vale todo o esforço: é digna de se humilhar a si mesmo. Cristo foi pendurado em uma cruz no Calvário, exposto a visão pública onde "suportou a cruz, desprezando a afronta" (Hb 12:2). Desde que Cristo estava disposto a fazer tudo isso para nós, quem somos nós para evitar o batismo por Sua causa? Se uma pessoa fosse batizada para salvar a sua alma, seria considerado sensato de acordo com a sua providência. Mas se recusasse só porque acreditou que ser batizado não fosse necessário salvar a sua alma, ele seria um egoísta e ingrato. Pelo menos, isso é o teor do ensino do Novo Testamento. Batismo é uma expressão de gratidão a Cristo que sofreu de fato a morte e sepultamento por nossa causa. Na luz da agonia de Cristo na cruz, deveria ser considerado demais para nós testemunhar de Cristo em um sepultamento em água momentaneamente? No batismo fazemos Cristo manifesto.

A maior obra de Cristo na terra foi reconciliar nossos pecados na cruz. Ele disse isso tão repetidamente (Jo 12:27, 32, 33; Mc 9:31; 10:32-34). E Paulo resume esta grande obra que ele diz ser o Evangelho: "Pelo qual também sois salvos" (I Co15:1-4). Este Evangelho, Paulo diz, consiste em três grandes fatos: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Estes três fatos são simbolizados, retratados, representados e exibidos no batismo.

A cruz, talvez, é o melhor símbolo do Evangelho de Cristo. Lembra-nos de como, e no que, Cristo morreu por nós. É um sinal de soma na linha do céu (C. W. Koller). Quando alguém recebe a Cristo ele acrescenta a sua vida um Salvador, um Amigo, um Guia, um Conselheiro, um Exemplo inspirador, Defensor com o Pai, e um Rei que está por vir. Este sinal de soma acrescenta a vida de um crente uma consciência limpa, uma atitude altruísta (teoricamente para todos os cristãos nominais, de fato para todos os crentes sinceros), um coração generoso, um zelo por ganhar almas perdidas e um amor sadio pelas pessoas. Mas sem a cruz, a vida das pessoas tem um sinal de menos – diminuindo todas estas boas coisas.

Nossos corações não regenerados são como o sinal de menos - mundano, e sem Deus. Entretanto quando permitimos Deus cruzar nossos caminhos com os Seus meios divinos, então Sua linha vertical cruza nossa linha horizontal, nos dando o sinal de soma da cruz. Dali em diante não é como “eu quero, mas como Tu queres”. Os bons meios da cruz excluem os meios ruins da terra, tudo para nossa vantagem. A cruz é excelente podendo ser usada como um símbolo, mas não retrata a ressurreição de Cristo como faz o batismo. Não é totalmente dramático. Ambos são necessários e ambos deveriam ser usados.

O batismo de João não só simbolizou o Evangelho; também sintetizou as Boas Novas. Conta muitas grandes verdades em uma ordenação simples. Batismo traz junto em poucos segundos de tempo, a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Batismo combina em um símbolo a convicção de um convertido na ressurreição de Cristo em seu favor, a sua vontade em seguir a Cristo, a sua humilhação em sepultar os seus pecados, o seu desejo em viver uma vida nova, o seu desejo em ser unido com Cristo, e a sua convicção na própria ressurreição futura.

Mais adiante, o batismo de João imortaliza, ou conserva o Evangelho. Por esta ordenança são vistas a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo por todos os séculos tão claramente quanto foi visto no primeiro. O batismo pode ser observado onde quer que possa haver um pouco de água, o bastante para imergir um corpo. Todo crente, no seu batismo, ajuda a perpetuar este memorial, mantendo-o assim atual e vivo com um real significado. Nenhum granito ou monumento de mármore poderia fazer em alguém a milésima parte disso tão bem.

Se batismo não tivesse sido mudado, se somente a imersão tivesse sido continuada, e se somente tivessem sido batizados os crentes, é quase certo que menos heresias teriam rastejado para dentro da cristandade. Mostraria para todo o mundo a imersão como a verdade principal do Evangelho: Cristo morreu por nossos pecados! Cristo ressuscitou dos mortos!

Então salvação não é por obras. Não somos salvos através do batismo, mas por Cristo somente. E desde que o batismo ensina o sepultamento dos pecadores, ensina um viver limpo. Somente Deus poderia proporcionar uma ordenação com lições tão vitais, poderosas, importantes, belas e eternas como batismo.

Novamente, o batismo de João significa ajudar a evangelizar o mundo. Em vários lugares toda a obra de João de evangelizar é descrito em santas letras pela palavra "batizado". Isto não significa que o batismo faz a evangelização, mas representa todo o trabalho de evangelismo.

João disse que Deus lhe enviou para que batizasse em água. Os que João fez, todos os crentes também deveriam fazer. O comando está ligado até o fim desta era (Mt 28:20). Assim João foi nosso precursor, nos mostrando como batizar e como evangelizar. Ele mostrou o modo; Cristo aprovou tal modo, e nos impele a que vivamos isto. O caminho para todo convertido se conduz pelo batistério, seguindo os passos de Jesus.

Ninguém no Novo Testamento teve o direito de desviar do batismo, exceto o ladrão arrependido na cruz. Ele não teve nenhuma escolha sobre o batismo; outros têm. Ele foi salvo sem batismo, exatamente como todos os cristãos são salvos sem ele. Mas tendo sido salvo, logo o batismo é essencial para obediência.

"MAS A SABEDORIA É JUSTIFICADA POR TODOS OS SEUS FILHOS" (LUCAS 7:35).

Jesus falou estas palavras ao fim de uma longa seção dedicada à importância de João o Batista (Lc 7:18-35). Sugestiona elogio a João. “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis” (Mt7:20). "Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto" (Lc 6:44). O que era alguns desses frutos, ou filhos, de João O Batista? O que João produziu?

O primeiro batista treinou alguns homens tão bem para Cristo que no momento em que Ele os chamou, eles deixaram tudo e O seguiram imediatamente (Jo 1:35-49; Mt 4:18-22; 9:9; 10:1-5). Estes homens se tornaram líderes fortes (Atos 1:15-22), testemunhas corajosas (Atos 2-12), e o fundamento da igreja (Ef 2:20-22). Enquanto não há nenhum registro restante que mostre que João estava na igreja do Novo Testamento, ele preparou o primeiro material para isto e assim teve uma grande parte em seu começo. E se, como alguns acreditam, Cristo começou a igreja com a chamada de dois dos primeiros discípulos dele, então se poderia assumir que Ele incluiria na Sua igreja todos os que eram obedientes a ele. O autor de *Ecce Homo* disse, "A Igreja Cristã surgiu de um movimento que não foi iniciado por Cristo". Necessariamente foi iniciado por João o Batista.

João o Batista "justificou Deus" (Lc 7:29), e levou uma multidão de pessoas a fazer do mesmo modo. Aqui os filhos da sabedoria foram revelados. Para João, era o canal da sabedoria de Deus, e os que creram foram "batizados em Jesus Cristo" (Rm 6:3). Estes convertidos de João receberam e assimilaram o conselho de Deus e assim "O justificaram". Os fariseus e doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus sobre isso e rejeitaram o batismo de João. Nestes versículos Jesus discutiu a retidão e a importância do batismo claramente. Os que discutem os pormenores disto deveriam responder à autoridade de Cristo. Ele tornou claro o assunto.

Os cristãos do primeiro século eram os "filhos" de João em um sentido real. Ele foi o primeiro pastor cristão, o primeiro batizador cristão, e o primeiro professor de doutrinas do Novo Testamento. Os seus convertidos saíram e ganharam muitos outros convertidos, e eles ganharam em troca ainda mais. Estes cristãos desde cedo se mantiveram firmes ao lado de seu Deus e salvador Jesus Cristo, do mesmo modo que João tinha ensinado aos próprios discípulos como fazer.

As igrejas do primeiro século se multiplicaram em número e se espalharam por todo o mundo romano. Enquanto João aparentemente não ensinou sobre a eclesiologia, contudo como um profeta (nenhum maior, Lc 7:28), ele foi uma das pedras do seu fundamento (Ef 2:20, 21). Estas igrejas estavam unidas em fé e ordem mais firmes do que quaisquer igrejas que existiram desde então. Em um sentido, então, o único século em que uma igreja verdadeiramente católica existiu foi no primeiro século.

Mas as divisões vieram cedo. Roma exercitou liderança no oeste. Como o Império romano enfraqueceu, e finalmente caiu em 476, o bispo principal de Roma cresceu em poder cada vez mais até que Roma reivindicou ser o trono do papado. Leão, o Grande, cujo poder se tornara crescente de 440 em diante, é considerado como sendo primeiro papa de fato. Mas antes deste tempo tinham aparecido vários grupos de igrejas dissidentes. Em 1054 a Igreja Oriental, grega Ortodoxa, separou-se de Roma e este cisma nunca foi curado.

Conseqüentemente, as reivindicações de Roma em ser "A Igreja Católica" estão longe de ser verdadeiras. O adjetivo qualificativo "romano" anula o nome "católico".

Os crentes do primeiro século eram todos batistas? Eles não foram chamados assim, até onde nós sabemos, mas desde que todos eles acreditaram nas doutrinas de João eles eram todos batistas. Este nome não diminui um jota do nome honrado "cristão" que foi o primeiro determinado pelos pagãos (Atos 11:26), depois por um rei pagão (Atos 26:28), e somente uma vez usado no Novo Testamento com sua própria honra (1 Pe 4:16). Parece totalmente seguro dizer que no primeiro século os cristãos considerariam esse nome honrado um sinônimo exato para o nome batista. Isto é não desprezar os não batistas de séculos posteriores que tiveram igualmente nomes honrados, mas tais nomes não eram conhecidos nos tempos em que a Bíblia estava sendo composta.

Uma grande dificuldade atualmente é sobre a união da igreja, ou ecumenismo. (Este autor escreveu a sua dissertação de doutorado sobre "Ecumenismo na Luz do Novo Testamento" em 1947). Amplamente alertou sobre concílios ecumênicos: Amsterdã em 1948; Evanston, Illinois, em 1954; e Nova Deli em 1961. Mas com a inclusão de igrejas Orientais, parece que tal união está mais longe do que perto, pelas diferenças que entre eles tem aumentado. A base Bíblica de unidade é "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef 4:5). Se todas as igrejas realmente tivessem um Deus, eles poderiam ter mais facilmente uma fé; então com uma só fé, um batismo seria o suficiente. Reciprocamente, se todas

as igrejas tivessem um batismo, então tal batismo poderia apontar à uma fé, e assim para um Senhor. Em todo caso, unidade baseado no menor denominador comum de doutrina é de pouco valor atualmente em face da grande quantidade de esforço e gastos feitos em relação a isto.

A sabedoria de João implantada pelo Espírito Santo e nutrida pelo estudo das Escrituras é visto novamente no fato de que pessoas sem preconceitos acreditaram nele. João foi um pastor popular. A sua coerência atraiu as massas. A sua falta de pretensão, de orgulho, e de presunção - tão evidente nos fariseus - o fez excelente. E quando o Espírito Santo falou por ele, as multidões reconheceram a sua sabedoria e grandeza. Como a igreja nascente em Pentecostes, ele teve "favor para com todas as pessoas".

Os muitos convertidos de João eram de uma mente: eles acreditaram no Senhor Jesus Cristo. Eles tiveram sucesso no seu testemunho aparte de televisão, rádio, jornais, revistas, livros, folhetos, publicações periódicas, telefones, telégrafos, organizações, equipes, faculdades, ou uma hierarquia elaborada. Todos estes podem servir bem a Cristandade nesta civilização moderna, mas eles não são de todo essencial. O que é essencial é o cristão ganhar um incrédulo para Cristo, e então mostrar ao novo convertido como ganhar outros. Isso é o que João fez.

Estes primeiros convertidos de João o Batista podiam ter feito pouco em termos de ajuda, mas eles eram por outro lado, ricos. Eles tiveram a Bíblia e eles tiveram a autoridade dela no qual acreditaram. Eles tiveram por Cristo amor, zelo, poder, humildade, desprezo pela glória terrestre, e desdém para honras mundanas. Eles tiveram a coragem pelas suas convicções, tudo em face a oposição "religiosa". João tinha ensinado bem aos seus "filhos".

O que os cristãos deste século atual podem aprender da sabedoria de João? Que recompensas seguirão a um retorno aos seus métodos e mensagem?

CAPÍTULO 10 - RECOMPENSADORAMENTE SEGUIDO

“... mas tudo quanto João disse deste era verdade. E muitos ali creram nele.” João 10:41, 42

Um avivamento começou neste lugar "além do Jordão" onde João batizou no princípio, e onde o próprio Cristo tinha sido batizado.

Os judeus tinham tentado apedrejar a Cristo (Jo 10:31-39), mas Ele escapou das suas mãos e foi para o Jordão visitar o lugar do Seu primeiro ato público. É bom uma pessoa voltar ao lugar onde grandes experiências espirituais aconteceram. Quando vidas cristãs passam novamente pela cadeia de eventos que conduziram a sua conversão e batismo, a sua alma é reavivada, as emoções do seu primeiro encontro com Cristo são vividas novamente e lealdades importantes são renovadas.

Cristo voltou para o lugar onde João O batizou. "E muitos iam ter com ele", o registro diz. Talvez o escritor de hinos, John Keble (1792-1866), teve esta bonita cena em mente quando escreveu:

"Onde está o conhecimento que o batista ensinou,
A alma firme e a língua destemida?
A sabedoria muito duradoura buscou
Através da oração solitária entre os seus lugares favoritos?
Quem ganha com isto agora?
A sua luz decairia, Assim o mundo inteiro seria para Jesus."

Todo cristão leal, e especialmente todo pastor verdadeiro, quer freqüência na igreja em que pastorea. Quando Cristo é o centro e os fatos simbolizados através do batismo são pregados sabiamente, então as pessoas irão para as igrejas. João o Batista teve a satisfação de ver grandes multidões vir aos desertos para ouvi-lo pregar a Cristo. Se os cristãos modernos aprendessem as técnicas dele, talvez multidões se juntassem para ouvir o Evangelho novamente. A pergunta então, é:

QUAL É O MELHOR MODO DE APRESENTAR O EVANGELHO DE CRISTO?

“... Deus fez ao homem reto, porém eles buscaram muitas astúcias” (Ec 7:29). Entre as invenções que existem no cristianismo hoje está a "dinâmica de grupo" onde as pessoas sentam em um círculo e trocam opiniões. Quando estas opiniões são resumidas, ou sintetizadas, é suposto que cada pessoa sentiu que um progresso foi feito. Mas a menos que uma alta autoridade como a Bíblia seja seguida, se duvida do progresso feito, se houve algum. Muito freqüentemente pregadores pobremente informados levarão tempo até verem com o resultado obtido que nenhum progresso acontecerá.

Sincretismo é outro plano que alguns modernistas defendem. Tome um pouco de Cristianismo, um pouco de Budismo, algo de Taoísmo, um pouco de sabedoria de Confúcio, e talvez um pouco de Bultmanismo; misture tudo junto, e o resultado deveria ser o melhor condensado de todas as religiões. Mas não funciona; não se produz cristãos.

Educação é ensinada como a única salvação da civilização. O presidente Kennedy nos deu uma memorável citação: "Conhecimento, não ódio, é a chave para o futuro." Certamente conhecimento é melhor que ódio, mas ainda não é o bastante. Os líderes de guerra japoneses tiveram muito conhecimento antes de Pearl Harbor; A Luftwaffe de Hitler teve conhecimento antes de bombardearem a Polônia e Holanda; Os líderes russos tiveram conhecimento antes de escravizarem milhões; ainda o ódio usou o conhecimento como uma ferramenta para fazer seu trabalho perverso. Não; só o amor de Cristo pode salvar a humanidade.

A cultura é o deus de muitas pessoas, até mesmo de alguns membros da igreja. Cultura é bom, mas sem Cristo toma uma direção e propósito para a queda. O Kaiser da Alemanha em 1914 ostentava orgulhosamente sua "kultur" [cultura em alemão], mas isto o fez arrogante e bélico.

Estas invenções dos homens foram experimentadas e eles sempre se acham em falta. O plano de Deus é melhor. O plano de Deus no começo da era do Novo Testamento incluiu um homem que Ele podia confiar, um homem cheio do Espírito Santo. Slater Brown disse bem (125):

"O batismo de arrependimento que João trouxe a este mundo de trevas era uma coisa nova, e sempre será nova neste mundo mau... Alcançar a Cristo, alcançar o gentil mestre da Galiléia, a pessoa tem que tomar a sua própria estrada pelo deserto deste mundo. Temos que seguir o modo que o batista mostrou para nós - depois do exemplo dele, constantemente fale a verdade, corajosamente repreve os vícios, e pacientemente sofra pela "causa da verdade".

O plano de Deus por apresentar o Evangelho é o melhor para o nosso mundo contemporâneo. É depender do enchimento do Espírito Santo, sua condução e poder salvífico. Todo grande evangelista, pastor, professor de escola dominical e missionário aprendeu esta difícil lição. Até aprender isso, então, nenhuma pessoa terá sucesso. Deus escolhe quem Ele quer para ser líder. Ele escolheu João o Batista antes da concepção, e lhe fez um grande profeta. Deus pode escolher algum menino que vive para ser o Seu futuro mensageiro para milhões agora. Ele pode estar somente testando aquela pessoa para ver se ele será submisso ao Espírito como João era.

Para os que desejam saber o que significa ser cheio com o Espírito Santo, eles têm no batista um exemplo claro. Os deixe ver o que João fez e como ele viveu, e os deixe estudar o que ele disse, e eles acharão pistas do sucesso da inspiração do Espírito. Porém, Deus não necessita lidar com duas pessoas quaisquer da mesma forma. Ele conduz uma pessoa de um modo e outra de outro. O Espírito Santo dará as direções a essas almas que são sensíveis o bastante e dispostas a ouvir a Sua voz. Ele nunca grita com alguém.

"Eu caminhei hoje onde Jesus caminhou", é o começo de uma bela canção. É o caminho certo para seguir. Aquele caminho fora marcado para Ele pelo Espírito Santo que levou João a "Preparai o caminho do Senhor; Endireitai as suas veredas" (Lc 3:4). O Espírito Santo ainda faz este trabalho.

A senha para o futuro é "arrependimento!" Era a palavra inspirada pelo Espírito Santo que João usou, e que Cristo usou depois dele. Era efetivamente usado por Pedro no Pentecostes, pelos irmãos Wesleys na Inglaterra, e por Finney na América. Esta palavra é necessária ainda, não só em missões e prisões, mas também em casas e nas igrejas. É necessária desesperadamente em escolas onde a Bíblia é rebaixada ao nível de conhecimento de folclore ou "mito" e os estudantes são deixados a tropeçarem impotentes sem a noção de autoridade divina. Esses professores que negam o sobrenatural na Bíblia estão cegando os olhos dos seus alunos em relação a habilidade de ver o poder de Deus. Esses filisteus modernos anulam a força potencial de cada Samsão que é enganado em acreditar nas suas falsas doutrinas.

Como se apresenta o Evangelho? Pelo arrependimento! Julgue seus próprios pecados primeiro. Abandone todos os pecados conhecidos. Receba a Cristo como o seu substituto oferecido pelo pecado. Confesse o pecado e então confesse a Cristo pelo batismo. Então, como uma parte do corpo de Cristo que é a igreja, vá trabalhar entusiasticamente para Ele.

"João veio a vós no caminho da justiça" (Mt 21:32). Seu batismo declarou retidão, por isto a morte e o enterro de todo o pecado simbolizaram a consequente subida para entrar em novidade de vida. Em um sentido, então, os chamados pelo nome de batistas estão debaixo de maior obrigação que todos os outros para viver vidas de retidão. Porque o nome batista implica uma vida limpa, desde que batismo é um símbolo de limpeza. Cristãos que têm outros nomes para suas igrejas (que também pode carregar ricos significados) também desejarão viver vidas limpas, mas os seus nomes não implicam tal obrigação como o nome "batista" faz.

Ricas recompensas esperam as pessoas que seguem ao seu Deus Jesus Cristo tão sinceramente quanto o primeiro batista o seguiu. Jesus elogiou João mais profusamente do que qualquer outro na terra, enquanto não excluindo a própria mãe. João mereceu este pródigo elogio porque ele escutou o conselho de Deus primeiro, e então ele seguiu tal conselho. Isto nos leva a perguntar –

QUAL É O MELHOR MODO DE PROMOVER O CONSELHO DE DEUS?

Primeiro, a pessoa tem que entender a natureza do Evangelho. Isto envolve um conhecimento preciso da Bíblia, especialmente o Novo Testamento. Então com este conhecimento santificado e organizado pelo Espírito que nele habita, o cristão usará todas suas energias vivendo e ensinando o Evangelho. Pessoas preguiçosas não terão sucesso; elas nem mesmo vão começar a mostrar resultados. Agitadores comunistas não são preguiçosos; eles trabalham ativamente para o seu materialismo ateu e dialético. Membros de seitas não são preguiçosos; o seu fanatismo só é igualado ao seu zelo.

Eles pensam que são superiores aos cristãos ordinários, e são – em esforço. Estes membros de seitas estão saturados pelos espíritos malignos de dissensão, de oposição a divindade de Cristo, e de oposição pela salvação através da graça. Os cristãos devem permitir que o mundo pense que o Espírito Santo tem menos poder e influência que o espírito do mal? Deus proíbe!

O joio e o trigo serão um dia separados, João disse (Mt 3:12). Serão identificadas as ovelhas e os bodes, Jesus disse (Mt. 25:32, 33) Paulo (II Tm. 4:1) e Pedro (I Pe 4:5) disseram que Deus vai algum dia julgar "os vivos e os mortos". Mas no período antes destes julgamentos futuros, as pessoas irão elas mesmas se dividir. Eles tomarão partido com Cristo, ou contra Ele. No Evangelho de João é feita a seguinte declaração: "Assim entre o povo havia dissensão por causa dele" (Jo 7:43; 9:16; 10:19). O próprio Senhor Jesus disse, "Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas antes dissensão" (Lc 12:51). Esta divisão será devido ao fato que alguns aceitarão a Cristo como o Salvador e Senhor pessoal delas, enquanto outras O rejeitarão.

Muitos liberais não gostam deste pensamento de divisão. Eles gostam de ensinar que todos os homens têm muito valor; que Deus é muito bom para deixar qualquer um perecer; e que Ele inventará alguma maneira de abrir espaço para todo o mundo em Seu céu universalista. Eles promovem a "A Seita da Igualdade" no qual juntos somos todos bons seguidores. Por exemplo, Wendell Willkie escreveu um livro intitulado "One World" [Um Mundo] depois que viajou pela Rússia durante segunda guerra mundial. Ainda outro homem produziu um livro chamado "The Coming Great Church." [A Grande Igreja que se aproxima]. Grandes sofrimentos são tomados para promover uma raça. Abaixo com todas as divisões!

A "seita da Igualdade" que deseja demolir todas as paredes deveria temperar sua cruzada lendo os livros inspirados de Esdras e Neemias no Velho Testamento. Esses dois grandes homens foram levados por Deus a reconstruir os muros de Jerusalém, a rejeitar todas as "uniões de esforços" dos seus vizinhos descrentes e manter a integridade como também a identidade de seu povo. Tão claramente quanto qualquer coisa na Bíblia é declarado que Deus conduziu Esdras e Neemias a restabelecer os muros de Jerusalém. Isto não argumenta em favor de isolacionismo extremo e segregação fanática, mas sugere que a integração tenha seus limites. "A parede derrubada" de Efésios 2:14 que deveria ser entendida a luz da parede restabelecida de Neemias 4:6 e 12:43.

Porém desejar um mundo ou uma igreja ou uma raça é o sonho do homem, o fato é que o mundo presente está dividido pelo mal. Provavelmente não será de outra maneira até que Cristo traga o Seu próprio Reino "em que habita justiça". O Reino, João o Batista o proclamou como estando perto e um dia será universal em extensão. "Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar" (Hab. 2:14; Is 11:9). Dos milhões que repetem a oração do Senhor com o seu "venha o Teu Reino", alguns desejam saber se todos os cristãos percebem o que estão pedindo. Mas algum dia Deus terá um mundo, independente da tola profecia de Willkie.

Esta seita é preocupada com a união da igreja, não sem alguma razão. A maioria das divisões são desnecessárias. Algumas aconteceram porque o corpo principal apostatou; nesses casos uma nova reforma do corpo precisou ser feita. Mas nenhuma união verdadeira pode funcionar quando for baseada na tradição ao invés da Bíblia, ou quando é controlada por uma hierarquia auto perpetuada mais do que pelo Espírito Santo, ou quando o propósito é para o orgulho da grandeza mais que lealdade para com Cristo. Somente quando todos os cristãos estiverem determinados a se voltar para a Bíblia, para Cristo, e para o Espírito Santo, a verdadeira união será possível. E desde que o batismo é uma das principais bases da união (Ef 4:5), é importante restabelecer o significado original e o modo desta ordenação. A Ceia do Senhor, enquanto importante, é um símbolo de menor importância de unidade que o batismo no Novo Testamento. E os que depreciam a Ceia do Senhor permitindo a qualquer um, batizado ou não, compartilharem-na com todos os membros com a finalidade de promover a "unidade" - destroem de fato a base bíblica da união cristã.

Mais adiante, os membros desta seita estão freneticamente ocupados em alcançar uma raça, até mesmo ao preço de miscigenação. Eles citam uma porção de Atos 17:26, " E de um só sangue fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra "mas eles parecem ignorar o resto da passagem - "determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação". O tráfico de escravos que começou a amaldiçoar a América desde 1619 e ainda está amaldiçoando a nação com dificuldades raciais que parecem ser insolúveis. A América está colhendo o que semeou. Mas muitas pessoas bem-intencionadas parecem esquecer que primeiro foi o próprio Deus que dividiu o gênero humano em segmentos e "...os espalhou o SENHOR sobre a face de toda a terra" (Gen. 11:5-9). Foi Deus quem fez as pessoas de cores diferentes. "Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas?" (Jer. 13:23). Os samaritanos não são um exemplo feliz de integração, embora cor de pele possa não ter sido envolvida.

Jesus sempre foi amável com os samaritanos, embora Ele nunca exigisse uma mistura de raças. Verdadeiros cristãos sempre foram amáveis com pessoas de todas as raças, e eles sempre serão onde quer que vivam. Mas a propaganda sutil de comunistas, e a não menos demagogia sutil dos políticos, mais os liberais que estão desesperados por uma "causa" - todos estes continuam amedrontando os anti-miscegenacionistas com acusações de preconceito e fanatismo. Alguém já desejou saber, se igrejas sulistas foram tão más todos estes anos, por que é que a maioria do negros americanos respeitaram os batistas o suficiente a aceitar a sua fé? E onde os não brancos do mundo todo são tão afortunados quanto na América? Deus pode abençoar todas as raças que estão tentando viver melhor. Deus os ama sem parcialidade; é assim que devemos ser.

Para o que foi escrito acima não pareça como uma divagação, pode-se bem citar João 1:29 novamente. "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". Então o batista teve o mundo inteiro em vista, todas as suas raças e outras diferenças. Aqui é a primeira nota missionária forte no Novo Testamento. Que requereu um milagre para Pedro ver em Atos 10, João tinha visto muito tempo antes. Mas João não era desta seita; ele declarou que Cristo "limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga". (Lc 3:17).

Em tudo isso João estava inspirado pelo Espírito santo. Ele declarou tão bem o conselho de Deus que Cristo pode endossar a sua pregação. Se os cristãos contemporâneos desejarem o endosso de Cristo, eles fariam bem em copiar João o Batista. Claro que, Cristo é o grande exemplo para todos os cristãos, mas os que seguem o exemplo dele prestarão muita atenção ao modo de João como Ele fez. O propósito de João foi fazer Cristo manifesto. Nosso propósito deveria ser o mesmo.

QUAL É O MELHOR MODO PARA REVELAR O CRISTO HOJE?

É viver o Evangelho. Uma pessoa cheia do Espírito Santo, como foi João, terá fruto do Espírito (Gl 5:22, 23). Estas virtudes indispensáveis adornam o Evangelho (Tt 2:10). Amor para todos os homens deve ser praticado mais do que pregado.

Para revelar a Cristo a pessoa deve pregar o Evangelho. Esta pregação não necessita estar limitada as igrejas ou congregações; pode ser uma pessoa que fala com uma outra, como em Atos 8:35. Filipe pregou o Evangelho ao eunuco etíope; ele evidentemente incluiu batismo porque o novo convertido pediu primeiro.

O que é o Evangelho, brevemente? Paulo o condensou em 1 Coríntios 15:1-4. "Cristo morreu por nossos pecados"; "foi sepultado"; "ressuscitou ao terceiro dia". Isto, disse Paulo, é o Evangelho "pelo qual também sois salvos". João Batista pregou este mesmo Evangelho no batismo.

Podem ser feitas ajudas visuais para revelar a Cristo. João usou uma, um objeto de lição ideal para fazer Cristo manifesto e fazer a verdade do Evangelho ser entendida mais facilmente. Esta ajuda visual é descrita claramente em três passos simples em Romanos 6:4. "De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte" - isto descreve o convertido renunciando os seus pecados e os sepultando simbolicamente. "como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai," - isto retrata o crente que começa a sua vida nova, habilitado pelo poder da gloriosa ressurreição do Pai. "... assim andemos nós também em novidade de vida" - isto sugere comunhão íntima com Cristo ao longo da vida da pessoa. O crente batizado tem uma vida nova, uma nova companhia, um novo poder, um novo motivo, uma nova meta, e uma nova comunhão. Louve a Deus!

Cristo vive! Ele salva! Ele satisfaz! Tudo isso que Ele faz para cada crente porque Ele ressuscitou dos mortos. O batismo testemunha este fato sublime. Imersão, e somente isto, basta para este ensino de ajuda visual. A Bíblia não conhece nenhum outro exemplo de "batismo", preceito, conclusão ou tipo.

Como a ordenação de batismo significa tais fatos extremamente fortes, então segue-se que o nome batista também deva carregar as mesmas grandes verdades. João foi chamado "Batista" porque ele batizou. Na Bíblia "versão americana padrão" (American Standard Version) em Mc 6:14, 24, ele é chamado João o Batizador. E ele batizou para revelar a Cristo. Então todo batista deveria revelar Cristo do mesmo modo, ou de um modo semelhante embora em grau diferente.

Nomes na Bíblia são significantes, e esclarecedores. O nome batista não é uma exceção. Carrega os três fatos essenciais do Evangelho Cristão (I Cor. 15:1-4). A palavra "batismo" em sua forma cognata aparentemente contém toda a obra e o testemunho cristão e de se ganhar almas.

Toda a obra de João Batista é descrita em João 1:28 pela palavra que "batizando"; em João 1:31 "batizando"; em João 3:23 "batizava"; e em João 10:40 por "batizado".

Toda a obra de Cristo é descrita em João 3:22 pela palavra "batizava"; em João 3:26 através de "batizando"; e em João 4:1, 2 por "batizava".

Como isto pode ser? Por que o Espírito Santo inspirou a Escritura com esta nova palavra? Talvez por estas razões. Batismo é a culminação lógica de todo o trabalho para ganhar uma alma para confessar a Cristo como o seu Salvador. No batismo da época do início do Novo Testamento o convertido era levado a confirmar sua conversão; era o primeiro dever de cada convertido. Ninguém parecia postergar, ou debater, ou negar, ou revisar isto, como tantos fazem agora. Um convertido não batizado era como se fosse um desobediente. Assim o batismo representa TODO o trabalho de ganhar almas.

Além disso, batismo significa a vida nova em Cristo, vida que vai até a morte. A vida batizada é a vida DENTRO, PARA e COM Cristo; é a nova vida; é distinta do velho modo. Consequentemente, o batismo significa toda a vida nova com seu treinamento para o serviço, testemunho, e trabalho.

Com estes fatos em mente, a pessoa pode prontamente ver a sabedoria divina chamando o primeiro cristão pelo nome de batista. Ele não estava envergonhado disto. É um bom nome por várias razões.

Primeiro, o nome batista é um nome Bíblico. É achado quinze vezes no Novo Testamento [Nota do tradutor: Na versão Almeida Corrigida Fiel a palavra batista aparece quatorze vezes]. Mostra o homem de quem Cristo aprovou com altos elogios. Significa tudo aquilo que João acreditou e ensinou aos seus muitos convertidos a acreditar. Eles compartilharam as suas visões; eles tiveram o seu ponto de vista sobre o Senhor Jesus; eles eram como crentes firmes no seu Evangelho e no batismo como convertido devem ser. Enquanto não é dito que eles foram chamados batistas (nenhuma necessidade

então), eles poderiam ter sido chamados assim com perfeita propriedade. Eles eram batistas sem serem partidários.

Segundo, o nome batista é um nome descritivo. Descreve alguém que acredita na morte de Cristo, sepultamento e ressurreição em seu lugar, alguém que sepultou a sua vida passada de pecado voluntariamente e ressuscitou para entrar em novidade de vida com Cristo, alguém que acredita em tudo aquilo que João pregou sobre Cristo, alguém que acredita em tudo aquilo que Cristo disse sobre o Seu precursor, e alguém que é obrigado pelo seu batismo a exibir Cristo na sua vida.

Terceiro, o nome batista é doutrinariamente sã. Além de carregar os pontos salientes do Evangelho como mencionado acima e no capítulo seis, é solidamente baseado na Bíblia. O Senhor Jesus aprovou o nome batista. Ele o usou repetidamente. O Espírito Santo dirigiu seu uso. E Deus Pai aprovou o batismo de João pela Sua voz ao batismo do Seu Filho.

Quarto, o nome batista é unificador. É um ato que qualquer convertido, não importa o quão fraco seja, pode fazer exatamente do mesmo modo que o próprio Cristo observou. É o mesmo para todas as raças, para presos ou livres, para homens ou mulheres, para todas as idades, para ricos ou pobres, para o instruído ou analfabeto, para o velho ou jovem, para famílias inteiras, para todo país, para toda idade, e aceito por todas as denominações. Nenhum outro "modo de batismo" tem todos estes ativos. "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef 4:5).

Quinto, o nome batista é centrado em Cristo. Aponta para Cristo que morreu e ressuscitou novamente para nós; aponta para Cristo como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; aponta para Cristo como nosso único Salvador.

Nega dessa maneira a salvação pelas obras, ou através de ordenanças, ou de nascença, ou através do caráter, ou de linhagem ancestral. Este símbolo pela morte enterra toda pretensão de que alguém se salva através de obras. Indica por submissão completa para o batizador como o agente de Deus, a dependência inteira Nele. Este nome também nos faz lembrar que João citou a promessa que Cristo batizaria os Seus seguidores no Espírito Santo.

Toda a Cristandade em uma tremenda dívida ao primeiro batista!

Todos os cristãos que, debaixo de Deus, seguiriam a João como um ganhador de almas, sendo completamente devotado a Cristo, sendo fiel até morte, como merecedor de confiança de todos os que o conheceram, tendo recebido a Cristo - todos estes mereceriam assim pelo menos parte da aprovação que Cristo deu ao primeiro batista.

SUMÁRIO E CONCLUSÃO

Todo cristão que estuda no Novo Testamento os fatos sobre João o Batista irá encontrar um grande homem – grande diante dos olhos do Senhor e de seus contemporâneos. De todos os povos, os Batistas devem considerá-lo seriamente, e tentar imitá-lo no serviço ao nosso Senhor. Desde que não podemos mudá-lo para ajustá-lo aos modernos Batistas, devemos mudar nossos meios para se adequar seus princípios.

Todos os convertidos de João eram batistas em crença. Todos aceitaram as crenças e práticas de João, de outro modo eles não teriam sido seus convertidos. Não lemos que eles eram chamados Batistas por não existir denominações ou divisões entres os crentes naquele tempo. Se eles foram chamados de Batistas, isto pode ser tirado de sua lealdade para com Cristo. Mas depois de quase 2 milênios de história da Igreja, com milhares de denominações, o nome Batista é necessário. Serve como uma brilhante luz focada diretamente em Cristo. É como uma lente de aumento, revelando a glória de Cristo. Todos os significados e implicações do Novo Testamento sobre o nome Batista servem para definir o Evangelho de Cristo.

Este estudo do Novo Testamento não deve fazer nenhum Batista orgulhoso; ao contrário, deve fazê-lo humilde. Deve revelar o quão perto devemos estar do caráter de João. Ele foi um homem cheio do Espírito Santo. E aqui está o desafio: permita ser cheio com o Espírito Santo; permita reproduzir aquelas características que Cristo elogiou tanto em João; permita ser fiel até a morte.

João o Batista, se vivesse hoje, teria pouca paciência com o liberalismo que desonra a Cristo. Ele acreditava firmemente na divindade de Cristo, eternidade e na vinda de Seu Reino. Se fosse um “bom seguidor” dos líderes modernistas, ele trairia a Cristo. Sua lealdade em primeiro lugar seria para com o seu Senhor; todas as outras obrigações seriam secundárias. Ele definiria cooperação à luz das Escrituras, não à luz da experiência ou da política.

O Ecumenismo teria pouco impacto para o primeiro Batista. “Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?” Ademais, ele não teria tempo para contínuas viagens e intermináveis conferências sobre minúcias; ele estaria demasiadamente ocupado ganhando almas para Cristo – milhares delas. Como Neemias ele diria: “Faço uma grande obra, de modo que não poderei descer; por que cessaria esta obra, enquanto eu a deixasse, e fosse ter convosco?” (Ne 6:3). João via multidões de pessoas não salvas prontas para a colheita, e ele trabalharia duro e longamente para salvar todos os que ele pudesse. Como pode um moderno Batista fazer menos?

João ficaria encantado com tantas escolas e igrejas ganhadoras de almas, devotadas ao Evangelho do Novo Testamento. Ele recomendaria que todas as tradições supérfluas fossem postas fora e todas as alianças comprometedoras fossem encerradas. Sem cismas, ele uniria pessoas a Cristo e não as tomaria para si mesmo. Ele recomendaria a união de ações, organização sadia e cooperação que estivesse focada na energia do Evangelho. Ele foi um promotor da liberdade no melhor sentido da palavra. Seu tipo de evangelismo o livrou de intermináveis comitês, comissões e conferências. Independente de modernas condições que pudessem mudar seus métodos, ele usaria todos os meios disponíveis para fazer sua pregação mais efetiva.

“Vá!” é a palavra do astronauta para “Está tudo pronto; comece”.

“Vá!” é a palavra de Cristo para nós, em Sua Grande Comissão.

“Vá!” era o lema de João, pronto para pregar ou morrer por Cristo.

“Vá!” é a palavra de João e Cristo para nós.

SOBRE O AUTOR

O autor, doutor S. E. Anderson foi batizado, ordenado e ensinado pelos batistas do Tennessee. Ele serviu como pastor no Tennessee, Minnesota, Washington, Oregon e Illinois. Durante a segunda guerra mundial ele serviu como capelão no exército.

A Union University de Jackson, Tennessee outorgou ao autor a graduação, enquanto que o mestrado e o doutorado foram recebidos pelo Seminário Teológico Batista do Norte, de Chicago.

De 1951 a 1963 o doutor Anderson serviu no Seminário Teológico Batista do Norte. De 1963 a 1970 ele esteve na faculdade do Judson College, em Elgin, Illinois. Desde então ele tem dedicado seu tempo a escrever.

Entre outros livros escritos pelo doutor Anderson estão: *Every Pastor A Counselor*, em duas edições, mais uma em português; *Nehemiah The Executive*; *Shepherds to 24,000,000 Service Men*; *Is Rome The True Church?*; *Our Dependable Bible*; *Your Baptism Is Important*, em três edições, mais uma em espanhol e em coreano; *The First Church*, duas edições e mais uma em desenvolvimento; *Baptists Unshackled—from Liberalism, Dispensationalism and Ecumenism*. Em atual fase de desenvolvimento: "Armstrongism Analyzed" e "The First Communion."

Tradução: Edmilson de Deus Teixeira

Revisão: Glailson Braga, Luiz Haroldo Araújo Cardoso e Calvin G. Gardner – 02/2010